

Antônio Lopes

Trovas & Sovas

Em função de um dos mais cruciantes problemas regionais (a Ponte Ilhéus-Pontal) trazemos à lembrança dos leitores um dos interessantes duelos epigramáticos já travados na imprensa baiana...

Sai cena romancada

que "show" que não é do "O-Kay",

que acaba em pancada,

que não sai...

SOLO DE TROMBONE

*(ditos & feitos
de Alberto Hoisel)*

edus

Editora da UESC

SOLO DE TROMBONE

*(ditos & feitos
de Alberto Hoisel)*

Do autor:

Buerarema
Falando Para o Mundo
(crônicas)

Letra Impressa/1999

Antônio Lopes

SOLO DE TROMBONE
(ditos & feitos
de Alberto Hoisel)

Agora Editoria Gráfica Ltda.

Lopes, Antônio (1941 -)

Solo de Trombone
(ditos & feitos de Alberto Hoisel)

Antônio Lopes - Itabuna:
Agora Editoria Gráfica Ltda, 2000
202 páginas

=====
=====

Projeto gráfico:
Arnold Coelho
Capa: Arnold Coelho (tratamento digital de
foto no Bar de Barral, pertencente ao acervo
de Raymundo Pacheco Sá Barretto)

Revisão:
Sandra Sberveglieri/Beto Hoisel
=====
=====

A reprodução em livro ou qualquer outro meio
depende de autorização expressa do autor.
Copirraite de Antônio Lopes

abcdlopes@uol.com.br
Rua T, 149 - Loteamento Vitória Loup Soares
45600-000/Itabuna,BA.

Para

Cyro de Mattos
Hélio Pólvora
Jorge de Souza Araujo e
Marcos Santarrita,
mestres de prosa e verso que
levam mais longe e mais alto
o nome destas terras do cacau
que são todas, no final das
contas, terras de Ilhéus.



Alberto Hoisel, em foto de estúdio distribuída aos eleitores, quando candidato a vereador, em 1958

ÍNDICE

Apresentação	9	Ilhéus no coração	147
Prólogo	15	II - Canto	151
I - Rimas	17	Confissão	153
Indefesos corações	19	Mugiquiçaba	154
Faculdade de... “deveres”	23	Teus olhos	155
Personagem de si mesmo (I)	29	A uma noiva	156
Analfabeto trilingüe	31	Romance	157
Um bar chamado “Barral”	37	Post-Mortem	158
Hoisel por Hoisel	39	Soneto	159
Personagem de si mesmo (II)	48	Reconciliação	160
De fruta-de-conde a vassoura-de-bruxa	50	Nostalgia	161
Inimigo da monotonia	55	Lamento	162
“Rejeição” na Cooperativa	59	Recompensa	163
Um homem de direita	62	Predestinação	164
“Ananias, naniás, naniás...”	64	Meus versos	165
Nervos de aço	70	Fatalidade	166
Pronta resposta	72	Meu poema de amor	167
Hora da vingança	76	III - Casos	173
Filho da... Catalunha!	79	História de caça em que entra pesca	175
A Justiça lavada	85	Dourado à Lino Cardoso	176
Pai que dorme no mar de lama	87	Tatu no anzol à Alciato de Carvalho	176
Roberto foi-se sem martelo	93	O homem do muro	178
Nostalgia do crime	99	Piaçava irrigada	180
Um Dorea naufragou	101	Produto da ditadura	180
Homem do asfalto	105	Doar é melhor do que vender	182
Vaca “deleitada”	108	Dinheiro “emprestado”	183
Anatomia do rádio	112	O boi comunista	184
Batalha de Itararé	114	O homem que não bebia água	186
Vida de vira-latas	119	Gotas de fanatismo	188
Panorama visto da ponte (e do porto)	121	De como não virar bruxa	189
Amigos, amigos...	125	IV - Oração	191
Metros de... “amizade”	127	Epílogo	193
O primeiro “foca”	135	Agradecimentos	196
Caso de polfícia	137	Obras consultadas	197
Os anos de chumbo	143	Créditos das fotos	198
		Índice onomástico	199
		Sobre o autor	201



Os Hoisel em 1960 (acima) e 1997. Na mesma posição, a partir da esquerda, de pé: Gustavo, Tânia, Dinah, Solange, Maria Lúcia, Gracinha e Fernando; sentados: Alberto Jr., D. Ivany, Alberto Hoisel e Conceição (na primeira foto, aparecem, na parede, os símbolos do Integralismo)

A voz da resistência

Margarida Cordeiro Fahel*

Antônio Lopes, este jornalista nascido nas terras nordestinas do Pajeú de Flores, Pernambuco, foi, entretanto, crescido e plasmado nas terras de Macuco, a Buerarema de hoje, e fortificado pelas histórias de Ilhéus, onde fez o antigo curso científico, depois concluído no famoso Colégio Estadual da Bahia. De Pernambuco para a Bahia, o jornalista, graças a Deus, vai de *Buerarema Falando Para o Mundo*. Agora, empresta a sua pena/dígito para a voz de Alberto Hoisel, “carioca de nascimento e ilheense por circunstância”, como escreve em seu capítulo inicial de *Solo de Trombone (ditos & feitos de Alberto Hoisel)*. A imagem retida no título de Antônio Lopes é semanticamente perfeita. Hoisel, o epigramista (*) que se faz tema do livro de Lopes, é a voz de trombone (bota a “boca no trombone”, já diz a expressão popularmente conhecida).

O jornalista Antônio Lopes, sabem todos que o lêem e, especialmente, os que recentemente leram *Buerarema Falando Para o Mundo*, é profundamente ligado a essas terras do cacau, às suas gentes, às suas histórias. Com espírito crítico por índole e por dever de ofício, terras, gentes e fatos curiosos tornam-se matéria para suas análises e considerações, em que o discurso jornalístico é recheado de nuances de humor, que o aproximam, por vezes, da paródia e da sátira. Talvez essa tendência à palavra cortante, às vezes ambígua (saudavelmente ambígua, como é a palavra em literatura), justifique o exaustivo trabalho que agora toma corpo em *Solo de Trombone*. Assim, debruçando-se sobre pesquisas por meses a fio, consegue trazer à publicação muitas das “trovas e sovas” de Alberto Hoisel, publicadas e ditas, por muitos anos, no tradicional *Diário da Tarde*, nas rodas de bar e esquinas de Ilhéus.

Antônio Lopes estrutura *Solo de Trombone* em capítulos intitutados, mas não numerados,

(*) Conquanto os dicionários mais usados da língua portuguesa (Caudas-Aulette, Aurélio, Michaelis) registrem o verbete *epigramatista* como “pessoa que faz epigramas”, utilizamos ao longo deste livro a forma *epigramista*, não dicionarizada. Optamos por um termo de uso corrente, largamente empregado pelos bons autores (a exemplo da signatária deste artigo), embora, ao que parece, não reconhecido pelos dicionaristas. Mais do que mero prazer na transgressão, a escolha pretende deixar clara nossa preferência entre dois extremos da linguagem: a estática e a dinâmica.

que se distinguem por um “intróito”, graficamente diferenciado do que aqui chamamos de corpo do capítulo. Nesses intróitos, o jornalista, misto de cronista do cotidiano, vai, sem qualquer compromisso cronológico (o que lhe confere dinamismo e agradável subjetividade ao texto), traçando o perfil do epigramista e contextualizando-o no cenário sócio-político e cultural de Ilhéus e da Bahia.

Nesse momento, o jornalista/cronista deixa entrever laivos do memorialista que parece investir e que já se antevê em *Buerarema Falando Para o Mundo*. No corpo dos capítulos, também sempre intitulados, Antônio Lopes vai apreciando os epigramas, buscando interpretá-los e explicá-los a origem, as causas, os desdobramentos, as circunstâncias.

Então, o seu trabalho se faz especialmente interessante, pois, para tais interpretações, fatos, pessoas e situações de Ilhéus, da Região e do Estado são retomadas. E, aí, o trabalho ganha duplo fôlego: à voz ferina de Zé... *ferino* ou de *Bolinete* (pseudônimos de Hoisel), juntam-se fontes documentais do autor deste *Solo de Trombone*, conferindo ao texto nova dimensão. Ao sabor acre da palavra do epigramista alia-se o comentário crítico do jornalista, às vezes também sutilmente mordaz, mas objetivo em termos de vivência de contextualização de uma sociologia local, de fatos históricos determinados.

A leitura de *Solo de Trombone* configura, a partir daí, duas possibilidades de deleite, de fruição do texto: uma primeira leitura, principalmente para os filhos e moradores dessas terras, despertará para a revisão de figuras e momentos regionais, de indiscutível importância, ou de saborosa memória; uma segunda, implícita especialmente nos epigramas transcritos, estimulará o interessado pelo gênero, quer do ponto de vista da técnica literária, quanto do ponto de vista de todos aqueles que enxergam o fenômeno poético em sua contemporaneidade e

desejam entender o sentido do humor na poesia.

O epigramista Alberto Hoisel insere-se numa vertente da poesia humorística. Isso provoca polêmica sob todos os ângulos que se queira considerar. Em primeiro lugar, considera-se que o lugar “de onde se move a sátira é, claramente, um topos negativo”, como diz Alfredo Bosi no seu *O Ser e o Tempo na Poesia*. Ela é demolidora e, como tal, significa uma “recusa aos costumes, à linguagem e aos modos de pensar correntes.” Satirizar significa ter uma consciência alerta; é preciso ser revolucionário, sem deixar de ser saudosista, e é preciso não ter pena das mazelas do presente. O satírico, assim como o parodista, precisa estar mergulhado na própria cultura para ser autêntico. Fala dela e para ela. Precisa, portanto, o poeta satírico, saber dos riscos em que incorre. Sua sátira, assim como sua paródia, diz claramente do seu partido, dos seus amigos, dos seus inimigos, e diz, também, de suas próprias fragilidades. A sátira aparece sempre em momentos em que a vida do homem civilizado parece apequenar-se e quando toda uma formação moral ou literária entra em crise. Eis o lugar e o momento da sátira.

A história da poesia tem marcantes momentos e nomes expoentes da sátira. Hoje, entretanto, mais que isso, a opção por esse gênero, assim como a paródia, constitui uma alternância de resistência da poesia. Nesse atribulado mundo capitalista, nessa incessante corrida da tecnologia, pergunta-se se haverá espaço para a poesia. Ela, a doadora de sentidos, corre riscos nesses séculos de revoluções industriais e tecnológicas. Alguns fariam até na morte da fala poética. Então, os poetas retomam o mito, o epos revolucionário, a sátira, a paródia, a utopia, a própria metalinguagem como estratégias de resistência. Resistem e insistem na “missão” maior da fala poética: um trabalho que se faz no tempo do corpo (som e imagem) e no tempo da consciência, enquanto produz sentido e valor. E, assim, ergue-se o espaço novo da sátira aliada à

práxis. É indiscutível que também as angústias e as dores da práxis geram poesia. Preferindo o ataque à defesa, a sátira abre espaços para as decisões particulares e para a independência.

Dessa forma, abrindo seus próprios caminhos, a poesia vai negando e demolindo para reconstruir. E, então, a negatividade da sátira se torna a “boa negatividade”.

Por certo, esta consciência do papel da sátira tenha seduzido o jornalista Antônio Lopes e o tenha movido à discussão da obra do epigramista Hoisel. Nesses tempos em que não há mais lugar para o herói clássico ou para as canções de gesta, o herói satírico tem sua vez. A voz do herói de hoje, anti-herói, funciona como “ácido depurador”. E, em assim sendo, a palavra do herói satírico, o próprio poeta, tornar-se-ia uma literatura antiliterária. Mas é essa “antiliteratura literária”, se quisermos aprofundar o jogo conceitual, que mostrará o avesso dos sistemas, das pessoas, das instituições. É a palavra “não oficial”. Hegel, falando do “humor”, diz que essa atividade “dissocia e decompõe, por meio de achados espirituosos e de expressões inesperadas, tudo o que procura objetivar-se e revestir uma forma concreta e estável. Assim, tira-se ao conteúdo objetivo toda a sua independência, e consegue-se ao mesmo tempo abolir a estável coerência de forma adequada à própria coisa; a representação passa a ser um jogo com os objetos, uma deformação dos sujeitos, um vaivém e cruzamento de idéias e atitudes nas quais o artista exprime o menosprezo que tem pelo objeto e por si mesmo.”

Os versos satíricos de Hoisel aí estão, portanto, expostos por Antônio Lopes. O jornalista tentou e conseguiu emoldurá-los: a Ilhéus de ontem, de hoje; a Bahia de ontem e de agora: nossas instituições, nossas autoridades, nossos erros e acertos. Por vezes, muitas, o epigramista foi até profético (outra grande função da poesia); em outras, através de saborosos jogos verbais e nuances semânticas primorosas, eivadas de intertextualizações, inscreve e

registra o cotidiano nem sempre heróico da província.

Figuras, fatos, lugares, em alto e baixo relevo, misturam-se à concepção gráfica e o cenário se completa com recortes de jornais e fotos da época. O jornalista/cronista não se isenta. Deixa clara a sua simpatia pelo epigramista, compactua com sua irreverência, com seu espírito livre, sua ânsia por justiça, por honradez. Perdoa-lhe os equívocos e louva-lhe os méritos, os princípios definidos. Ou seja, mostra o epigramista em sua grandeza e em sua pequenez humanas, mas, acima de tudo, louva-lhe a verve, o verso ora azedo, ora grosseiro, mas sempre lúcido e destemido:

*Quando eu nasci minha sorte
Lançada estava; sortudo,
Eu nunca temi a morte...
O que temo é ficar mudo!*

É forçoso lembrar, então, os versos do mais famoso poeta satírico baiano, Gregório de Mattos Guerra, também ele irreverente e destinado:

*Se souberas falar, também falaras
Também satirizaras, se souberas,
E se foras Poeta, poetizaras.*

*A ignorância dos homens destas eras
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canoniza bestas feras.*

Alberto Hoisel, o epigramista de Ilhéus, tem sua voz aqui perpetuada em *Solo de Trombone*, de Antônio Lopes. E em sua voz, figuras, fatos, histórias. É a função da poesia, doadora de sentidos.

* Professora titular de Literatura Brasileira
do Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual
de Santa Cruz (Uesc).

PRÓLOGO

Era o Restaurante Samburá em 20 de setembro de 1960, à noite...

De repente, o recinto fica mais iluminado, com a entrada de um senhor de pele clara, mais gordo do que recomendava sua estatura, um tanto apressado, procurando alguém que lá não estava. Antes de sair tão rapidamente quanto entrara, ainda teve tempo de recriminar, com ar bonachão, um pequeno grupo de funcionários do Banco do Brasil, numa mesa próxima à que eu me encontrava:

- Vocês continuam os mesmos: saem do banco, vêm pra banca...

Uns bebedores ruidosos que falavam de poesia, com um deles tentando recitar um soneto, foram logo apelidados de esponjas flutuantes.

E quando alguém se referiu à crise do cacau que já pairava sobre todos nós, ele, já à porta da rua, aproveitou-se do novo mote:

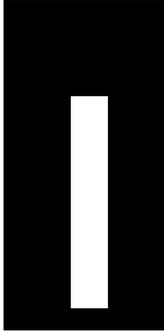
- O mal dessa região é que as pessoas não pensam, todo mundo age: Roberto Hage, Carlos Hage, Jorge Hage... - dito o que Alberto Weyll Hoisel (pois não era outro, senão ele) desapareceu dentro da noite ilheense, com uma risada...

Sem que eu soubesse, este livro nasceu naquele momento.

(A.L.)



“Aquele grande círculo de matéria plástica, colocado na cintura, gira, gira e torna a girar, bastando para tanto um bom gingado, o que as ilheenses bem sabem fazer. Dá gosto ver-se nas praias, nas avenidas, nas ruas e praças da cidade uma ilheense bamboleando” (*Diário da Tarde* , 4.mar.59)



Rimas

*“Crer sempre em tudo que digo
É tolice rematada:
Sou dos que perdem o amigo
Mas não perdem uma piada!”*

INDEFESOS CORAÇÕES

Quando 1960 nasceu, Ilhéus era uma pacata cidade de 40 mil habitantes (em 1963, todo o município tinha 104.429, segundo o IBGE), com o comércio dominado por grandes lojas (A Gaúcha, as Pernambucanas, as Arnaldo), empresários pequenos e médios, muitos sírio-libaneses, as padarias Luso-Brasileira (esta, dos espanhóis Albino Alvarez Pereira-Daniel Ventim) e Minerva fazendo o papel dos futuros supermercados ainda inexistentes. A Livraria Nacional era passagem obrigatória de dez entre dez interessados nos últimos lançamentos, fosse literatura “de verdade”, fosse a última aventura do Pato Donald ou de Mandrake, o mágico.

O centro da cidade (Marquês de Paranaguá-Pedro II-Rodolfo Vieira-Almirante Barroso) era território ocupado também pelo jornalista (às vezes poeta, filósofo, político e desenhista) Leonídio Sapa Veiga, que gostava de fazer discursos, e por Periquitinho (engraxate suave e pederasta agressivo) que cultivava o desagradável hábito de atacar os rapazes incautos que lhe caíam ao alcance dos braços fortes.

O ensino formal contava com o Instituto Municipal de Educação (IME) e seus professores concursados; o Nossa Senhora da Piedade, dirigido por freiras ursulinas de descendência francesa, reunia as meninas da classe média alta; o Centro de Educação Álvaro Melo Vieira (Ceamev) formava os contadores, sendo o grupo fechado pela Escola Afonso de Carvalho e o Ginásio Diocesano D. Eduardo.

A “coqueluche” era ir à praia da Soares Lopes, olhar as pernas que emergiam dos maiôs, incen-

diando imaginações com o recheio discretamente sugerido (então, mais se sugeria do que se mostra), sorvete no Ponto Chic, e, noite alta, céu risonho, a OK Night Club, os muitos bares, as “moças” da ecológica Rua do Dendê (mais tarde, Araújo Pinho), da poética Rua do Sapo (atualmente com o estranho nome de Visconde de Ouro Preto), Praça Cairu, Carneiro da Rocha, Plínio Eloy e adjacências, em oferta de tempos pré-aidéticos. Mas havia, principalmente nos fins de semana, outras opções: “tirar umas linhas” (ou “bater uma caixa”) no portão, aquele vaivém na calçada da Soares Lopes, a trocar olhares que mais eram doces flechadas em indefesos corações adolescentes. Isso quando não se ia à soirée do Cine Ilhéus, do Social ou do Vitória Palace, talvez dançar de rosto colado no Clube Social da Cidade Nova ou nos Bancários, mas isso já era programa reservado a poucos. À média, restava o “sereno”, o olho comprido e ciumento a anotar quem dançava com quem...

O bar Maron, ainda sem a fama criada por Jorge Amado, que lhe recuperaria a marca Vesúvio, era ponto obrigatório, com sua cerveja gelada e seus quibes quentes, tão famosos quanto caros.

Andava-se em ônibus da Cia. Viação Sul Bahiano S/A. (sic), às vezes de automóvel importado. Gente de dinheiro fácil (ainda havia gente de dinheiro fácil) tinha direito à Europa, saindo “avionado” pela Cruzeiro ou embarcado no Comandante Capela. A essas pessoas, o “banho de civilização” parecia mais fácil do que um banho de mar na praia da frente, Pontal, onde só se chegava de lancha ou “besouro”, com sérios inconvenientes. Dali, a pé ou de carona em algum caminhão ocasional, podia-se “esticar” até Olivença, visitar o Buraco do Padre, banhar-se no Véu da Noiva, namorar as caboclas, beber cachaça com guaraná, dormir sob os coqueiros e acordar beijado pelo sol e as ondas, tudo de

graça, sem turistas para perguntar bobagens ou empresas públicas para “organizar” o passeio. Mas este era programa reservado aos que, mesmo sem dinheiro, portavam imaginação e alguma poesia.

A economia cacauêira, para variar, ia mal das pernas, sem que o velho Instituto de Cacau da Bahia, a jovem Ceplac ou a polêmica Cooperativa Central fizessem seus gritos chegar aos ouvidos do governo. Apesar disso, comparando com os anos noventa, os produtores, mesmo com o Banco do Brasil nos calcanhares, estavam no paraíso e não sabiam.

*

Esse ambiente abriga um dos maiores epigramistas da Bahia, carioca de nascimento e ilheense por circunstância, que se assina por extenso Alberto Weyll Hoisel, um que domina como poucos a difícil e antiga arte do verso crítico, maldizente, rimado com vidro moído. Sua produção aqui apresentada (muito pequena, se levarmos em conta o que se perdeu) foi recolhida de fontes orais e, quando em papel e letra de forma, do saudoso Diário da Tarde, o mais longo e importante periódico destas terras do cacau.

No DT, a atividade de crítica, sarcasmo, humor ou ironia de Alberto Hoisel se exerceu sob os pseudônimos de Zé...ferino ou Bolinete (incidentalmente, Zé... feliz e Zé... ferrão) nas seções Flashes & Flechas..., Trovas & Sovas, Bolas e... Balas, Das terças às... cestas!, Ridendo... e Três Por Vez, em períodos diferentes. Mas não se pense que o pseudônimo escondia responsabilidade: além de todos saberem de quem se tratava, a maior parte dos registros é “assinada” mesmo por Alberto Hoisel, em carne, osso, voz e gesticulação, nos bares e nas ruas de Ilhéus().*

(*) O autor recolheu epigramas no DT a partir de 1950, mas encontrou longos intervalos sem publicação, além do que à coleção (entregue à Universidade Estadual de Santa Cruz - Uesc) faltam, pelo menos, oito anos. De toda forma, o jornal nunca foi seu principal interesse. A mesa do bar, sim, era seu palco; os amigos, seu auditório.

**FACULDADE
DE... “DEVERES”**



Alberto Hoisel em rara visita a uma de suas propriedades agrícolas

Autodidata de amplas e variadas leituras, Alberto Hoisel jamais se convenceu da necessidade de uma Faculdade de Direito em Ilhéus, preferindo que se investisse na educação básica. Em 12 de fevereiro de 1960, quando a FDI ainda era um projeto acalentado pelo seu primo Henrique Cardoso, prefeito do município, ele escreveu: “Melhor que, ao invés de patrocinar a fundação de uma Faculdade de Direito, essa dinâmica e empreendedora administração municipal realizasse a obra fascinante e magnífica da erradicação do analfabetismo em Ilhéus”.

E atingiu fundo o “País dos bacharéis”:

*Muito pouco proveitoso
Gastar-se tinta e papel
Na indústria do bacharel,
Que é um produto gravoso. (*)*

No dia seguinte, voltou à carga, repetindo a dose, em piada com o seu personagem:

*E ao fim da obra, ao prefeito
Quem não teceria um hino?
A mim bastava um direito:
Matricular Zé...ferino!*

Instalada a FDI, embrião da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (Fespi) e da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) em março de 1961, o crítico, diante do fato consumado, não se deu por vencido.

E exercita este interessante jogo de palavras:

*Faculdades de Direito
Nós as temos à vontade;*

(*) Diz-se que um produto é *gravoso* quando tem custo de produção mais elevado do que seu preço de venda no mercado, ficando sujeito a medidas protecionistas do governo.

*Por falta da de "Deveres"
Perde o mundo as "faculdades".*

Quando se formaram os treze bacharéis de 1969 da FDI, ele fez uma brincadeira com o professor de Direito Wilson Rosa, mas o tipógrafo cochilou e onde estava escrito *Wilson* saiu *Nelson* (seção *Ridendo...*, em 17 de dezembro):

*O Nelson, triste, dizia:
"Não é coisa que se faça...
Lançar-se num único dia
Treze colegas na praça!..."*

Cante com Walter Levita:

Índio Quer Apito
(Haroldo Lobo-Milton de Oliveira)

Ê, ê, ê, ê, ê
Índio quer apito
Se não der,
pau vai comer
(bis)

Lá no bananal mulher de
branco
Levou pra índio colar
esquisito
Índio viu presente mais
bonito:
"Eu não quer colar, índio
quer apito."

Ê, ê, ê, ê, ê
Índio quer apito
Se não der,
pau vai comer
(bis)

(Carnaval de 1961)

"A nossa revisão fez anteontem uma operação histórica: transformou um nosso advogado num almirante que se celebrizou menos pelas suas vitórias que pelas suas *conquistas*", escreveu ele no dia 19:

*Foi o Nelson ou W.R.?
Ao revisor eu não digo...
Mas, por mais que W erre
Não merece esse castigo...*

Nas comemorações de aniversário, em 1960, o *Diário da Tarde* ganhou do seu cronista mais temido este simpático registro, em 5 de fevereiro, quando diz que "O *Diário da Tarde* completa seus 32 anos bem vividos e... sofridos", mostrando uma visão muito clara do compromisso social da Imprensa:

*Tanto tempo percorrido
Num "duro" que só Deus sabe...
Ao fim somente lhe cabe*

A paz do dever cumprido...

Cauteloso, o velho *DT* às vezes retardava as publicações, alegando evitar o sensacionalismo de outros jornais, o que certamente não agradava ao espírito buliçoso, irrequieto e vibrante de Zé... *ferino*.

Em 23 de janeiro de 1969 ele publica um epigrama que nos deixa em dúvida: ou havia democracia no *DT* ou a censura estava cochilando naquele dia. “Para não dizerem que não falamos de... nós” era o texto explicativo, uma citação de Geraldo Vandré:

*Com vocação vitalícia
Para a imprensa sem alarde,
Até a própria notícia
Nosso Diário dá... tarde! (1)*

A fundação da Academia de Letras de Ilhéus é cercada de informações contraditórias, no que se refere aos participantes da primeira reunião. O que se sabe é que tal encontro se deu na casa de Abel Pereira, principal incentivador da idéia, e que aconteceu num sábado, 14 de março de 1959. Fontes orais dão conta de que a reunião teria sido feita na casa do professor Nelson Schaun, com a presença, dentre outros, de Cláudio Baracho, Nilo Cardoso Pinto e Francolino Neto, o que não confere com notícia publicada na terça-feira, dia 17 (2).

Em 8 de janeiro de 1960, ele fez a primeira de uma série de pilhérias com a instituição, tendo como alvo o livro *Colheita*, coletânea com cerca de 250 haicais do recém-eleito primeiro presidente da instituição, Abel Pereira:

*Com um só livro publicado
De primorosa poesia...
Melhor se a houvessem chamado
Simplesmente, “aicai... demia”.*

(1) O mesmo jornal ainda seria motivo de um chiste não publicado, mas muito conhecido em Ilhéus nos anos sessenta: o de que aquele seria o *Diário d’A Tarde*, numa clara alusão às notícias “giletadas” do famoso matutino baiano.

(2) Saiu no *Diário da Tarde* de 17.3.59: “Às 17 horas de sábado último, na residência do Sr. Abel Pereira, o festejado poeta de Colheita, foi fundada a Academia de Letras de Ilhéus.

À sessão de instalação da nova entidade, que vai reunir em família os intelectuais da região, compareceram os senhores bispo dom Caetano de Lima Santos (sic), Wilde Lima, Halil Medauar, Néelson Schaun, Abel Pereira, Oswaldo Ramos, José Cândido de Carvalho Filho, Leopoldo Monteiro, Sadala Maron e Plínio de Almeida (...).”

As datas magnas da ALI são 14 de março (fundação, aniversário de Castro Alves, início do ano acadêmico) e 5 de novembro (aniversário de Ruy Barbosa e encerramento das atividades anuais). Isto quer dizer que durante cerca de quatro meses a instituição não se manifesta de forma alguma.

O que era visto como normal por muita gente, era motivo de impiedosa crítica de *Zé... ferino*, que parecia prescrever para a “Casa de Abel” um regime de trabalho braçal. Em dezembro de 1968, ele vergastou os acadêmicos com mais um *Das terças... às cestas*, publicado no dia 20, o Natal à porta, quando dizia, em indisfarçável tom irônico, que “A Academia de Letras de Ilhéus, depois de um largo período de brilhantes realizações, entrou em profundo... recesso”:

*Se Academus fosse vivo
E visse essa academia,
Por um motivo emotivo
Academus morreria.*

Numa quadra publicada em 28 de janeiro de 1969, volta a reclamar dessa inatividade, para ele injustificável, considerando que muitos dos integrantes do soligeu moravam no município e estavam disponíveis para projetos culturais:

*Sem que se saiba os motivos
O impossível aconteceu:
Os imortais estão vivos
E a Academia... morreu!*

Nestes versos sem data, ele usa uma gíria da moda para, outra vez, fustigar a ALI:

*Sem fardões nem hierarquia
"De talhe" (mas não "de corte"):
Nessa nossa academia
Os imortais são... de morte!*

O aparelho da justiça, secularmente acusado de não atender aos interesses da maioria da população, não escapou ao veneno de Zé... ferino.

Neste torpedo publicado a 23 de março de 1960, ele se mostra indignado com a impunidade permitida a Ronaldo Guilherme de Castro, o mais famoso *playboy* da época, acusado da morte de Aída Cúri, no Rio de Janeiro.

O crítico comenta um editorial do *Diário da Tarde*, deplorando as facilidades que a justiça, "essa senhora de olhos vendados, com uma espada e uma balança nas mãos", dera ao acusado:

*Sua balança é um sucesso:
"Dois pesos, duas medidas..."
Pondo à venda às escondidas,
Sentenças a qualquer preço...*

PERSONAGEM DE SI MESMO (I)



A partir da esquerda, ladeando D. Maria Úrsula e seu Geraldo, Maria Luíza, Iracy, Ivone, Nícia, Jacy, Ione e Ivany, as “sete moças bonitas”. Ao lado, duas vítimas de Alberto Hoisel: o poeta Abel Pereira (D) e o político Herval Soledade, tendo entre eles José Lourenço e Jorge Calmon



Talvez o humorista, satírico, bebedor de cerveja, sarcástico, crítico, poeta romântico, jornalista, cantor de óperas em chuveiro e, acima de tudo, epigramista Alberto Hoisel não passe de uma invenção do negociante, proprietário rural, exportador e político Alberto Hoisel. Ou o contrário. Sem dar informações precisas sobre suas origens, ele se diverte brincando de construir uma biografia cheia de variantes. Contada num dia, pode ser modificada no outro, sem nenhuma intenção de explicar, e muita de confundir.

Não se sabe, por exemplo, a data certa do seu nascimento. Ele a deu como sendo 8 de fevereiro de 1912, mas depois disse que sua idade fora diminuída no registro, para escapar ao serviço militar. De outra feita, informou que teria sido aumentada, para conseguir trabalho. Descende de suíços, de austríacos, de um holandês fugitivo, de judeus perseguidos? É verdade que seu pai veio da Europa para o Rio de Janeiro, depois de ter-se diplomado em engenharia ferroviária em Nova York - como disse sua irmã Ida - fixando residência no Rio de Janeiro? Então, como explicar que dos seus seis ou sete irmãos somente ele fosse carioca? E por que estava a família inteira em Salvador, em 1914? E uma avó que residiria em Ilhéus em 1917, seria outra pista falsa? Sobre Alberto Hoisel, personagem de si mesmo, há muito mais perguntas do que respostas.

Está provado que em 1800 chegou a Salvador, fugindo da Holanda, acusado de traição à pátria, por ser partidário de Napoleão, um certo Piet Weyll, arquiteto neoclássico (). Mais tarde, conseguiu uma sesmaria nas margens do rio Almada, onde construiu um grande engenho de açúcar, vendido em 1810 a Pedro Cerqueira Lima.*

O pai de Alberto era o engenheiro ferroviário austríaco Ludwig Hoisel, que, morando no Rio de

(*) O arquiteto Piet Weyll, ascendente direto de Alberto Hoisel, foi o introdutor da arquitetura neoclássica na Bahia - e talvez no Brasil - mas só uma de suas obras ainda permanece de pé em Salvador. É o pavilhão antigo do Hospital Santa Isabel, construído em 1829, que ainda pode ser admirado no Jardim de Nazaré.

Janeiro, foi contratado para lançar na Bahia os trilhos pioneiros da ferrovia que mais tarde seria a Leste Brasileiro. Morreu quando Alberto tinha apenas seis anos de idade, e o pouco que se sabe sobre ele está no campo da curiosidade: era um notável comedor de lingüiças, salsichas e salames (de cuja fabricação ele mesmo se encarregava), além de tocar vários instrumentos musicais. Ida contava que, menina, ouvia o pai tocando cítara ou piano. E é só. Dele não restou nenhuma foto, nenhum documento.

Ainda menino, Alberto veio residir com a mãe, D. Inês, a irmã Ida e outros irmãos, numa chácara do Cabula, em Salvador, no lugar onde depois foi construída a sede da Telebahia. Em novembro de 1999, ele ainda se lembrava - mais de 80 anos depois - da recepção na noite da chegada, mesa enorme, família reunida, os amigos presentes. Enfrentaram um prato tipicamente baiano, um vatapá, que ele olhou com desconfiança, até ouvir da mãe do seu futuro grande amigo e parceiro de cervejadas Lino Cardoso um "pode comer, Albertinho, não tem pimenta..." Foi quando aquele projeto de crítico mostrou as unhas, ainda aos dois anos de idade:

- Não tem pimenta, mas tem borrada - re-trucou, recusando-se a jantar.

Muitos anos depois, já estabelecido em Ilhéus, muita pimenta e muita borrada tiveram de ser engolidas, mas pelas vítimas de sua sátira ferina, em que se tornou mestre...

ANALFABETO TRILÍNGÜE

Poucos anos antes de o governo Castelo Branco decretar o fim da Estrada de Ferro Ilhéus-

-Conquista (18 de fevereiro de 1960) saía na *Trovas & Sovas* que “a ex-S.B.S.W.R. [*The State of Bahia South Western Limited*] ex-Estrada de Ferro de Ilhéus, e quase ex-Estrada de Ferro, vai ter o seu nome mudado para Estrada de Ferro do Cacau (que os caminhões transportam...)”.

Zé... ferino denunciava o alto custo do transporte ferroviário na região e o estado terminal em que se encontrava a EFI:

*Sobre seus trilhos se arrasta
Num progresso singular:
Já não pode transportar
Nem o dinheiro que gasta... (*)*

O venerando ICB, que seria morto e enterrado por ACM, foi alvo de críticas, em dia incerto de 1969. A imprensa noticiou que o ex-presidente Elísio Nunes (que dirigira o órgão no governo Antônio Balbino), chamado pelas colunas sociais de “o maior” dos presidentes daquela autarquia, faria “longa viagem de estudos” pela Europa, Ásia e África.

Homem de poucos recursos intelectuais, o ex-presidente foi um bom incentivo à pena do crítico:

*Após tão longo trajeto,
O maior dos presidentes
Vai voltar analfabeto
Em três línguas diferentes.*

Alberto Hoisel sempre se mostrou niilista quanto à ação das chamadas “instituições de defesa do cacau”. Em 2 de fevereiro de 1960, numa alfinetada provavelmente na Cooperativa Central, dirigida pelo poderoso Ananias Dórea, ele registra que “associados de algumas organizações de crédito regional queixam-se do fato

(*) Na página 163, a história do boi comunista, que ajudou a fechar a EFI, quando deu uma carreira num ministro da ditadura de 64.

destas distribuïrem apenas o dividendo mïnimo permitido por lei”:

*É que não estão entendendo
Esta “sábia” operação:
Subtrai-se o “dividendo”
Pra somá-lo à... “divisão”!*

Começo de 1960, não faltavam entidades para “defender a cacauicultura”, algumas delas sem qualquer finalidade real ou importância prática. Zé... Ferino, no DT de 11 de fevereiro daquele ano, não perdoa o ICB, “pai” de tais entidades. E festeja o fim de uma delas, dizendo que certas associações de classe (“das classes ditas conversadoras”)(*) vivem em completo “abstracionismo” e que “uma delas é mantida pelo Instituto (a maior dessas abstrações), que lhe paga os aluguéis e... os telegramas”:

*Laborando em tanto erro,
Afinal já se finou:
De classe só teve o enterro
Que o Instituto pagou...*

Em outubro de 1961, dia 3, percebe-se a indignação do colunista contra as taxas abusivas sobre os produtores de cacau, dizendo que “além de pleitear a taxa absurda de 3% *ad valorem* sobre o cacau exportado, pretende o ICB abocanhar o saldo dos ágios resultantes da diferença do dólar-cacau:

*Se no ágio passa a mão
E não age o fazendeiro
Este Instituto matreiro
Vai-lhe ao último tostão.*

(*) O trocadilho com “conservadoras” é intencional.

O mesmo ICB seria notícia no *Das terças às... cestas* em 10 de janeiro de 1969.

“Desenvolve-se nos bastidores políticos a disputa pela presidência do Instituto”, dizia Zé... *ferino*:

*Ainda que maltrapilho,
Se arrastando nas muletas,
É cobiça de um corrilho
Dos eternos picaretas...*

Braço do ICB, a Sulba, ao anunciar um programa de reformas, ganha, em 28 de novembro de 1968, estes versinhos:

*Nessa luta que sustenta,
A Sulba tudo remove:
Diz que fará com Setenta
Um grande sessenta e nove. (*)*

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foi visitado por Hoisel em 1950, fato inusitado, considerando que ele jamais se preocupara em entender a chamada pintura moderna, revolucionária, abstrata, psicodélica ou qualquer outro nome que se dê ao não-clássico.

Resolveu deixar no livro de visitas a sua impressão pessoal (e muito pessoal!) sobre aquele empreendimento, num epigrama incomum (decassílabos, com rimas proparoxítonas, versos esdrúxulos):

*Por museu d'arte quem quiser que tome-o ...
Eu, não, que ao vê-lo afirmo sem malícia:
Se não fosse um perfeito manicômio,
Certo, seria um caso de polícia...(*)*

(*) Referência ao empresário itabunense Washington Setenta, à época, superintendente da Sulba (mais tarde, presidente do ICB).

Foi nuna dessas viagens que ele “fez o Rio” na companhia do jornalista e escritor Fernan-

do Leite Mendes (*Os Olhos Azuis de D. Alina e Algumas Crônicas*).

Certa noite, na boate *Night and Day*, endereço obrigatório no 1o. andar do Hotel Serrador, dedicou ao amigo esta bela quadra, anotada no cardápio da casa:

*Lei! Tu sempre foste errada,
Por isso ninguém te entende...
E sem que faça piada,
Eu te digo: "Lei, te emendes!..."*

Naquela noite (27 de julho de 1950), nosso vate tinha o gênio borbulhante. Só isso explicaria estes versos, que ele escreveu no mesmo cardápio, e que Fernando Leite Mendes, entusiasmado, assinou:

*O espírito é uma peça
Que onde chega sempre abafa:
Ou venha numa cabeça
Ou venha numa garrafa.*

Num bar em Nova Iorque, diante dos sorrisos fáceis dos garçons, ele anotou estes versos, bem descritivos da sociedade de consumo americana:

*Verdadeiro paraíso
Que a todos deixa encantados...
Mas trocam cada sorriso
Pelos dólares deixados.*

O secretário da Educação Wilson Lins, jornalista, escritor e também epigramista, em telegrama, "puxou as orelhas" do professor Nestor Passos, por ter autorizado uma festa em benefício da Escola Técnica de Comércio de Itabuna na sede da Escola Lúcia Oliveira. Ocorre que o prédio em questão não era propriedade

(*) O *Correio da Manhã*, o jornal mais importante da época, publicou na sua seção de arte uma nota em que dizia ter Alberto Hoisel deixado no livro um pouco de sua ignorância, desrespeito, estupidez, desconhecimento da arte etc. etc. Ao saber (um amigo lhe mandou o jornal) que seus versos criaram tamanho ranger de dentes, o autor deu grandes gargalhadas...

do Estado, mas da Prefeitura, que “paga toda a folha, sem qualquer apoio do Estado”, conforme nota do *Diário da Tarde*, em 4 de outubro de 1961 (“Uma questão sem graça: o Estado quer mandar numa escola que é propriedade do município”).

Palavra de Zé... *ferino*, no dia 6:

*Não é assim tão sem graça
Se ter de graça uma escola...
Pra o Estado sim é desgraça
Receber graças de esmola. (*)*

Em 16 de novembro de 1955, Itabuna fora alvo de outra brincadeira. Criada há pouco, a FIAR (Frente Itabunense de Ação Renovadora) era uma espécie de ONG destinada a encaminhar problemas da comunidade, tendo à frente o empresário Milton Veloso.

Ao saber de gestões da FIAR junto ao Instituto de Cacau da Bahia, para instalar telefones automáticos, *Bolinete* produziu este texto:

*Vale a pena observar
Se à promessa estão faltando:
É bom não facilitar,
ConFIAR... desconfiando...*

A FIAR conseguiu que a região tivesse telefones automáticos, mas as coisas demoraram a funcionar a contento.

Seis anos depois, a Companhia Telefônica Sul Baiano ainda deixava muito a desejar, conforme Zé...*ferrão* (“irmão” de Zé... *ferino* - v. pág. 39) em 19 de outubro de 1961, reclamando da mudança de prazo para o fornecimento de novos serviços:

(*) No seu *Musa Vingadora - Crônicas do Epigrama na Bahia* (Salvador - Editora da Ufba/1999), o professor Wilson Lins recolheu versos satíricos desde meados do séc. XVIII, de Gregório de Mattos, a Lafayette Spínola, morto em 1975, “último epigramista baiano de nosso século.” De Alberto Hoisel ele sequer toma conhecimento.

*Novo prazo foi marcado
Não obstante o clamor:
Não se foge ao enjoado
"Um momento, por favor..."*

UM BAR CHAMADO "BARRAL"

"Em plena febre do cacau, enquanto todo mundo procurava terras boas, Alberto Hoisel adquiria terras desvalorizadas, piçarrentas, em áreas não apropriadas para a cacauicultura, como Canabra-



Alberto Hoisel (D) com Fernando Leite Mendes no *Night and Day*, em 1950: "Lei, te emendes!"

va e Olivença, terras baratas, onde não se podia cultivar quase nada, além de piaçava. Ele pouco ligava para o cacau". O depoimento é do empresário Raimundo Kruschewsky, o lendário Barão de Popoff, uma espécie de embaixador de Ilhéus.

Alberto Hoisel comprou muita terra, teve lucro fabuloso, entrou para o negócio de piaçava, transformou-se em grande vendedor dessa fibra para o mercado doméstico e também para o internacional. "A empresa dele, a Alberto Weyll Hoisel, tinha uma marca forte, era bem conceituada, zelava pela palavra empenhada, negócio fechado com Alberto estava fechado mesmo", aplaude Popoff. "Em negócio de piaçava - quando muitos acertos são feitos sem assinatura de documento - conceito é fundamental, e isso não faltava a Alberto", confirma o ex-prefeito Antônio Olímpio. Outro ex-prefeito (e primo de Alberto pelo lado Weyll), Henrique Weyll Cardoso e Silva, o Henriquinho, lembra que seu pai garantiu a aquisição da primeira fazenda desse primo, "muito inteligente, famoso pela sua capacidade de improvisar versos sobre o cotidiano à sua volta, um verdadeiro repentista".

Era um homem cheio de alegria de viver. Bebia, cantava, dançava, declamava e "era um dançarino de primeira", surpreende-nos o Barão de Popoff, para quem o amigo esteve próximo da perfeição, em matéria de vida mundana: "Viveu bem, comeu bem, bebeu bem, foi bom marido, bom pai de família, encaminhou todos os filhos social e economicamente". Sobre sua bebida, Hoisel produziu famoso



trocadilho, para dizer que não bebia sempre, mas quando bebia era “pra valer”:

- Não bebo todo dia, mas posso beber o dia todo...

Bar Ilhéus, Samburá, Cantina da Lua, Maré Mansa, Garangau, Vesúvio, Jangadeiro, ou bares não famosos, de nomes não guardados pela memória, estavam sempre no seu roteiro. Quando os filhos iam buscá-lo, ele os “subornava” com bombons e mimos de pai, expediente que deixou de funcionar em certa época, pois Gracinha (a quem ele chamava “A Polícia”), já bem crescida, não se deixava tapear. A solução era variar de bar, aboletar-se no dia seguinte num novo local, até quando “A Polícia” o pilhasse a fazer versos, contar piadas e beber cerveja. Na próxima, já não o encontrava nesse bar, a cerveja e a conversa cumprida com os amigos teriam mudado de endereço.

Mesmo assim manteve-se fiel, o mais que pôde, ao Bar de Barral (), na Marquês de Paranaguá, de fácil acesso para quem, como ele, ia ou vinha do trabalho e tinha aquela tentação bem ali, a alguns passos, logo ele que nunca foi muito de fazer exercícios (a não ser levantar copos e latas de cerveja, no que, justiça se lhe faça, era exímio atleta).*

(*) Era o *Bar Atlântico*, chamado “de Barral” por pertencer ao espanhol Manuel Barral Fernandez, que o adquiriu nos anos trinta a Sízínio Barros (avô do futuro prefeito Nerival Rosa Barros). Seu Barral morreu em março de 1956 (aos 76 anos) e o bar foi assumido por seus filhos Manoel Arthur e Delmiro (Barral Blanco). Segundo Raymundo Pacheco Sá Barretto, o *Atlântico*, mais antigo bar de Ilhéus, já se chamou *Colibri*, quando tinha até música “ao vivo”. No local, funciona hoje uma loja de calçados.

HOISEL POR HOISEL

Alberto Hoisel, vez por outra, falou dele mesmo. Em geral, eram respostas a alfinetadas que recebia, contestações de seus versos, que lhe chegavam de oitava e que, na rua, no bar ou pelo *Diário da Tarde*, recebiam pronta resposta. Um leitor não identificado reclamou de um epigrama laudatório, que era “uma ga-

rapa”, na opinião do exigente crítico de quem a história não guardou o nome.

A resposta saiu em 1º. de fevereiro de 1960:

*Não serei quem, nesta etapa,
Os próprios feitos consagre...
Daqui, quando sai garapa,
Sai garapa de... vinagre!*

Em 28 de abril de 1978, como se meditasse sobre sua justificada fama de grande bebedor, ele se permitiu fazer um *mea culpa*, onde admite a existência de certo descompasso entre duas de suas paixões maiores, a família e o bar:

*Se na vida conjugal
Nunca fui primeiro prêmio,
Há um culpado, afinal:
Meu coração de boêmio!*

Para D. Ivany foi canalizada grande parte de sua produção romântica. Além de sonetos, muitas e muitas quadras foram feitas (e perdidas), algumas como tentativas de reconciliação (imediatamente aceitas por ela).

É o caso destes versos, inspirados na novela *Lua Cheia de Amor*, da Globo, com que ele foi recebê-la no aeroporto, vinda de Salvador, um tanto “emburrada”:

*Na nossa vida flutua
Em todo seu esplendor
Não apenas uma lua
Mas um céu cheio de amor.*

Certas referências elogiosas, se não vinham de fonte respeitável, eram recebidas com desconfiança. Assim aconteceu com o colunista social que se escondia sob o pseudônimo de *Nacib & Gabriela*, que chamou Hoisel de “um

dos maiores trocadilhistas do País.”

O poeta mandou de volta este torpedo, contendo uma declaração de princípios:

*Se a exceção foge à regra,
Nacib que tenha em vista:
Este é um que a lista integra,
Mas nunca troca de lista...*

Na mesma linha de inspiração, ele produziu esta outra quadra, uma receita de bom humor bem ao estilo Alberto Hoisel:

*É um conceito profundo
Que tenho sempre presente:
Ou a gente ri do mundo
Ou o mundo ri da gente.*

Não foram poucos os amigos brindados com o vidro moído de Alberto Hoisel, pessoas de quem ele possa ter arrancado um sorriso descorado em determinado momento. E impressiona que os amigos continuaram amigos do poeta.

Apesar desta profissão de fé (*Diário da Tarde*, 4 de fevereiro de 1969), o vidro moído com que brindava as pessoas provocou muitos sorrisos amarelos, mas nunca inimizades verdadeiras:

*Crer sempre em tudo que digo
É tolice rematada:
Sou dos que perdem o amigo
Mas não perdem uma piada!*

Outras reflexões hoiseanas, todas anotadas em mesa de bar, a maioria no Bar de Barral, aos sábados:

*Às circunstâncias me entrego
E fico a conjeturar:*

*“Se o mundo inteiro está cego
Por que não devo ficar?”*

Mais uma sobre a cerveja nossa de cada dia:

*Quem bebe tem na bebida
Uma vida paralela:
Se esquece da própria vida
Pra sonhar outra mais bela.*

Provavelmente com um olhar de compaixão a muitas pessoas que andam por aí pensando que ainda estão vivas:

*Neste mundo há muita gente
Que só merece piedade:
Envelhece tristemente
Sem ter do que ter saudade.*

Aqui, uma lição de tolerância e respeito pelos semelhantes:

*Tenho por certa a doutrina
Que aceito, afirmo e creio:
O meu direito termina
Onde começa o alheio.*

Agora, um surpreendente ponto de vista agnóstico, mas com o mesmo sentido de tolerância pelo direito dos outros, no caso, o direito à religião e à não religião:

*Fujo por todos os modos
A este anátema: “Ateu!”
Respeito os deuses de todos
Sempre à procura do meu.*

E mais uma produção “metafísica”:

*A vida, este meu tropeço,
Pode definir-se assim:
Na verdade é um começo,
Mas o começo do fim.*

Sobre a morte, um tema que tem inquietado muitos poetas, o mesmo toque pessoal bem-humorado:

*Quando eu nasci minha sorte
Lançada estava; sortudo,
Eu nunca temi a morte...
O que temo é ficar mudo!*

E esta quadrinha, absolutamente pessoal, com a mesma carga de bom humor que caracteriza o satírico, foi feita num momento em que D. Ivany estava viajando e ele se encontrava sozinho em casa, em plena fossa:

*Tão só, eu fico a pensar:
Neste momento, sequer,
Nem mesmo para brigar
Eu tenho minha mulher*

Tendo passado algum tempo sem enviar sua colaboração, o epigramista retorna em 29 de setembro de 1961, com um resumo bem-humorado da balbúrdia institucional do País na época:

“Enfim, depois da saída de Juscelino, da entrada de Jânio, da saída de Jânio e da entrada de Mazzili, da saída de Mazzili e da entrada de Jango, Zé...ferino voltou”:

*Voltei com minhas pilhérias
Tendo uma dúvida em mente:*

*Se fui eu quem tomou férias,
Se o couro de muita gente...*

No dia seguinte, ele surpreendeu seu público ao anunciar que “vai haver nesta seção uma espécie de *baião de dois*”:

*Aos meus leitores previno:
Não vim só, trouxe um “irmão”...
Quem não topar Zé... ferino
Vai se ver com Zé...ferrão.*

Em seguida, no dia 2 de outubro, ele volta ao assunto, procurando atenuar o impacto causado pela dupla:

*Aos meus amigos ensino
Um dos passos do “baião”:
Escape do Zé... ferino
Sem medo do Zé... ferrão.*

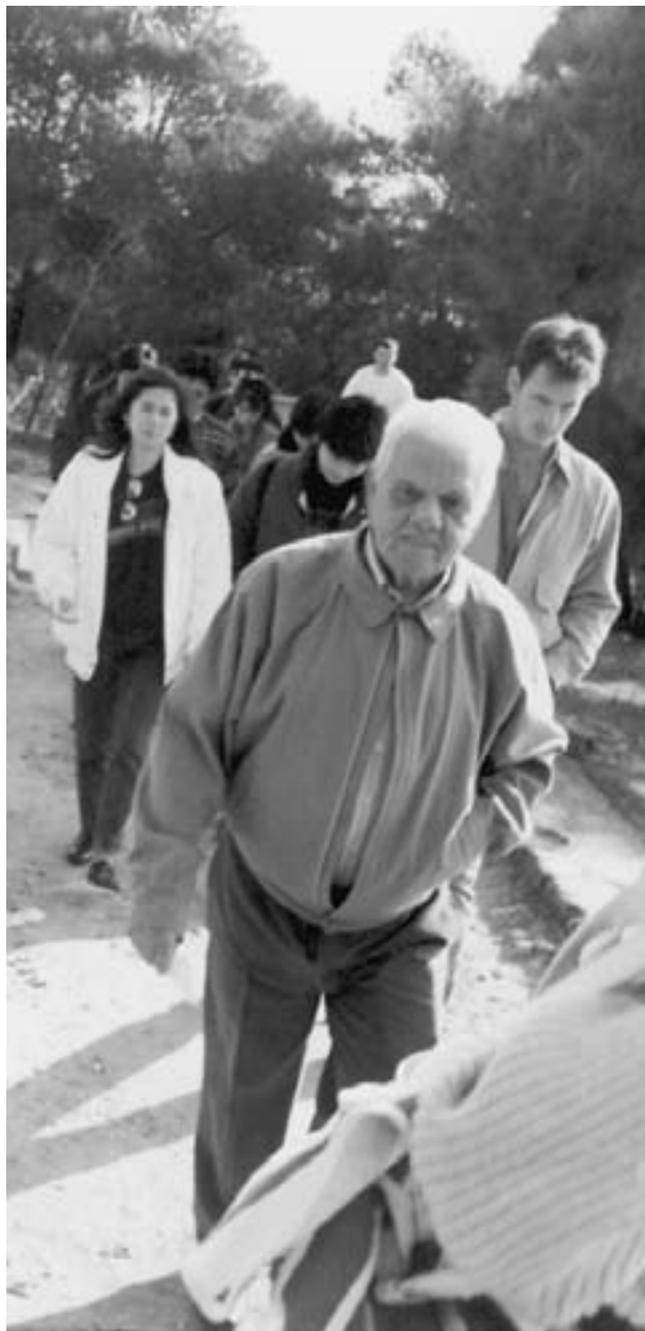
O tema da volta das férias, tratado no texto anterior, seria retomado oito anos depois, no *Diário da Tarde* de 11 de fevereiro de 1969:

*Zé... ferino se ausentou
Uma semana somente...
Nesses dias descansou
O couro de muita gente...*

Em 14 de fevereiro de 1969, uma rápida celebração ao seu trabalho semanal no *DT*:

*Afirmemos sem vaidade:
Num mundo em que tudo é breve,
Nestas colunas se escreve
O preço da liberdade*

Branco, tido como germanófilo, ele foi mais de uma vez acusado de racismo, ao que não dava ouvidos. Até o dia em que resolveu, usando sua



Em Israel, Alberto Hoisel num programa comum aos turistas

veia de epigramista, responder à provocação.

A quadrinha, se publicada hoje, faria com que as entidades anti-racistas levassem o autor a acertar contas com a Lei Afonso Arinos:

*Sou racista, mas discreto,
Não me afasto desta linha:
Não tenho amores por preto...
Mas adoro uma escurinha.*

Sem maior interesse em publicar seus epigramas (que fazia para divertir-se e divertir os amigos) ou os sonetos (para deleite próprio e de D. Ivany), teve alguns deles estampados no *Diário da Tarde* devido a ações pessoais do hoje advogado e à época redator do jornal, João Hygino Filho. A modéstia, que o fez reagir negativamente às tentativas de levá-lo à Academia de Letras de Ilhéus, também o fez escrever sobre si mesmo coisas que lhe traçam um perfil injusto para suas qualificações intelectuais:

*Tal qual o pano de boca
De um teatro sem atores
A minha musa tem cores
Que ocultam o que tem de oca.*

Ou estes versos, na mesma linha:

*Minha autocrítica pago-a
Sem qualquer hesitação:
Prefiro ser gota d'água
A ser bolha de sabão.*

A paixão pela cerveja foi festejada a partir de uma provocação feita no *Diário da Tarde*, quando seu amigo Ruy Rhem (que se assinou *Ferino Zé*) publicou esta gracinha com *Zé... ferino*:

Fazer sátira é o seu forte

*Só isso é o que deseja...
Mas ficará sem ter norte
Bebendo tanta cerveja! ...*

O superbissexto Ruy Rhem representou uma oportunidade para o poeta que, em pronta resposta, até com uma invenção gramatical, elevou sua bebida preferida a níveis “divinos”, em duas quadras:

*“Beber cerveja é pecado!”
Erra quem isso afirmou...
Ela é o pão “liquificado”
Que Jesus multiplicou...*

*Eu tenho tanta certeza
Que afirmo onde quer que esteja:
ELE só pôs vinho à mesa
Por não existir cerveja!*

E encerrou as duas quadras com uma brincadeira, onde se refere às “ofensas maldosas” do velho amigo, a quem manda... flores:

*Às ofensas mais maldosas
Jamais pensei em pôr cobro...
Antes, transformo-as em rosas
Pra devolvê-las em dobro.*

Depois, num floreio de mestre, arrematou tudo com estes decassílabos:

*Todo homem, mas homem que homem seja,
E cujas veias sangue quente agita
Entre copos gelados de cerveja
Sente o calor de uma mulher bonita.*

Convidado a integrar a Academia de Letras de Ilhéus, objeto de muitas de suas brincadeiras, Hoisel recusou a honraria, exercitando seu estilo:

Dessas letras, a poesia

Não me atraí; pra ser sincero,
Os bancos da Academia
Não são os bancos que eu quero...

PERSONAGEM DE SI MESMO II

Mudou-se para o Sul do Estado, veio morar na fazenda "Minerva", do tio Trajano Weyll (local onde hoje passa a estrada Ilhéus-Uruçuca) às margens do rio Itariri, ou Tiriri, conhecido popularmente como "Carrega Calção", ali estudou com a irmã mais velha, Ida, que seria professora também do futuro prefeito Henrique Cardoso. Nessa escola improvisada, foi colega do primo Durval Cardoso,



Convidado para secretário do Sul do Estado (4.5.64)

Um telefonema recebido ontem pelo Sr. Walter Goes, do deputado Wilde Lima, líder do governo na Assembléia Legislativa, informava que o Sr. Alberto Weyll Hoisel fora convidado para Secretário do Governo para os Assuntos do Sul do Estado. O Sr. Alberto Hoisel declinou do convite, alegando seus afazeres particulares (4.5.64).

GENERAL NA CEPLAC - 21.07.64

O governador Lomanto Jr. assinou decreto designando o general João de Almeida Freitas, secretário do Sul do Estado, para representar o governo do Estado no Conselho da Ceplac. 2

ALBERTO APELA - 23.06.64

com conhecimento decisão esse Ministério
balho construção ponte Ilhéus-Pontal,
cipal Partido de Representação Popular
r reconhecido espírito patriótico vossência,
medida vem golpear profundamente
nto econômico uma das mais pujantes
País, contrariando destarte objetivos
revolução, no sentido rápida recuperação econômica
nossa Pátria (...). Saudações, Waldemar Oliveira Garcia,
presidente, e Alberto Hoisel, secretário. 23.6.64

irmão de Henriquinho. Aos cinco anos já sabia ler e escrever. Segundo ele, vindo à cidade, recebeu da avó um exemplar do jornal A Tarde, do qual leu o caderno de classificados.

Sua infância foi gasta na zona rural, em fazendas dos tios. Mas é tudo muito vago. Informa que aos dez anos morou na fazenda Pedra Redonda, do tio Aristarco Weyll, na zona de Banco Central, um lugar também conhecido como “Triângulo dos Macacos” (cuja existência não conseguimos confirmar), vindo morar em Ilhéus, provavelmente em 1922.

Em Victorino & Cia., empresa de representações de Manoel Vitorino Jr., teve seu primeiro emprego, passando-se mais tarde para o escritório de Ataíde & Barreto, pertencente a Telêmaco Athayde e Clineu Barreto, na Marquês de Paranaguá. Teve como colega um rapazola que até então vendera doces porta-a-porta, o futuro grande fazendeiro Mário Reis, sem formação política, que mais tarde se diria assediado por seus dois “superiores”: Alberto Hoisel (integralista) e Nemésio Nobre (comunista), sem que viesse a militar em nenhuma das duas doutrinas ().*

A essa época, morador no Pontal, freqüenta o Chalé dos Pinto, uma ampla casa na Rua da Frente, onde conhece a menina Ivany, integrante de um grupo de barulhentas parentas da família Pinto, moradoras na fazenda “Feliz Vivenda” (ou “Vivenda Feliz”), que os rapazes dourados chamavam, por motivos mais claros do que o sol, “Fazenda das Sete Moças Bonitas”. Ivany, que sonhava ser artista de circo, de preferência trapezista, era a terceira das sete moças bonitas, e uma das mais bonitas (as outras eram, por ordem de idade, Ione, Ivone, Iracy, Maria Luísa, Jacy e Nícia).

Foi um longo tempo de observação, tentativas

(*) Depoimento de Mário Reis ao autor, em 12 de novembro de 1999. Ele morreria em seguida (10 de dezembro), após ser assaltado por dois marginais menores de idade.

tímidas e negativas não muito convincentes, até que a ex-futura trapezista do Circo Nerino completou 15 anos e o futuro grande sarcástico de Ilhéus deixou a paixão que já não se continha explodir de vez num poema de sabor clássico, como se vê neste trecho com versos de cinco sílabas:

Amei-te o sorriso/Suave de santa,/Que enleva, que encanta/Qual novo arrebol/Se cantas, teu canto,/Num mágico anseio,/Parece o gorjeio/De algum rouxinol. (*)

Resistir a tal cantada, quem haveria-de? A filha de seu Geraldo Miguel-Dona Maria Úrsula e o galante poeta casaram-se no Chalé dos Pinto, em 23 de março de 1939. Tiveram nove filhos (pela ordem: Alberto, Tânia, Dinah, Solange, Maria Lúcia, Gustavo, Gracinha, Fernando e Conceição) e - como se dizia nos jornais de antigamente - "até o momento em que fechávamos esta edição", trinta e quatro netos e vinte bisnetos.

DE FRUTA-DE-CONDE A VASSOURA-DE-BRUXA

Mesmo não sendo prioridade nos negócios, o cacau teve em Alberto Hoisel um grande canal de críticas e reivindicações, desde os anos cinquenta. Já em 22 de novembro de 1955, ele registra uma idéia do ICB que seria retomada anos depois pela Ceplac, sob a desconfiança de muitos produtores: a expansão do plantio de cacau (chegando a São Francisco do Conde).

(*) O longo poema (142 versos) vai publicado na íntegra nas páginas 167 a 171.

Passados mais de quarenta anos, há quem veja nesse projeto o ovo da serpente que gestava a vassoura-de-bruxa, pois era o embrião de nossas ligações com a região amazônica...

*O projeto não é mau,
Mas a verdade se esconde:
Querem fazer o cacau
Passar por fruta-de-conde...*

Três dias após (25 do mesmo mês), *Bolinete* parecia admitir o êxito da idéia do ICB (então presidido por Elísio Nunes), só que em outro setor da economia. Ele anotava que “o Instituto de Cacau convidou lavradores para uma festa comemorativa do início do plantio de cacau em São Francisco do Conde”.

A impressão, tantos anos depois, é de que a farra com o dinheiro dos produtores era grande e boa:

*Bem age o novo Instituto
Marcando, em seu dinamismo,
Um sucesso absoluto
Como... agência de turismo!...*

Zé...ferino publicou várias críticas à política (ou falta de política) do cacau na seção *Das terças às... cestas*, de janeiro a abril de 1969.

Nesta, de 28 de março, ele (depois de lembrar que, “espirituosamente, o saudoso Tosta Filho gostava de comparar a lavoura cacauieira a... uma vaca”), mostra certa premonição do que iria acontecer vinte anos mais tarde, ao brincar com a expressão bíblica “tempo de vacas magras”:

*A gorda nem é lembrada,
A magra já está morrendo...
E pelo que se está vendo,
Só restará mesmo a ossada!*

Aliomar Baleeiro, secretário da Fazenda no governo Juracy Magalhães, estava empenhado, conforme o hábito de quem assume aquela pasta, em aumentar a arrecadação do Estado. E entre suas fontes de recursos constava o cacau, a que ele imaginava impor uma nova taxa, com produtores independentes admitindo pedir a intervenção da justiça.

Zé... ferino, nestes versos publicados em 5 de março de 1960, diz que “a lavoura cacauzeira está bastante apreensiva com os novos impostos inspirados pela *tributocracia* do emérito professor de Finanças”:

*Da Fazenda o secretário,
Feroz no fazer dinheiro,
Revela-se o fazendário
A esfolar o fazendeiro...*

Pouco mais de dez anos depois de criada, a Ceplac ainda dividia os produtores, muitos deles fiéis a métodos de manejo agrícola herdados de antigos coronéis, não disfarçando a desconfiança nas técnicas modernas que chegavam. E a entidade, dirigida pelo ex-bancário Carlos Brandão, agia como se tentasse ampliar seu leque de antipatias, ao pedir o aumento da taxa de retenção sobre as exportações de cacau de 15% para 25%. Era 1967, tempo em que o cirurgião sul-africano Christian Barnard colhia merecidos louros mundiais, por ter feito o primeiro transplante de coração.

Zé... ferino, em 23 de novembro, diz que “se a retenção de 15% já constitui uma sangria, a sua elevação para 25% se constituirá num verdadeiro transplante do patrimônio da lavoura para a Ceplac”:

*A Ceplac do Brandão
Tanto dinheiro entesoura
Que, em breve, para a lavoura
Não haverá salvação...*

*E a macabra cirurgia
De um Barnard sul-trafficante...
Tenta, depois da sangria,
Um criminoso transplante!*

As lideranças da economia sul-baiana frequentemente davam (e dão!) declarações falsas, convenientes, politicamente corretas, com análises ufanistas, dizendo “amém” aos poderosos, projetando previsões distantes da realidade. Em 26 de dezembro de 1968, ainda em clima natalino, *Zé... ferino* mostra a falsidade da informação oficial sobre uma lavoura em dificuldades, tratada sem a devida seriedade (naquela semana, fontes da Ceplac declararam a *O Globo* que a safra alcançaria 3 milhões de sacas, positivamente uma ficção):

*Depois da crise cruel,
Vão chegar as gordas vacas,
Pois só 3 milhões de sacas
Ganhou de Papai Noel!*

No começo dos anos oitenta, estourou em Floresta (PE) o chamado escândalo da mandioca, num processo em que espertalhões passaram a mão no dinheiro do Banco do Brasil. A história toda terminou em morte de um procurador do Estado, prisão dos assassinos (o principal deles foi condenado e fugiu da prisão), punição de funcionários do BB.

Alberto Hoisel viu certa semelhança com as verbas destinadas ao cacau, que nem sempre são utilizadas conforme as regras:

*Aranhas da mesma teia
"Lá e cá más fadas há":
Mandioca deu cadeia...
Por que o cacau não dá?*

A economia cacauêira tem obscuras regras de mercado, *buffer* estoque e mecanismos gerais de formação de preços que sempre atuaram em desfavor dos produtores e em benefício de grandes exportadores e industriais. É difícil, por exemplo, entender que durante a safra de 1968 as exportações tenham sido suspensas por falta do produto, sendo reabertas no começo do ano seguinte.

Alberto Hoisel também se mostrou aturdido com a notícia: "A Comissão do Comércio do Cacau vai solicitar urgência para a abertura da exportação, suspensa por não haver cacau", ele registrou (e deu a resposta, em 14 de janeiro de 1969):

*O fenômeno se deu
Mas ninguém o explicou...
O cacau apareceu...
Depois que a safra acabou!*

Em 15 de maio de 1972, com as palavras "crise" e "diversificação" na boca dos produtores, começou-se a falar também na "viabilidade econômica da casca do cacau", só que fora da região produtora.

Zé... *ferino* denunciou a espoliação da zona cacauêira, de quem o governo estadual tirava muito e dava muito pouco, ao alertar para um projeto de industrialização que ia produzir teobromina e fertilizantes... em Aratu:

Dessa crise nas borrascas,

*Que o poder assiste mudo,
Levem cacau, levem tudo,
Mas deixem ao menos as cascas!*

INIMIGO DA MONOTONIA

Se não foi o modelo tradicional de pai e marido, Alberto Hoisel foi um homem incomum, que jamais deixou a vida familiar cair na rotina: chegava em casa de madrugada, fazia serenata “a capella”, provocando - com seus “plangentes violões” e luas que vinham “surgindo cor de prata no alto



BANHISTAS EM PERIGO (4.1.61)

...muito anos existe em frente à residência do Sr. ...ato de Carvalho, no Pontal, um casco de alvarenga ...merso, que põe em perigo a vida dos banhistas. A ...ferida carcassa, coberta de ostras, quando a maré começa a encher, fica inteiramente submersa, há poucos metros da praia, exatamente num dos pontos mais disputados pelos banhistas. ...res públicos a instalação ...ando o perigo, se não for

DEMISSÃO NO IME (27.2.61)

Estamos informados de que o Prof. Pedro Ferreira Lima pediu demissão do cargo de diretor do Instituto Municipal de Educação, assumindo o exercício o vice-diretor do estabelecimento, Dr. Washington Landulfo.

... (25.1.58)

...a Rainha do Carnaval parece que vai ser animado. Segundo nos informaram, o vereador Horácio Faria vai patrocinar uma beldade do bairro da Conquista; Ariston Cardoso, uma formosura do Pontal, e José Lourenço, um broto do Malhado. Com esses paraninfos, as meninas poderão ir longe...

da montanha verdejante" (em verdade, quem vinha surgindo era o sol!) - simpáticos protestos da família Chaouí, vizinha do lado, a gritar, "seu Alberto, seu Alberto, a gente quer dormir!". Surpreendia também o conhecimento que tinha de óperas, além da forma no mínimo razoável como cantava trechos inteiros, em italiano, fazendo a sério o tenor e divertindo-se ao imitar a soprano. Nessas horas mortas, ao cometer também valsas e modinhas em geral, portava bombons para os filhos e versos para a mulher.

Quando viajava, voltava com presentes para todos, além de pilhas de discos e livros para ele mesmo. Leitor compulsivo, devorava enciclopédias com a mesma disposição com que enfrentava engradados de cerveja e pratos de rabada com pirão. Mas ao tentar, por insistência de D. Ivany, ajudar os filhos nos deveres escolares, transformava o "castigo" do estudo numa grande festa, reclamando da linguagem dos livros ("inadequada para crianças"), fazendo trocadilhos, recriando o texto, arrancando risadas da pequena Maria Lúcia e preocupações de D. Ivany, divertindo-se feito o menino grande que nunca deixou de ser.

Recém-casado, preocupava-se com a descendência (dizia-se o último Hoisel), achando-se no dever de ter filhos varões, "para garantir a sobrevivência do nome". Daí, teve nove, um número considerado exorbitante, mesmo para aqueles anos. Seu amigo Antônio Sá Pereira dizia que essa quantidade estava bem adequada ao estilo exagerado de Alberto, que casou duas filhas no mesmo dia (Dinah e Solange) e crismou duas (Dinah e Tânia). Bebia muito, comia muito, trabalhava muito. Embora não comesse nos bares, "para não ocupar espaço", em casa era um glutão, alimentando seu excesso de peso com pratos "pesados", sendo exemplo a rabada, acompanhada com o que ele chamava de "pirão

chorão” (aquele vem esparramando gordura pelas beiradas), o seu preferido. Também exagerou ao fazer versos (incontáveis) e fortuna (não informada), pois sempre soube ganhar e gastar dinheiro.



De jovem gerente da firma de representação, passou a empresário rural, ao comprar uma fazenda do tio Aristarco Weyll, em Ibicaraí, para o que teria contado com o aval de Henrique Cardoso e Silva, pai do futuro prefeito Henrique Cardoso e Silva, e não parou mais de ganhar dinheiro. “Descobriu” a piaçava, um produto agrícola tido como de importância econômica secundária, e ao longo de anos não só foi o grande exportador dessa fibra para os EUA e a Europa como também seu maior produtor, dono de imensas áreas plantadas. Dedicou-se também a outros negócios com terras, sendo de sua propriedade áreas próximas a Olivença onde foram desenvolvidos nos

últimos anos grandes projetos hoteleiros.

Militou no PRP (Partido de Representação Popular), sendo secretário do diretório municipal de Ilhéus. Plínio Salgado() foi padrinho de sua filha Maria das Graças, realizando-se a cerimônia do batismo na Igreja de São Jorge, numa das visitas que o grande chefe Galinha Verde fez a Ilhéus, em 1949. Era fiel a seus princípios, mas não misturava política e amizade. Com o amigo Nelson Schaun, por exemplo, uma das lideranças do comunismo local, enxugou muitas e muitas garrafas de cerveja, sem que tivessem qualquer desentendimento, talvez devido a uma regra que se impuseram: falar de qualquer assunto, menos de suas preferências políticas, a não ser em tom de blague.*

A perseguição promovida pelos nazistas aos judeus (de que teve notícia pelo pai), balizou seu

(*) O grande ideólogo da extrema-direita, líder do Integralismo (que vigorou legalmente de 1932 a 1937), uma doutrina política moldada no fascismo, de exacerbado nacionalismo anti-democrático. Plínio Salgado, em resumo, era uma estranha mistura de Hitler com Mussolini, vestido de verde-amarelo. A foto acima foi autografada para Alberto Hoisel (v. à direita).

comportamento, não se prestando jamais a uma função que esteve muito em moda, a partir de 64: a de dedo-duro.

“REJEIÇÃO” NA COOPERATIVA

No dia 1º. de março de 1969, o governo anuncia modificações na rotina de compra e venda de cacau, com imposição de novo tributo aos proprietários rurais, sugerido pelo presidente do Banco Central, Germano Lira, sob a justificativa de que o setor arrecadava pouco, devido à sonegação.



Plínio Salgado, tendo ao colo Gracinha, que acabara de batizar, em 1949



Alberto Hoisel e seu primogênito, o futuro escritor Beto Hoisel.

pois “faz pagar o justo pelo pecador”:

*Seu Germano, por favor,
Corrija o que está errado:
Que pague por seu pecado
Somente o mau pagador...*

Pouco mais de um mês depois, a 8 de abril, o assunto ainda está pendente, mas o BC anuncia medidas duras para “regular a incidência de tributos sobre as propriedades agrícolas”:

*Da fazenda o Ministério
Cobrando o imposto de renda
Adotou novo critério:
Não taxa... arrenda a fazenda!...*

Depois disso, mais uma frustração, daquelas a que os produtores de cacau se acostumaram ao longo dos anos. Escreveu Alberto Hoisel, em 18 de dezembro de 1968, que “o Sr. Germano Lira, do Banco Central, por ocasião de sua visita a Salvador, não tomou conhecimento das reivindicações da lavoura cacauzeira”.

E acrescentou:

*Embora integre o conjunto
Do qual tanto se esperou,
A verdade é que, no assunto,
Essa Lira não tocou...*

Em 1968, a Cooperativa Central, um empreendimento que se sustentou na administração de Ananias Dorea, somou dificuldades de mercado com má administração e terminou sob intervenção da Ceplac.

Alberto Hoisel, naturalmente, não acreditava que tal mudança resolvesse a crise, como, de

fato, não resolveu:

*Posta a coisa a justo termo
Se chega a uma conclusão:
Enxerta-se um órgão enfermo
Num corpo que não está são.*

*Que o sucesso se consagre...
Mas na minha opinião,
Só pode ser um milagre
Se não houver rejeição.*

Em 23 de janeiro de 1960, o crítico denuncia a injustiça que, a seu ver, se perpetrava contra o então diretor da Cacex (Carteira de Crédito Exterior) do Banco do Brasil, Tosta Filho, colocando a culpa em “outro”, que nenhuma punição recebia.

“Poderosas forças pretendem derrotar a Bahia e o cacau, tramando a destituição do Dr. Tosta Filho da Cacex”, dizia Alberto Hoisel:

*Tal como em tempos atrás,
Vemos a bíblica cena:
É Cristo quem cumpre a pena
Fica solto “Barrabás!...” (*)*

(*) Em artigo de 1938, Eusínio Lavigne, um ilheense dos mais ilustres, diz que Tosta Filho se firmou à custa da capacidade econômica da lavoura cacauzeira, isto é, à custa dos lavradores. E diz mais: como secretário da Agricultura do governo Arthur Neiva, se mostrava “desanimado, pouco dotado de fé, coragem e energia moral”, além do que “suas aptidões práticas de organizador cooperativista conservam-se, ainda, veladas ao conhecimento público.”

Em 5 de junho de 1972, pleno governo militar, chegam à Região, para inaugurar o escritório regional da Ceplac, os ministros Delfim Netto (Fazenda), Cirne Lima (Agricultura) e Pratini de Moraes (Indústria e Comércio), além do governador ACM e de todo tipo possível e imaginável de autoridade.

Dos muitos comentários ufanistas cometidos nos jornais e emissoras de rádio, o melhor foi o de Zé... *ferino*, no *Diário da Tarde* daquele mesmo dia, quando se referiu a “três magos do governo Medici como a última tábua de salvação da lavoura”:

*Se dessa trinca a alquimia
 Não trazer bom resultado,
 Do cacau a economia
 Passa a coisa do passado.*

UM HOMEM DE DIREITA

Pode-se dizer que sua pândega se exercia em latitudes diversas e nem sempre em língua portuguesa. O Barão de Popoff conta que, em viagem de navio aos EUA, em 1984, Alberto se envolveu com um grupo de músicos do Caribe, rapazes e moças de esfuziante alegria, porém jamais vistos até então, e com eles mergulhou numa farras que já durava horas, com muito barulho, mu



JARDIM ZOOLOGÍCO (22.3.58)

A população do bairro do Malhado está se vendo atazanada com a vara de porcos de todas as idades e tamanhos que vivem soltos, fuçando as ruas e quintais com se o florescente bairro fosse um chiqueiro. Como os porcos, os cães, os burros e os cavalos e toda a bicharada zombam das posturas municipais.

JORGE AMADO NA ABL (7.4.61)

Foi eleito ontem por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras o escritor conterrâneo Jorge Amado. O autor de Gabriela, Cravo e Canela ocupará a cadeira 23, vaga com a sorte do senador Otávio Mangabeira.

O SEU A SEU DONO (25.10.60)

Estão em nosso poder para serem devolvidos aos respectivos donos: um amarrado de livros escolares e um pé de sapato de criança, este último trazido na manhã de hoje à nossa Redação pelo Sr. João Lawinsky.

muita cantoria.

A pedido de D. Ivany, o guia turístico e amigo do casal foi retirá-lo de lá, pois havia outro compromisso a ser cumprido. Alberto já falava pelos cotovelos, pagava bebida para todos, comandava, bem ao seu estilo, uma verdadeira festa, a propósito de nada. Popoff foi recebido com saudações de alegria, acompanhadas de uma lata de cerveja, sentindo correr o risco de meter-se farra a dentro, tal era a animação reinante, e ver abortada sua missão.

Com cuidado, para não dar ao amigo a idéia de que se tratava de uma “patrulha”, em vez de ir direto ao ponto, preferiu um rodeio: sugeriu passarem pela sala de jogos, “um lugar muito interessante”, onde podiam jogar um pouco...

Só falou até aí. Alberto tirou da boca a lata de cerveja e, em meio à balbúrdia geral, saiu-se com esta, quase aos gritos:

- Vou jogar não, Popoff! Pode deixar que o navio joga por mim!

E continuou a beber, cantar e fazer piadas por muitas horas ainda.

Enquanto isso, embalado pelas ondas, o navio jogava...

*

No ano seguinte, em Paris, ele saiu do hotel pela manhã e, à tardinha, ainda não voltara. Novamente “santa” Ivany apelou para o guia, pois já havia adquirido entradas para o Follies Bergère à noite e havia o risco de perder o espetáculo. Popoff foi à procura, dobrou à esquerda na porta do hotel, com tamanha falta de sorte que revistou vários cafés e... nada de Alberto, que se encontrava no lado oposto. Voltou pela mesma rua algum tempo depois, quando alguém do grupo de turistas o avisou que vira o “procurado” num dos muitos botequins da área, mas à direita da

saída do hotel...

Foi encontrar sua caça cercada de gente, pagando vinho para quem quisesse e cantando A Marselhesa a plenos pulmões, em dueto com a dona do café, uma elegante senhora francesa, além de um imenso coral de bebedores ocasionais. Quando terminou a cantata e Popoff conseguiu falar, explicando que o estava procurando em vão no lado esquerdo do hotel, ouviu esta singela explicação:

- Você não sabe que eu sou sempre um homem de direita?... ()*

(*) Conta D. Ivany que o esforço de Popof, ao menos quanto a Alberto, foi baldado. Devido ao excesso de vinho, ele cochilou durante todo o espetáculo.

“ANANIAS, NANIAS, NANIAS...”

A “marca Dorea” (Francisco, Raimundo, Ulisses e, principalmente, o chefe do clã, Ananias da Silveira Dorea), ligada às principais instituições da Região, era citada a propósito de tudo, pois Ananias tinha domínio absoluto sobre o *Diário da Tarde* (fundado e dirigido pelo seu irmão Francisco, em 1928). Resultado: num dia sim e no outro também, ele estava,



Na Câmara Estadual, houve agitados debates para a composição da mesa...

A gente vê com tristeza
Dos deputados a lida:
Se eles brigam pela mesa,
Quanto mais pela... comida!...

Muitas críticas têm sido feitas ao abrigo construído para os passageiros que se dirigem ao Pontal, que, se diz, não oferece abrigo...

Este abrigo, como vê-lo
No nosso caleidoscópio?
Não passa de um cogumelo
Olhado no microscópio

por alguma razão ou sem razão nenhuma, na primeira página do vespertino....

Este epigrama, declamado no Bar de Barral sob intensa vibração dos circunstantes, mostra a visão de Alberto Hoisel sobre o assunto:

*Como um disco já velho e surrado,
Na mais lúgubre das monotonias,
O Diário repete cansado:
"Ananias, nianias, nianias..."*

Um artigo do Prof. Plínio de Almeida, em que exaltava Ananias Dorea, recebeu este comentário no *Diário da Tarde* de 13 de fevereiro de 1969:

*Por Diógenes não o tomem:
Na sua inocência eterna
Conseguiu achar um homem
Sem precisar de lanterna*

Na *Trovas & Sovas* de 26 de fevereiro de 1960, *Zé... ferino* foi buscar inspiração num pesquisador que se preocupava com a longevidade das pessoas, para mexer novamente com a ALI e seu presidente. O texto de abertura dos versos, encimado pela expressão "Com vistas a Abel", dizia que "segundo as teorias do Dr. Linus Pauling, se não tivesse certos hábitos, o homem poderia viver eternamente":

*Aprenda e não leve a mal
A lição que eu não sabia:
Mesmo sem academia
Qualquer um é "imortal"...*

O esporte a que Alberto Hoisel se dedicou na juventude continuou a merecer, na maturidade,

seu olhar crítico. Em 26 de março 1969, num momento em que o futebol do município estava em baixa, principalmente os três grandes (Vitória, Flamengo e Colo-Colo), ele publicou um epigrama, antecedido de comentário dizendo que “o veterano esportista Mário Reis [*ex-presidente do Flamengo*] voltará à atividade na próxima temporada, para reabilitar o futebol de Ilhéus”:

*Terminado o calendário,
Na lanterna todos três
Vão, por sugestão de Mário,
Formar um terno de... Reis!*

Otávio Moura, cujo nome chegou aos dias de hoje como um profissional de grande competência, era professor, inspetor de ensino e redator-chefe do *Diário da Tarde*, uma amizade que Alberto Hoisel cultivou até os últimos instantes de vida do jornalista, já em Salvador. Acontece que corria à socapa a fama (não exatamente injustificada!) de que Otávio, além das suas faculdades intelectuais, era chegado a mulheres, digamos assim, mais do que o comum dos homens, coisa que ele, é óbvio, atribuía às “más línguas”.

Tal situação não escapou da flecha certa do poeta:

*Dizem uns que é sua pena
De condor na Redação;
Outros, à boca pequena,
Que é pena de gavião...*

A *Trovas & Sovas* de 15 de fevereiro de 1960 publicou o seguinte mimo, a respeito das obras da nova sede dos correios, na Marquês de Paranaguá: “Com as últimas chuvas, a construção do edifício dos Correios e Telégrafos, dirigida

(*) O americano Linus Pauling (1901-1994) é um dos nomes mais ilustres da Ciência neste século, notabilizando-se por pesquisar a relação entre fatores nutricionais e doenças, particularmente as cardiovasculares. Foi pioneiro em medicina ortomolecular e ganhou dois Nobel: de Química (1954) e da Paz (1962).

pelos engenheiros Barcino e Lago, foi danificada e alagada”:

*Ninguém sabe que esse estrago
De uma luta se origina:
Seu Barcino quis um lago...
E seu Lago, uma piscina.*

Pouco mais de um mês depois, a 19 de março, ele tece candente crítica ao ato de promoção do diretor regional do DCT, Augusto Ramos, ao afirmar que com a subida do referido funcionário da Diretoria Regional para a Diretoria Geral daquela repartição, “esses serviços deixarão de ser uma calamidade regional para ser uma calamidade nacional! ...:”

*Tanta fé depositamos
No seu esforço e trabalho
Que sem receio afirmamos:
Esse Ramos vai dar galho.*

Em 24 de março daquele ano, ele voltaria a criticar a construção do novo prédio do DCT, insinuando que havia muito dinheiro para pouca obra. E dizia ter informações de que uma nova verba de oito milhões de cruzeiros fora liberada “para a difícil construção do edifício-sede da agência local do Departamento dos Correios e Telégrafos, a cargo dos engenheiros Barcino Esteve e Francisco Lago”:

*Diz-se em tom não muito vago:
Com tantos milhões por ano,
Quem esteve como lago
Pode tornar-se... oceano.*

Andou mesmo a passos de tartaruga a construção do prédio dos Correios. Vamos encontrar

no *Diário da Tarde* de 4 de outubro de 1961 (pouco mais de um ano depois) nova crítica sobre o atraso das obras:

*De arquitetura bem tosca
Um negócio muito feio...
Até parece "de rosca"
Essa obra do Correio!*

Em março de 1969, na seção *Três Por Vez...* ("nada mais presente do que o nosso passado") - onde rememorava fatos antigos - ele agradeceu o funcionário municipal Luís Pacheco, da secretaria da Fazenda, a quem reconheceu ser "poeta de rara sensibilidade", com estes versos:

*Na vida te compenstras
Porque a vives sem desdouro
Entre o tesouro das letras
E as letras do tesouro...*

A professora Horizontina Conceição (1909-1991) era magrinha, elétrica, durona e altamente competente, podendo mostrar, com a régua ou com o dedo, uma ilha perdida em qualquer lugar do mundo, quase sem olhar o mapa. Magnífica professora também de Biologia, conseguiu, na turma do autor deste livro, no IME, uma autêntica proeza: explicou em detalhes a reprodução humana, sem que nenhum daqueles quarenta e quatro adolescentes esboçassem o menor sinal de riso.

Ei-la no traço rápido e profundo de Alberto Hoisel:

*Se o contraste é feminino,
Ao seu mérito consagro
O sábio texto latino:
Mens sana in corpore... magro!*

Diretor do IME, inspetor federal de ensino, professor de Português e Latim, padre licenciado, diretor da Escola Afonso de Carvalho, secretário de Educação do Município (por mais de uma vez), Osvaldo (Bartolomeu Davino) Ramos era, antes de professor e chefe, um líder. Imitado às escondidas, num gesto de erguer as calças com os antebraços (hábito oriundo do fato de estar sempre com a mão direita ocupada pelo cigarro aceso) era mestre respeitado por todos (*).

Alberto Hoisel lhe fez justiça nesta quadri-
nha:

*No mundo em que nós estamos
Sua modéstia é assombrosa:
Por isso é que se diz Ramos
Essa árvore tão frondosa.*

Inteligente professor do IME, o futuro grande geógrafo negro Milton Santos recebeu este elogio:

*Se houve na História, falível,
Quem o feito não louvou
Ele é prova indiscutível
De que a Princesa acertou!*

Lembrado no livro *O Que Tinha de Ser*, de Marcos Santarrita, Pedro Lima, famoso e mau-humorado professor de Português, não foi poupado em sua careca oblonga:

*É professor de renome
Não há quem não o conheça:
De lima ele tem o nome,
De melancia, a cabeça...*

(*) Numa tentativa de greve no IME em 1959, pediu aos revoltosos um minuto de atenção, o que lhe foi permitido em respeito e talvez pelo esquecimento de que ele era, dentre outras qualidades, grande orador: subiu dois degraus de escada, fez um comovido discurso e... os alunos voltaram para as salas de aula, desistindo da paralisação.

NERVOS DE AÇO

Figura de líder, que ele jamais se preocupou em lapidar, era o centro da roda em qualquer bar onde fazia ponto, fosse em Ilhéus ou, nas poucas vezes em que abandonou sua cidade, em outros pontos do Brasil ou do exterior. Sua resistência à bebida impressionou Raymundo Pacheco Sá Barretto, que também virava uns copinhos em outros tempos. “Dizem que bebida atrapalha negócios, mas não no caso dele, que quanto mais bebia mais melhorava de vida”, conta. E lembra que se encontraram no



Oswaldo Ramos e, acima, à esquerda, Horizontina Conceição, dois mestres a quem Zé... *ferino* tratou com carinho e respeito

Rio e começaram a beber uns chopos n' O Amarelinho, um bar famoso do centro da cidade, ainda pela manhã. Sá Barretto saiu para resolver as coisas que o levaram ao Rio e voltou no começo da noite, para o "segundo turno": encontrou Alberto à mesma mesa, já em torno de si uma roda animada, bebidos sabe-se lá quantos chopos, outros tantos ainda por beber, e a jogar conversa fora.

"Já o vi beber doze cervejas antes do almoço, como aperitivo", testemunha Antônio Olímpio. Ariston Cardoso diz ter ouvido dizer que Alberto Hoisel era capaz de "enxugar" um engradado de cerveja e ir para casa sem dar qualquer sinal de que havia bebido. "E não tinha ressaca" - complementa "santa" Ivany, a companheira de mais de sessenta anos de casamento - dizendo que, não importando a extensão da farra, o marido acordava à mesma hora, sempre disposto para o trabalho ou pronto a recomençar tudo no primeiro bar da esquina... E eram libações complementadas pelo acurado olhar crítico que derramava sobre a cidade, ao qual nada escapava, como não escapou neste caso:

Seria, segundo os policiais, "atitude suspeita", que, na denominação eufemística dos religiosos, significa "conhecer", ou ainda, em linguagem friamente jurídica, "prevaricação"? O fato é que o dono da Cantina do Cacau (nas imediações da Associação Comercial) teria encontrado sua mulher certa noite no quintal do bar, o que pouco teria de inusitado, não fosse uma noite fria de agosto, e ela estivesse nua em pelo, nos braços de outro, vizinho gentil e simpático, morador num prédio pertencente a Fernando Barros, dando para os fundos do bar. E, diga-se a bem da verdade histórica, não era "nos braços de um tipo qualquer", como no samba de Lupicínio Rodrigues: os braços em questão eram de um recém-formado advogado e professor, bem falante, bom de bico, de competente

cantada e futuro promissor.

Descoberto em plena atividade de “vamos ver”, o projeto de causídico, longe de invocar incertos códigos, pulou esta primeira instância e recorreu logo às pernas, jovens e fortes, de comprovada eficiência. Com coração, calça e cuecas nas mãos, arrepiou desabalada carreira, pois parlamentar com marido mal humorado que chega de repente é pura insensatez...

PRONTA

RESPOSTA

O crítico guardara a informação desse tragi-cômico triângulo amoroso e, quando um artigo na imprensa carioca deu uma notícia negativa sobre Ilhéus, ele “entrou de sola”:

*“A verrina publicada sob o título *Vingança em Ilhéus*, na edição de 28 de setembro de *O Jornal*, é de autoria ou inspiração de um nosso conhecido campeão de carreiras (ou corridas) noturnas.”*

E desançou, a poder de versos bem medidos e bem contados, o advogado ilheense e o “órgão líder dos Diários Associados”, do poderoso Assis Chateaubriand:



Certo leitor fez comentários por havermos suprimido esta seção [“Bolas e Balas” ou, simplesmente, “bola”] em duas das nossas últimas edições, isso por motivo de força maior:

Da bola, caro leitor,
Minha impressão aqui vai:
Acho que a bola melhor
Sai... quando a bola não sai!

*Ninguém poderá dizer-me
Qual dos dois mais náuseas deu:
Se a peçonha desse verme,
Se o pasquim que a acolheu...*

Correspondente da *Tribuna da Imprensa* em Ilhéus, Alberto Hoisel nem por isso perdoou os “coleguinhas”, durante a campanha contra a lei de imprensa (campanha que permanece até agora!), em duas quadras fulminantes:

*Pergunta alguém com razão:
“Campanha pró-jornalismo
Ou contra o analfabetismo
Da turma da Redação?”*

*Da lei de imprensa o perigo
Fazem combate cerrado
Temendo que haja castigo
Para quem escreve errado!*

A cidade está muito presente em sua produção, às vezes até fora das fronteiras municipais: a coluna *Carlos Swann*, de *O Globo/Rio*, publicou que na Bahia se pronunciava *gêisel* o nome de Geisel, um dos generais-presidentes criados pelo golpe de 64. A gracinha teve pronta resposta, publicada no mesmo *O Globo* de 14 de março de 1974, com um comentário de má-vontade, dizendo que o autor ilheense era “de maus bofes, mas de rima razoável”.

Os versos de “rima razoável” dirigidos ao redator da coluna, são estes:

*Sendo Vossa Senhoria
Em línguas um sabichão,
Tem um convite à Bahia
Para ensinar alemão...*

Mas se a injúria lhe apraz,

*Seu campo aí é bem vasto:
Ceve-se em seu próprio pasto
E deixe a Bahia em paz...*

Em 1996, o *Diário da Tarde* publicou, com Alberto já recolhido, aos 84 anos, um epigrama, comentando uma decisão do presidente da Fundação Cultural de Ilhéus (Fundaci), Raymundo Pacheco Sá Barretto: “A repercussão negativa causada em todos os segmentos sociais de Ilhéus pela terceirização do nosso teatro, com sua transformação em sala de cinema, fez sair das encolhas o maior epigramista da cidade, que assim se manifesta a respeito da impatriótica idéia”:

*Aos que te querem vender
Por polegada ou por metro
Vive o povo a lhes dizer
Em Unísson: “vade retro!” (*)*

No *Flashes & Flechas...* de 16 de outubro de 1961, ele protesta, em nome de Ilhéus, contra os deputados que “tiveram sua eleição assegurada com os votos dos ilheenses” e agora querem criar novos municípios, “desmembrando-se do já mutilado município de Ilhéus”:

*Vão teu ventre generoso
Rasgar de novo! É demais!
É o teu tributo oneroso
Aos neo-cézares... fecais!*

Brasília, com toda sua imponência política e arquitetônica, não escapou da lembrança histórica do epigramista, que viu na *Novacap* um território remanescente da antiga Capitania de São Jorge dos Ilhéus:

Nos ouropéis da vaidade,

(*) Para Sá Barretto, o projeto visava explorar aquele espaço com exibição de filmes, quando houvesse vaga na agenda, “o que seria bom para o público e para o teatro, que iria auferir renda de seu tempo ocioso”. Segundo ele, o prefeito Antônio Olímpio, pressionado, revogou a medida, antes que ela fosse posta em prática.

*Entre as glórias e os troféus,
Lembraí que na virgindade
Tu pertenceste a Ilhéus...*

Como todo boêmio que se preza, o grande sarcástico não era insensível à estética, muito pelo contrário... Galante, era capaz até mesmo de (acreditem!) deixar abalar suas convicções políticas e se mostrar um ocasional simpatizante da Realeza...

A "Rainha do Cacau", em novembro de 1955, ganhou estes versos, publicados no *Diário da Tarde* do dia 21:

*Seu reinado, o da beleza,
Sobre os homens tripudia...
É nele que a natureza
Supera a democracia...*

No Rio, com D. Ivany, fez amizade com um casal num restaurante, vindo a saber que a bela moça se chamava Roma.

Num guardanapo, escreveu estes versos, a ela dedicados:

*História, amor, os tempos não consomem...
Palpita, eterno, o Tempo seu sintoma:
Ontem é um homem que incendeia Roma
E hoje é Roma que incendeia um homem...*

HORA DA VINGANÇA

Alberto Hoisel não era apenas simpatizante, mas um militante integralista, chegando mesmo a ser candidato a vereador pelo PRP (Partido de Representação Popular), em 1958. Derrotado, nunca mais disputou qualquer eleição, embora tenha apoiado o integralista Pedro Ribeiro, de outra feita

carreado os votos do PRP para José Lourenço e, mais tarde, para Herval Soledade, um líder populista que, após o golpe de 64, transformou-se em impedernido homem de direita, duas vezes prefeito de Ilhéus (1955-1959 e 1963-1967). Isso sem



Vista aérea da Cidade Nova, mostrando a avenida Soares Lopes (E) e, à direita, o IME e parte do estádio Mário Pessoa

prejuízo da amizade com os comunistas Néilson Schaun, Antônio Vianna Dias da Silva e os Pinto (Cícero, Afonso, Juca e Astor), aliás, tios de sua mulher Ivany. Em 1942, quando os comunistas caçavam os “alemães”, sua casa na Rua da Linha, em frente à entrada da Rua do Café, estava para ser invadida. Com uma perna quebrada, em função de um jogo de futebol, acamado, não tinha como reagir. E a invasão não se concretizou porque um dos líderes comunistas, Cícero Pinto, o “Cissinho”, postou-se à porta e decretou:

- Aqui ninguém entra! - fazendo com que os manifestantes se retirassem, sem qualquer agressão.

Pouco mais de duas décadas depois, em 1964, a situação se inverteu, com a opinião dos militantes de direita passando a ser altamente valorizada.

Naqueles anos de chumbo, o major Paulo de Marco, comandante da 18ª. Circunscrição do Serviço Militar (CSM), teve que anotar muitas denúncias contra “perigosos agentes de Moscou”. Ele recorda que “os integralistas vinham de um período de grandes perseguições e sentiam que chegara a hora da vingança, mesmo que fosse à base de mentiras”. Alberto Hoisel recusou-se a ir à forra. “Ele não só se manteve nos limites da decência e da elegância, sem se aproveitar da situação, como até pediu pelos amigos, tendo oportunidade de defender alguns suspeitos de atividade comunista”, conta de Marco.

O Barão de Popoff testemunha que “Alberto, integralista confesso, vestia a camisa verde, mas defendia os comunistas nas horas de aperto, como em 64”. E usava de uma técnica muito especial, a de desfazer da seriedade de princípios do acusado, o que é lembrado também pelo advogado Ariston Cardoso: “Fulano se diz comunista pra se mostrar importante, porque ser comunista atualmente é

ótimo, dá muito cartaz, é bom até pra arrumar mulher...”, cita. Na lembrança de Ariston, “houve integralistas à porta dos quartéis até para acusar inocentes, o que não foi o caso de Alberto”. Os comunistas amigos de Alberto Hoisel não passavam, nos seus argumentos junto às autoridades militares, de “gentis integrantes da esquerda festiva”, sem que nenhum deles fosse sequer capaz de comer uma criancinha no desjejum, como fariam comunistas autênticos...

É claro que não faltava quem, atendendo a mesquinhos interesses, desejasse ver algum desafeto sob o prestígio político e o ferrão impiedoso do crítico, daí as muitas solicitações, jamais atendidas, de epigramas sobre “certas pessoas”.

“Quisesse ou não, ele era a cabeça pensante dos integralistas, porque não cultivava a mesquinha, os pequenos ódios provincianos, não era vingativo, nem periférico, via a vida pela ótica das coisas grandes e importantes, jamais se deixou usar, nunca permitiu que sua inteligência fosse colocada a serviço da política baixa, como alguns desejavam”, discursa José Alves Pacheco, grande conhecedor da vida e dos bares ilheenses.

FILHO DA... CATALUNHA!

O nome do vereador comunista Horácio Faria – que Alberto considerava também da “festiva” – serviu para ótimo jogo de palavras, num epigrama cujo tema central bem poderia ser... preguiça:

*Daquele nosso ilustre camarada,
Descobrimos a verdade certo dia:
Ele somente pra não fazer nada*

Faria tudo, ora se o faria!...

Um dos mais importantes líderes políticos da história de Ilhéus, Pedro Vilas-Boas Catalão, foi



O major Paulo de Marco, comandante da 18a. CSM de Ilhéus, no golpe de 1964, em dois momentos: quando chegou a Ilhéus, em 1963, e durante uma solenidade, em 1964, com outras autoridades



distinguido com uns versos não publicados a pedido de Otávio Moura, para evitar “confusão”. O epigrama, embora com intenção política, soava como se fosse referente ao comportamento do ex-prefeito, podendo ser entendida a sugestão de que ele andaria “pulando a cerca”.

A quadrinha se referia ao “namoro” camuflado de Catalão, do PTB, com o PL. Era, portanto, uma espécie de “adultério político”, não adultério de verdade:

*Um par... tido como sério
Anda de amor proibido...
Sendo embora um bom partido
Justifica-se o adultério?*

Depois, o político ilheense ganharia mais quatro epigramas, sob os temas “Pedro” (dois), “Vilas Boas” e “Catalão”, mostrados aqui nesta ordem:

*Cortês e dos mais corteses,
É da política matreira:
Se o outro negou três vezes,
Esse nega a vida inteira.*

Num encontro com o autor deste livro (em 10 de novembro/99), Alberto Hoisel recitou esta segunda versão de “Pedro”, mais dura:

*Nas atitudes soezes
Todos dois são de primeira:
Se o outro negou três vezes,
Esse nega a vida inteira.*

Sobre “Vilas-Boas”, a crítica saiu áspera, com um trocadilho que fere fundo o famoso líder político ilheense:

Mal era o homem empossado,

*Todo mundo comentou:
"Embora sempre fechado
Um vil às boas chegou!"*

O perfil de Pedro Vilas-Boas Catalão, vai num crescendo: começa contundente em "Pedro", endurece mais ainda em "Vilas-Boas" e atinge as raias da grosseria com "Catalão":

*Ninguém no mundo supunha
Ser verdade absoluta
Que um filho da Catalunha
Virasse filho da puta!...*

David Nasser, um dos mais notáveis jornalistas do seu tempo, deitava indignação nas páginas d'O *Cruzeiro*, dizendo que "milhões de malucos votaram no senhor Jânio Quadros." Ao mesmo tempo, o marechal Henrique Lott (candidato fragorosamente derrotado por JQ) sugeria exames psicotécnicos (o que não é feito até hoje!) nos candidatos à Presidência da República.

Na sua seção *Flashes & Flechas*, em 7 de outubro de 1961, *Zé... ferino* analisou a questão:

*O resultado do pleito
Mostra o caminho aos doutores:
O exame deve ser feito
Em dois milhões de eleitores.*

Sai Juscelino Kubitschek do governo, com seus sonhos de "cinquenta anos em cinco", coisa que a oposição considerava sintoma claro de megalomania; entra Jânio Quadros, briga com a UDN e exhibe seu ar de profeta do apocalipse, cabelos desgrenhados, ar feroz, atitudes bizarras, de vassoura em punho, prometendo varrer (para debaixo do tapete) a sujeira de um Brasil que ele levaria, menos de um ano depois

da posse, à maior crise institucional da história republicana.

Sobre o que chamou de “*imbroglio* UDN-Jânio”, Alberto Hoisel publicou, em 1961, esta quadrinha:

*A UDN está vendo
O erro que foi cometido:
Antes, um doido varrido,
Agora um doido varrendo!*

Em 4 de maio de 1996, o suplemento *A Tarde Cultural* publicou este epigrama (aliás, dado ali como de autor anônimo!) desta forma:

*O Brasil está perdido
Com o que vem acontecendo:
Depois de um louco varrido
Terá um louco varrendo. (*)*

Em 1958, as relações da imprensa com o poder não eram das mais amistosas. O senador Juracy Magalhães e o jornalista M. Paulo Filho (diretor do *Correio da Manhã*), depois de ameaças de um duelo, se encontraram no Museu de Arte Moderna do Rio e foram aos tapas.

Alberto Hoisel aproveitou para desancar o colega de Ruy Barbosa no Senado da República:

*Pobre Ruy! Como sentiste
Que alguém que te sucedeu
Pintasse o quadro mais triste
Que já teve esse museu!...*

Como o anunciado duelo não aconteceu, ele voltou à carga, com estes versos:

Que a platéia se não zangue

(*) Em 1997, o advogado e jornalista João Hygino Filho, ex-redator do *Diário da Tarde*, e responsável pela publicação de alguns dos escritos de Alberto Hoisel, anotou o texto assim, num artigo que marcava os 85 anos do crítico:

Todo o País está vendo/O mal que foi cometido;/Antes um doido varrendo,/Agora, um doido varrido.

*Com a farsa do novo Aquiles:
Fez de um derrame de sangue
Simples derrame de bÍlis. (*)*

A briga Juracy Magalhães-M. Paulo Filho seria retomada ainda por Alberto Hoisel, para uma distribuição equânime de críticas:

*Desse encontro face a face,
Bom seria se depois
O duelo nos livrasse
Todos nós de todos dois!...*

Juracy Magalhães, cearense de nascimento, fez grande carreira política na Bahia. O que não impediu Alberto Hoisel de pespegar-lhe mais um ótimo epigrama, quando de sua última eleição em 1959, usando como mote a já famosa briga com o jornalista M. Paulo Filho:

*Senhor Bom Jesus da Lapa
Ajude a esse povo burro
Que enquanto vive a dar murro
Elege quem troca tapa!...*

Um atuante vereador chamado Juvêncio Peri Lima, com base eleitoral em Coaraci, desde o fim dos anos quarenta, gastava o grande e o pequeno expediente da Câmara com discursos que não acabavam mais...

O nobre representante do povo ganhou de Zé... *ferino*, na *Três Por Vez*... (“nada mais presente do que o nosso passado”), em 1969, este epigrama, um primor de jogo de palavras:

*Peri patético fala
Sem dizer nada de novo...
Se um dia esse homem cala,
Veria a dor do seu povo!... (*)*

(*) O general-senador Juracy Magalhães foi interventor federal na Bahia (1931-1935), governador “indireto” (1935-1937) e estava às vésperas de ser novamente governador (1959-1963). Nesta quadrinha, de contundente ironia, Hoisel o compara ao jovem, impetuoso e forte herói de Tróia

A candidatura de Nelson Costa, “emérito e intelectual de vistas largas”, na opinião de Alberto Hoisel, foi assim saudada:

*Na Câmara essa conquista
Será, talvez, a maior:
Vai dispor de um oculista
Pra ver se enxerga melhor...*

Na primeira campanha do advogado Antônio Olímpio Rhem da Silva para prefeito de Ilhéus, eleito a 15 de novembro de 1976 (ele voltaria a se eleger para o período 1993-1996), Alberto Hoisel fez uma brincadeira com as palavras *olímpico* e *tatu*, devido ao apelido de Ruy Rhem (conhecido como Ruy Tatu), irmão do candidato e seu ativo cabo eleitoral.

O texto explicativo dizia que os “estádios *olímpicos* se transformarão em *jardins zoológicos*”:

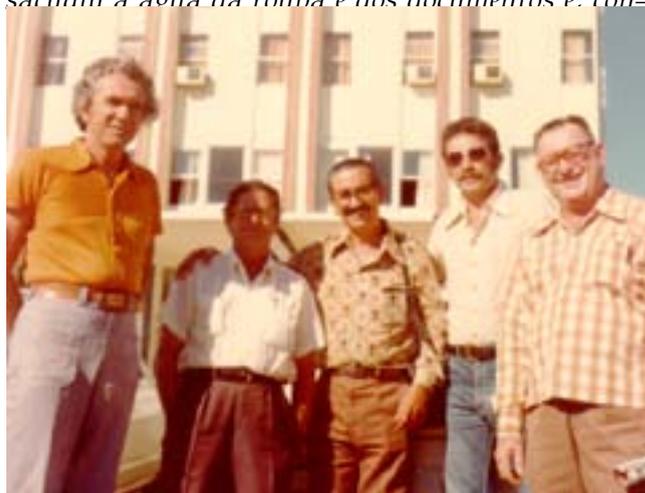
*O irmão de um candidato
Tem gasto tanto tutu
Que, se entrou como tatu,
Irá sair como pato...*

A JUSTIÇA LAVADA

Helvécio Marques, advogado famoso, personagem de Jorge Amado, foi um dos tipos mais populares e queridos de Ilhéus, sendo muitos os episódios em que se viu envolvido, principalmente quando estava bebendo, o que, diga-se de passagem, era quase seu estado natural...

(*) Peri Lima foi também diretor de Obras da Prefeitura, em parte do governo Arthur Leite (prefeito de Ilhéus de 1948 a 1951).

Certa noite, como adjunto do promotor público, chegava ao Pontal, num “besouro” (ainda não havia a ponte), sobraçando várias pastas de documentos do Ministério Público. Ao descer, meio cambaleante (não de sono, apesar do adiantado da hora!), escorregou na prancha e lá se foi mar a dentro, com papelada e tudo, para íntima alegria do povo, que costuma festejar o ridículo das autoridades. Levantou-se, sacudiu a água da roupa e dos documentos e con-



Em Brasília, a caminho do Araguaia (da esquerda) Antônio Olímpio, o piloto Chiarelli, Álvaro Simões, Ruy Rhem e Alciato de Carvalho. Abaixo, os caçadores Manuel Neves e, outra vez, Alciato, nada “ecológicos”



servando a esportiva, fez este comentário:

– A Justiça de Ilhéus tomou um banho. Bem que estava precisando...

De outra feita, ao sair do Vesúvio para casa, vislumbrou o prefeito João Mangabeira à janela do seu palacete, informação suficiente para Helvécio desviar o caminho, pensando em bater um papo com o político. Ocorre que Mangabeira também percebera de longe que sua potencial visita se encontrava em alto estado etílico, e resolveu poupar-se daquela conversa, escondendo-se no interior da casa.

Helvécio chegou, bateu à porta, disse que desejava falar com “meu amigo João Mangabeira” (*) e a empregada lhe respondeu que o homem saíra, não sabia para onde, nem tão pouco a que horas voltaria... o advogado coçou a cabeça, como a processar a informação surpreendente, e produziu, em voz engrolada, esta pérola:

– Pois diga a ele para da próxima vez que sair não esquecer a cabeça na janela!...

Dizem as más línguas que Helvécio Marques tinha um comportamento comum a muitos frequentadores de bares: gostava de beber, mas não de pagar, principalmente para os outros. Com intenção de evitar a exploração de eventuais parceiros de mesa, usava truques sujos, como esconder o dinheiro no chapéu, podendo assim, sem mentir, dizer que os bolsos estavam vazios. Grande conversador, cheio de ditos espirituosos, sempre encontrava quem lhe pagasse a bebida, ou mesmo uma forma de deixar a conta espetada no cabide mais alto do estabelecimento.

Certo dia, escreveu um artigo no Diário da Tarde, diz-se que para “fazer média” com Emílio Maron, dono do Vesúvio, onde o crédito não andava fácil. Para exaltar as qualidades do “gringo”, contava que, bebendo em companhia de um marinheiro

(*) João (Cavalcante) Mangabeira nasceu em Salvador, a 23 de junho de 1880. Em 1900, três anos após formar-se em Direito, veio morar em Ilhéus, onde se fez jornalista, advogado, prefeito e deputado federal.

Preso pelo Estado Novo de Getúlio, produziu peças notáveis de Direito, nos sucessivos *habeas corpus* que impetrou na Corte Suprema, após negar-se a prestar qualquer depoimento à Polícia, “por questão de decoro”. Em carta a seus pares da Câmara Federal, foi categórico: “De mim, prefiro ficar preso por essa ditadura, a ficar livre, pactuando com ela”. Foi discípulo e biógrafo de Ruy Barbosa. Quis o destino que a morte o colhesse, a ele que tanto lutou pelas liberdades democráticas, em plena vigência da última ditadura militar: 27 de abril de 1964.

japonês no estabelecimento de Maron, havia “passado da conta” e perdido uma carteira com boa quantia em dinheiro, pois recebera, naquela mesma tarde, o penhor do Banco do Brasil. Emílio Maron encontrou a carteira – segundo dizia no artigo – e fez a devolução, “sem que faltasse um centavo sequer.”

PAI QUE DORME NO MAR DE LAMA

A história da carteira perdida pelo advogado Helvécio Marques foi considerada por Alberto Hoisel tocante demais, certinha demais, boa demais para ser verdadeira, com todo cheiro de coisa montada de acordo com as conveniências (no caso, as do espirituoso advogado) e analisou assim o acontecimento, mostrando a “verdade dos fatos”:

*Propaganda corriqueira,
Pra quem não sabe a verdade:
Nem Helvécio tem carteira
Nem Maron honestidade...*

Em data incerta de 1954, uma grande foto no *Jornal do Brasil* mostrava o gordalhão deputado Lutherio Vargas, filho de Getúlio, cochilando na



Certo vereador denunciou como comunista o Centro Ruy Barbosa...

Perdoa, Ruy, essa gente
Que assim teu nome polui
Mas quem não vê, quem não sente
Que toda essa gente rui?

Câmara, enquanto Carlos Lacerda vociferava, o dedo acusador quase na cara do dorminhoco. Apesar do “mar de lama”, que levaria o Presidente ao suicídio em agosto, naquele momento, lá no Palácio do Catete, Getúlio se fingia de surdo ao verbo impiedoso de Lacerda.

Alberto Hoisel, que não alimentava simpatias pelo getulismo, também não teve compaixão. Produziu, em cima da fotografia, um dos seus melhores epigramas, com dois ótimos jogos de palavras:

*Acuado, mas inerte,
Com sua burrice enorme,
Cochilava o paquiderme
Imitando o pai... que “dorme”.*

O governador Luiz Viana Filho marcou um pronunciamento em cadeia de rádio e televisão para 29 de dezembro de 1969, quando iria falar de investimentos no Estado. Demosthenes Berbert de Castro, incorrigível otimista quanto às ações públicas, anunciava aos quatro cantos da cidade o que chamava de “a fala do trono”, antecipando que o município iria ser contemplado com importantes obras estaduais.

Veio o pronunciamento e, com ele, a frustração geral, registrada pela pena de Alberto Hoisel, com desconcertante senso crítico, na edição do dia seguinte (30) do *Diário da Tarde*:

*Quem do trono a fala ouviu
Sentiu uma coisa estranha:
Do parto dessa montanha
Nem um ratinho saiu! (*)*

Jânio Quadros, candidato a presidente da República, fez uma declaração temerosa para a

época: disse que, se eleito, estabelecerá relações diplomáticas e comerciais com a China.

Na edição de 26 de janeiro de 1960, o *Trovas & Sovas* comenta a fala do candidato:

*Até o Jânio sustenta
Esta infalível doutrina:
Neste País só se agüenta
Quem faz negócios da China.*



O dono do Vesúvio, Emílio Maron, com seu filho Abdullah; acima, de pé, o vereador Demosthenes Berbert de Castro, ao lado de Ponciano de Novaes Miranda, presidente da Câmara



Em 1961, a 20 de outubro, *Zé... ferino* registrava, a seu modo particular, o resultado de uma das muitas visitas que as lideranças ilheenses faziam às autoridades federais ao longo da história, desta vez ao presidente Jânio Quadros. O motivo da audiência era apressar a construção do Porto do Malhado.

Frasista, teatral e demagogo, JQ aproveitou o momento para exercitar seu estilo sempre surpreendente, dizendo aos integrantes do grupo que “o porto de Ilhéus será feito, mesmo aos bofetões!”:

*Resposta pouco adequada...
Mas, cá pra nossos botões,
A reação de um “pancada”
Tem que ser a ... bofetões!*

Em janeiro de 1960, tentava-se abrir caminho a candidaturas para suceder a Henrique Cardoso nas eleições de 1962, mesmo que alguns postulantes não tivessem qualquer lastro ou tradição política...

Zé... ferino, no dia 14 daquele mês, publicou estes versos, precedidos da constatação de que “proliferam como cogumelos as candidaturas à Prefeitura Municipal”:

*Em Ilhéus, qualquer sujeito,
Quando quer notoriedade,
Espalha pela cidade
Que é candidato a prefeito...*

No dia seguinte, ele retoma o assunto, dizendo que “pior do que a inflação de candidatos são os candidatos inflados.” E faz referência a Cacareco, o rinoceronte que se tornou famoso como candidato a vereador em São Paulo:

Essa gente que desista...

(*) Referência a *Parturient montes, nascetur ridiculus mus* (Os montes parirão e nascerá um ridículo camundongo), verso 139 da *Ars Poetica*, de Horácio. A expressão, referente a promessas retumbantes que não são cumpridas, vem dos gregos, e nos chegou através de textos de Esopo, Fedro e Plutarco. Outro fabulista, o francês La Fontaine (1621-1695)S, usou a mesma idéia para reduzir a seu verdadeiro nível os poetastros, que fazem muito barulho e nada produzem de boa qualidade. A quadrinha de Hoisel segue o costume dos autores de língua portuguesa, que consagraram esta situação como “O parto da montanha”.

*Seus planos não fazem eco:
Aqui ninguém é paulista
Pra votar em Cacareco... (*)*

Hoisel ainda voltaria ao assunto, quando o que parece um pedido de desculpas é a mais fina ironia, com o autor se mostrando humilde, mas sem retirar nada do que dissera sobre o excesso de candidatos:

*Ajoelho-me se peço,
Para que o céu me abençoe:
Se ofendi Cacareco,
Cacareco me perdoe...*

Dez anos mais tarde, o quadro era semelhante, quanto ao grande número de candidatos, só que para a Câmara de Vereadores.

Zé... *ferino* escreveu, “a propósito de comentário da imprensa sobre candidatos a vereador”, em 18 de maio de 1972, mostrando certo cansaço com a repetição do problema:

*Sabe o mundo, sabem os céus
Que entram anos, saem anos
E essa Câmara de Ilhéus
Honra gregos e troianos...*

(*) O professor Leopoldo Campos Monteiro, candidato do prefeito Henrique Cardoso, teria se sentido atingido, escrevendo uma resposta a Zé... *ferino*. Este material não foi localizado no arquivo do DT nem em fontes orais. O professor negou ao autor deste livro (por telefone, de Brasília, em 10 de outubro de 1999) que tal fato houvesse ocorrido.

O dentista Napoleão Marques, profissional respeitado e querido, entendeu certa vez de ser candidato a prefeito de Ilhéus. Sendo presidente do diretório municipal do PMDB, a viabilidade da candidatura parecia fácil. E, para começar, pintou a cidade de cima a baixo, postes, muros, paredes, portas, portões, em qualquer lugar em que fosse autorizado, com o dístico: “Napoleão na Prefeitura é o povo no governo.”

Alberto Hoisel parece ter sentido na estratégia do jovem candidato um excesso de “napoleões”, sem outros trunfos eleitorais:

*Nessa estranha psicose
E nessa idéia que o rege,
Entendeu que por osmose
Só o seu nome o elege! ...(*)*

ROBERTO FOI-SE SEM MARTELO

Fim dos anos oitenta, ventos de democracia agitando o ar, primeira eleição direta para o maior cargo da República, depois de longa espera. Os candidatos mais importantes foram retratados, antes ou depois das eleições:

Lula, o arquiinimigo da direita, ganhou estes versos:

*Bom motorista de fato
Pra jipe ou pra caminhão...
Mas não pra um país a jato
Como é hoje esta Nação.*

Para Mário Covas foi reservado o epigrama abaixo:

*Só há uma coisa certa
Não há por que duvidar:
A cova já foi aberta,
Só falta o Mário chegar...*



BRASÍLIA x CORREIOS (17.7.58)

Se o governo federal não pode construir um prédio de Correios e Telégrafos numa cidade da importância de Ilhéus, que ajuda no enriquecimento do tesouro público, como é que aplica bilhões de cruzeiros numa localidade que nada produz e que no orçamento da União só gera despesas?

(*) A agressiva campanha de Napoleão Marques Ihe rendeu a candidatura a vice na chapa que tinha Raymundo Pacheco Sá Barretto como prefeito. Perderam a eleição para Jabes Ribeiro, em 1984.



Pedro Vilas-Boas Catalão (D), o político de Ilhéus mais atacado por Alberto Hoisel. Ao todo, foram quatro quadrinhas, cada uma mais dura do que a outra

Sobre Brizola e sua fama de grande fazendeiro de gado no Uruguai:

*Com seus sonhos se distrai
Numa tática sutil:
Pra comprar o Uruguai,
Irá vender o Brasil.*

Roberto Freire, candidato do PCB, teve referências ao símbolo internacional do comunismo:

*Da sucessão no duelo
Muita pata, muito coice...
Mesmo assim Roberto foi-se
Sem um lance no martelo.*

A Guilherme Afif Domingues, que aparecia na tevê usando linguagem de surdos-mudos:

*Cego e surdo que faz dó
Um parado na parada...
Será ao fim da jornada
Um Afif de fifó.*

Do ortopedista Ronaldo Caiado, candidato de extrema-direita, ele disse:

*Ninguém lhe dobra a cerviz
Qualquer parada ele topa:
Diz-se de boa raiz
Mas não vai chegar à copa!...*

Ulysses Guimarães, após a tragédia que o levou, teve este registro, inspirado nos clássicos:

*A Odisséia atual
Teve um fim inesperado
E um desfecho fatal:
Ulysses morre afogado...*

Sobre Fernando Collor de Mello, o crítico faz coro (e erra) com a maioria dos eleitores:

*Depois da negra procela
Virá o que Deus o quis:
Tornar a Pátria mais bela,
Colorir este País...*

Independente, Alberto Hoisel mandou, em 12 de fevereiro de 1969, um recado direto aos que lhe sugeriam tripudiar sobre os perseguidos pela ditadura.

Ao escrever que o epigrama era “a propósito de *certas solicitações sobre certos acontecimentos*”, ele outra vez elegeu a amizade como um valor acima das divergências políticas:

*Nem todo conselho aceito,
Nem em toda cartilha rezo:
Pra julgá-los sou suspeito,
São todos presos que prezo...*

Em 1969, a redemocratização do País, anunciada cinco anos antes, parecia cada vez mais longe. Ao contrário, as novas medidas “revolucionárias”, AI-5 à frente, só faziam recrudescer a caça às bruxas em Ilhéus, quando era prefeito Nerival Barros.

No *Das terças às... cestas* de 18 de março daquele ano, *Zé... ferino* dizia que “a opinião pública aplaude a ação saneadora da Revolução, mas sem discriminações”:

*Sabe-se que a corrupção
Tem crimes que clamam aos céus!
Mas se indaga, e com razão:
Só se deu isso em Ilhéus?*

A 20 do mesmo mês, Alberto Hoisel, ingenu-

amente, festejava as ações ditas revolucionárias do governo militar, ao dizer, que o AI-5 “fulminou a serpente de mil cabeças da agitação”:

*De modo tão eficaz
O Ato 5 acontece
Que o Costa e Silva merece
O Prêmio Nobel da Paz...*

No ano anterior, ele já publicara (17 de dezembro de 1968) que “pelo Ato Institucional nº. 5 o Congresso entrou em recesso”, como que justificando a violência que se praticara contra aquela instituição:

*Entre a vigília e o tédio
Dividia-se o Congresso
De modo que esse recesso
Foi excelente remédio.*

No dia seguinte, com certa crueldade, ele diz que “A Ilha Grande [onde a ditadura depositava os presos políticos] é a colônia de férias mais freqüentada do País”:

*O Ato tem uma cena
Verdadeira maravilha:
É a estória de uma ilha
Que era grande... hoje é pequena!*

O governador e futuro rei da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, escolhido pela Câmara Estadual (1971-1975), não escapou à flechada do vate ilheense, ao nomear Luiz Sande para secretário da Fazenda, um nome temido pelo empresariado:

*Do ACM a tolice
Cada momento se expande...*

*Daí, escolher o Sande
Ser sua maior sandice!*

Quando o professor Roberto Santos, respeitável figura de reitor da Universidade Federal da Bahia, foi eleito pela Assembléia Legislativa para governar o Estado (1975-1979), Alberto Hoisel refletiu, em seu estilo habitual, a surpresa dos baianos:

*Magnífico reitor...
Isso não é discutido
Mas como governador...
Deus do céu! Não faz sentido!...*

Ao passar o governo da Bahia ao vice Nilo Coelho, para se jogar na aventura da campanha de Ulysses Guimarães à Presidência da República, Waldir Pires incentivou o surgimento dos versos abaixo, nas ruas de Ilhéus.

Embora sem identificação do autor, o estilo “gritava” o nome de Alberto Hoisel:

*Libertando-se do azar,
O baiano está tranqüilo,
Porque já pode nadar
Nas mansas águas do Nilo.*

NOSTALGIA DO CRIME

Reza a tradição que naqueles anos em que as vacas eram muito gordas, a região cacauieira atraía aventureiros com a eficiência de mel atraindo formigas. Qualquer um que chegasse aqui bem vestido e bem falante era candidato a casar com filha de grande fazendeiro e tornar-se também cacauicultor. Comenta-se até que, superior à velha podridão

parda (ou “mela”) e à moderna vassoura-de-bruxa, o maior dos males do cacauero chamava-se “genro do fazendeiro”. Pobres ex-coronéis! Ao longe, comia-lhe as arrobadas de cacau o filho candidato a bacharel, que estourava fortunas no Tabaris, Meia Três e adjacências, voltando mais tarde com um diploma desacompanhado de competência e vocação, isso quando não sem diploma algum; ao seu pé e sob suas vistas cegas, o genro aventureiro depredava fortunas, em nome de muitos casamentos que significavam verdadeiros “golpes do baú”...

Um bonitão conhecido por “Diabo Louro”, procurado como ladrão perigoso no Rio de Janeiro,



O casal Hoisel, com Ida (E), irmã mais velha e primeira professora de Alberto



onde tinha extensa ficha policial, chegou a Ilhéus, vestiu-se adequadamente, disse as palavras corretas, freqüentou os lugares da moda e, conforme se esperava em tais casos, casou-se com uma filha de família importante, passando a ostentar vida de rico e... honesto. Ia tudo muito bem, dançando no Social, indo aos saraus da Associação Ilheense de Cultura, levando a santa esposa pelo braço aos lugares mais badalados, “freqüentando, acontecendo, recebendo” (como dizem em sua linguagem pitoresca, até hoje, as colunas sociais)...

Mas em certa noite, teve uma recidiva, bateu-lhe uma saudade danada dos velhos tempos, uma crise de identidade, uma inexplicável nostalgia do “trabalho”, resolvendo voltar à ativa, ainda que por alguns momentos: pintou a cara como disfarce, entrou na casa de Tácito Sá, advogado famoso por ganhar “todas” em qualquer tribunal e em quaisquer circunstâncias, mediante sua “habilidade” de jurista (nem sempre compreendida e apreciada, é bem verdade), daí sua fama de “águia”. Forçou o advogado a abrir o cofre, levou algumas jóias, não muitas, pois o assaltado guardava a maioria delas no escritório (provando que era “esperto”).

Tácito Sá, confirmando sua fama de velha raposa, puxou conversa com o ladrão, pediu-lhe calma, “não-atire-não-fique-nervoso-cuidado-com-esse-revólver”, conquistou-lhe um pouco da confiança, ouviu-o com paciência de psicólogo a cem reais a hora de 50 minutos, identificou pela voz o perigoso meliante, levou a informação à Polícia e “Diabo Louro” terminou preso e recambiado ao Rio, encerrando uma promissora carreira de crimes que mal começara por aqui.

Era mesmo uma raposa, aquele Tácito Sá...(*)

UM DOREA

Na página anterior, D. Ivany (quarta, a partir da esquerda) sentada com irmãs e primas, no Chalé dos Pinto, nos anos vinte. Os adultos são, a partir da esquerda, Astor, Marieta, Juca, Cícero, Maria Dolores e Afonso. Na foto de baixo, a Rua D. Pedro II (na esquina, de paletó escuro, o futuro governador da Bahia, Arthur Neiva)

NAUFRAGOU

Sobre o assalto à casa de Tácito Sá e a sagacidade do advogado, que identificou “Diabo Louro” e o entregou à Polícia, Alberto Hoisel construiu um epigrama de muito sucesso naqueles tempos, onde utiliza subliminarmente a acusação, muitas vezes levantada e jamais comprovada, de que o advogado, digamos assim, ultrapassava os limites da ética:

*Fez um o que bem lhe aprouve...
Berra o outro sem razão:
Tácito acordo não houve
Mas houve reconvenção! (*)*

Em data não identificada, Tácito Sá, talvez por imposição profissional, levou a leilão vários imóveis comerciais.

Eis a vingança de Alberto Hoisel:

*Tantas salas levará
À praça que, por levá-las,
O Dr. Tácito Sá*



Um dos prováveis candidatos ao governo do Estado estaria comprometido com os líderes emancipacionistas dos nossos distritos...

Se nele não se confia
Por certo haverá razão
Pois se teme seja um dia
General da... divisão.

(*) Tácito Sá Bittencourt Câmara assumiu a Prefeitura de Ilhéus durante curto período, em 1946, nomeado pelo interventor federal na Bahia, (João Vicente) Bulcão Viana.

Passa a ser Tácito Salas...

Em meados dos anos sessenta, pedaços de piso cerâmico viraram moda em Ilhéus, sendo usados nas praças os de cor vermelha, amarela, branca e preta. Esse estranho costume começou no segundo governo Herval Soledade (1963-1967), que autorizou uma aparentemente descabida reforma no Paço Municipal: derrubou o belo muro e implantou uma coisa modernosa, sobras de cerâmica da marca “São Caetano”, bem mais baratas do que o piso “normal”, é verdade, mas que deixaram Zé... *ferino* indignado.

Ele escreveu no *DT* que “o magnífico monumento arquitetônico que é o edifício da Prefeitura de Ilhéus” tinha sido despojado de sua bela amurada, acrescentando esta quadrinha, que deixou Herval, seu amigo e correligionário, muito aborrecido:

*Com seu instinto profano,
Em iconoclasta impostura,
Reduziu a Prefeitura
A cacos de São Caetano... (*)*

Em 1968, devido à incipiente tecnologia de pasteurização, havia muitas queixas de que o leite da marca *Savien* “havia talhado repetidas vezes”, conforme noticiado pelo *Diário da Tarde*, e ainda vinha subindo de preço ultimamente.

Zé... *ferino* publicou no mesmo *DT* o seguinte texto (onde brinca com Castro Alves):

*“Talhado para as grandezas,
Pra crescer, criar, subir”
O leite pasteurizado,
Além de já vir talhado,
Sobe, sobe sem sentir...*

Ao visitar a União Soviética, o presidente Ri-

(*) *Reconvenção* é a figura jurídica em que uma parte inverte a acusação que pesa contra ela, com o autor passando a ser réu. A linguagem popular identifica essa prática com um provérbio: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

chard Nixon se mostrou pródigo em presentear Brejnev e outros dirigentes do PCURSS e suas esposas.

Alberto Hoisel demonstrou toda sua “isenção” com os comunistas:

*Se aqui os nossos selvagens
Conquistamos com presentes
Que os mesmos expedientes
Se usem noutras paragens...*

Antes (24 de abril de 1950), *Bolnete* publicou em sua coluna a declaração de um diplomata americano, queixando-se de que “os estrangeiros não comunistas são maltratados na Rússia Soviética.”

Seguiu-se esta jóia:

*Verdade pura e patética
Disse quem veio de lá:
“Eu na Rússia só vi ética
Nos coices que Stalin dá...”*

Em 13 de maio de 1950, ele registra no *DT*, com incrível olho de repórter, a história de um homem que “esteve nesta Redação queixando-se de uma cabra que lhe sobe no telhado, quebrando-lhe as telhas e dando-lhe tratos à telha”:

*Quebra-lhe a cabra o telhado...
Que ele, na queixa, se abra,
Pois quem se safa de cabra
Fica de cabra safado!*

Dias antes, a 19 de abril, o mesmo olho de repórter sobre uma “invasão” de cobras na Av. Belmonte, onde os moradores gastam o dinheiro dos impostos, em vão:

(*) Assim publicado no *Diário da Tarde*. Nos papéis de Alberto Hoisel, encontrei modificados os dois primeiros versos:

O desvario de um insano
Em iconoclasta impostura
Reduziu a Prefeitura
A cacos de São Caetano.

*Sofre muito quem é pobre...
E o seu sofrimento dobra
Quando lhe levam o cobre
Para deixarem-lhe a cobra.*

O naufrágio do navio italiano Andrea Dorea, que causou grande comoção no País, teve uma leitura singular de Alberto Hoisel: ele aproveitou o tema para glosar uma família de grande tradição e poderio no sul do Estado, valendo-se da percepção do sentido “escondido” do nome do navio:

*Foi um abalo profundo
Que a todos tem consternado,
Pois jamais se viu no mundo
Um Dorea ter naufragado!... (*)*

Em março de 1960, proximidades da semana santa, o prefeito Henrique Cardoso dirigiu pessoalmente uma venda de peixe barato por vários municípios. Em Itabuna, seu colega José de Almeida Alcântara, que já tinha problemas suficientes com a oposição, proibiu a entrada do peixe, certamente por temor ao efeito que tal medida poderia causar, pois a cidade já estava, segundo o prefeito, muito “quente”.

Zé... ferino avaliou a decisão, no dia 18 daquele mês e ano:

*Considero convincente
O motivo apresentado:
Se em Itabuna há tempo “quente”,
Como entrar peixe gelado?*

HOMEM DO ASFALTO

(*) O Andrea Dorea naufragou em 25 de julho de 1956, ao bater contra um barco sueco. Dos 1.709 passageiros e tripulantes a bordo, a maioria se salvou.

Onde chegava, o grande boêmio, desde que encontrasse uma mesa para se apoiar e muita cerveja para beber, formava seu grupo. Gargalhava, fazia amigos com grande facilidade, prendia-os com sua conversa agradável, seu espírito extrovertido, integrava-se completamente a essa companhia barulhenta, que ria e aplaudia suas blagues. Sorria muito, bebia muito, comia pouco (talvez para não ocupar espaço “útil” no estômago), sentia-se à vontade nesse ambiente descontraído. “Estive com ele algumas vezes no Vesúvio e me encantei com sua forma de declamar, entusiasmada, esfuziante, contagiante, com inflexões que subjugavam os ouvintes, dando colorido e graça especiais aos seus versos”, recorda o advogado Paulo de Marco, major reformado, comandante da 18ª. CSM em 1964. Para o ex-prefeito Antônio Olímpio, “se vivesse num centro cultural maior, sujeito a incentivos e provocações intelectuais, Alberto seria um satírico à altura de Emílio de Menezes. Num artigo de 1985, o jornalista João Hygino Filho (da Academia de Letras de Ilhéus) o comparou a Gregório de Mattos, em talento e irreverência. Preferências à parte, não há como não ombrear Alberto Hoisel



Ananias Dorea, entre o ministro Costa Porto (D) e o amigo Nelson Costa

a epigramistas da grandeza dos baianos Lafaiete Spínola e Sílvio Valente.

Vestia-se de maneira simples, adequada ao calor ilheense, não ia além de calça e camisa, salvo em situações especiais. Apressado, profundamente satírico, independente política e economicamente, com ares de misantropo, seu universo era a casa, a empresa, o bar. Tendo passado a infância na zona rural e sendo dono de várias fazendas, poucas vezes as visitava, sendo um típico homem do asfalto, embora se definisse, a propósito de seus negócios de piaçava, como “um homem de fibra”... Não se conhece dele mais do que uma viagem à Europa, uma aos Estados Unidos e outra ao Oriente Médio, umas poucas a São Paulo e muitas ao Rio de Janeiro, a negócios (que ele mais “acertava” n’O Amarelinho do que em qualquer empresa do ramo de piaçava).

Abominava qualquer espécie de formalismo, era declaradamente avesso a homenagens (recusou vários convites para integrar a Academia de Letras de Ilhéus). Mas aceitava, se não com vaidade, certamente com muito gosto, as homenagens particulares, aquelas representadas pelas gargalhadas e os aplausos barulhentos dos amigos, antigos ou recém-criados na última rodada de cerveja.

*

O advogado Elias Pires, antes de ser importante dirigente da Cooperativa Central (presidida pelo empresário Ananias da Silveira Dorea), foi patrono de uma causa de inventário de bens da família do fazendeiro conhecido como Chico Nambu (proprietário rural na região de Coaraci e também dono da fazenda “Diva”, no Salobrinho, posteriormente vendida a Sinésio Chagas). À boca pequena, Elias Pires foi acusado de uma prática comum a alguns advogados da época: beneficiar-se com o espólio

do cliente .

Eram tempos em que o nosso confuso mercado agrícola convivía com uma figura denominada “bonecos do cacau”: exportava-se o produto a preço subfaturado e, posteriormente, recebia-se uma diferença em dólares, fora do Brasil, geralmente em Nova York. É a essa diferença que se chamava “bonecos do cacau”. Tratava-se, obviamente, de um recebimento ilegal, uma espécie de comissão sobre a venda, que chegou até a gerar grandes aborrecimentos. Acusar uma liderança da lavoura de receber “bonecos” era atentar contra sua honra, questionar sua honestidade, chamá-la para a briga.

VACA “DELEITADA”

Elias Pires, encarregado de receber em Nova York um alto valor referente a uns “bonecos”, teve Ananias Dorea (para quem dinheiro sempre foi assunto sério) a esperá-lo, no aeroporto, nervoso, temendo que tal importância jamais lhe chegasse às mãos. E a tragédia aconteceu, diz o folclore, apesar de todos os esforços, pois o advogado, na visão de um ex-funcionário da Cooperativa Central, “não era de morar na lagoa e perder pra sapo”...

No fim do mesmo dia, no Bar de Barral, Alberto Hoisel recitou esta quadra, recolhida e passada adiante por Lino Cardoso:

*Coitado do Ananias
Está triste, jururu...
Mas da mira do Elias
Não escapa nem Nambu!...*

Principal voz de Ilhéus e da Região, o *Diário da Tarde* estava em franca campanha contra

o aumento abusivo dos preços dos remédios, naquele longínquo 1955.

“Esta folha feriu frontalmente o crucial problema da aquisição de medicamentos pelas classes menos favorecidas, em consequência dos seus preços astronômicos”, comentou *Bolinete*,



O líder populista Herval Soledade, numa pose de palanque que se tornou clássica em Ilhéus

na edição de 23 de novembro, emendando:

*Por maior que seja o assédio
Que lhe move este Diário,
Pra usura do boticário,
De fato não há remédio...*

“Antenado”, como não se dizia na época, com o que acontecia à sua volta, o cronista coletava notícias bizarras até a grandes distâncias. Em 4 de fevereiro de 1960, ele publicou, assinado por *Zé... ferino*, este comentário:

“Criador americano descobriu que as vacas produzem mais leite quando ouvem música durante a ordenha. A descoberta deve interessar aos criadores locais”:

*A idéia que se destaca
Há de achar quem a aproveite...
Que o homem deleite a vaca,
Pra que a vaca dê leite...*

Em 23 de janeiro de 1960, o *DT* dizia ter recebido “inúmeras queixas de carne podre nos açougues, cara, podre e faltando no peso”, acrescentando: “uma família que comprou quatro quilos, encontrou três quilos e duzentas gramas (*sic*), um pedaço podre e mais dez cruzeiros em quilo (*sic*).” O confuso texto registrava que os donos de açougue obrigavam os magarefes a abater o gado muito cedo, para poder dar tempo de efetuar a venda aos consumidores. “Com o calor dominante, no dia imediato a carne está podre - concluía o *DT* - o que é natural e compreensível”.

No dia 30, Alberto Hoisel dedicou duas quadrinhas ao maior pecuarista do País, o paulista

Auro Soares de Moura Andrade (que viria a ser presidente do Congresso Nacional em pleno golpe de 64):

*Quando a massa exasperada
Despertar do "áureo" sono
É o estouro da boiada,
Abatendo o próprio dono.*

*A eterna fome do ouro
Faz que a cobiça se dobre...
Se arranque o cobre do touro,
Mas deixe o couro do pobre...*

Em 16 de março daquele ano, Zé... *ferino* voltaria a se ocupar do assunto. Está no DT nº. 9.258 o comentário de que "os açougueiros publicaram nesta folha um aviso sobre o novo aumento de dez cruzeiros na carne de boi":

*Pelo aviso publicado,
O povo já sabe o nome
Desse grupo celerado
Que lhe quer matar de fome!..*

Alberto Hoisel produziu versos "impúblicos" na época (e alguns que não seriam publicáveis nem mesmo hoje!), mas que faziam grande sucesso nas mesas de bar.

Muitos anos depois, novamente sobre carne (já não a qualidade, mas a falta e o preço acrescido de ágio, no governo Sarney), ele declamou estes, que não seriam publicados por nenhum jornal, naquele tempo.

*Pelo que é e o que foi,
É grave a sorte do gado:
A mulher já não tem "boi"
E o homem come... veado!*

De Ilhéus, viajava-se na época, principalmen-

te, pela Cruzeiro do Sul, mais tarde consorciada com a Varig, formando a Varig-Cruzeiro.

Na opinião de *Zé...ferino*, publicada a 29 de janeiro de 1960, a empresa estava “tirando o couro” dos passageiros, e de pouco adiantava reclamar do preço das passagens aéreas:

*Já de preço exorbitante,
Custando tanto dinheiro...
Pouco importa o viajante
Chorar nos pés da Cruzeiro.*

Faltavam ainda mais de dois anos para as eleições municipais, mas essa “proximidade” do pleito já fazia com que os políticos se movimentassem para obter grandes verbas destinadas às suas “futuras obras municipais”.

Zé...ferino, em publicação de 28 de janeiro de 1960, deixa claro que não acredita nas boas intenções dos que arrecadam dinheiro:

*Esperemos, meus senhores,
Grandes realizações:
O “verbo” pros eleitores,
A “verba” pras eleições.*

ANATOMIA DO RÁDIO

Em abril de 1960, o jornalista e escritor Telmo Padilha, superintendente da Rádio Cultura de Ilhéus, “plantou” uma notícia no Diário da Tarde: o carnaval ilheense teria sido classificado pelo Repórter Esso (espécie de Jornal Nacional da época, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro) em 3º. lugar no Brasil, ficando o Rio em primeiro e Recife em segundo. Oswaldo Bernardes de Souza, diretor da Rádio Jornal, contestou a informação, o que motivou Telmo a retomar o assunto, já em

tom de polêmica.

No dia 23, o agitado diretor da Rádio Jornal publica artigo no DT, dizendo que quem fez ataques à sua pessoa “foi o mesmo irresponsável que noticiou o carnaval em 3º. lugar, esse inescrupuloso que não titubeou em mentir ao povo de Ilhéus, enganando-o com uma vitória à base da mentira.” E disse ter uma carta de Heron Domingues, o lendário locutor do Repórter Esso, afirmando que jamais lera ou tivera conhecimento de notícia sobre a classificação do carnaval brasileiro, muito menos que colocasse Ilhéus em 3º. lugar.

Pelo mesmo DT, no dia seguinte, Telmo respondeu com um artigo intitulado “Anatomia de um semi-analfabeto e aventureiro”, quando dizia que voltava constrangido ao assunto, “para fazer reparos ao amontoado de ignorantices (sic) publicadas pelo Sr. Oswaldo Bernardes”, a quem chamava de



EMOÇÕES NO PONTAL (12.3.58)

O aeroporto do Pontal viveu anteontem horas de grande movimento e de fortes emoções, quando um DC-3 da Cruzeiro, que decolara às 7h30min., com destino a Salvador, voltou à pista com dez minutos de voo, com o motor direito em pane, fazendo uma feliz aterragem. A bordo da aeronave houve um esboço de pânico, felizmente limitado a um pequeno número de passageiros, e sem maiores conseqüências.

ONÇA ATARANTADA (11.9.63)

O Dr. Álvaro Amorim Figueiredo, conhecido médico do Sesp desta cidade, viajava com outros companheiros para o interior quando percebeu à frente do seu carro, atarantada com o buzinar do veículo, uma onça acompanhada de um filhote. A fera correu para dentro dos cacauais, deixando na estrada o filhote, que foi pegado e posto dentro de um saco, sendo trazido para esta cidade

*“semi-analfabeto, dos que escrevem ovos com h...”
E salientava ser Bernardes “o que a gente chama,
na gíria, de picareta: à base de expedientes, sub-
serviência e outros recursos desonestos, conseguiu
grimpar uma situaçãozinha financeira, comprou
um transmissor de rádio e veio para Ilhéus fazer a
praça. Trouxe para aqui apenas uma preocupação,
a de enriquecer e enriquecer através do engodo.”*

*Dois dias depois (25), o DT publica em primeira
página, com o título “Rádio versus Rádio”, que “o
Sr. Oswaldo Bernardes, diretor da Rádio Jornal de
Ilhéus, constituiu advogado para responsabilizar
criminalmente o Sr. Telmo Padilha, superinten-
dente da Rádio Cultura de Ilhéus, como autor de
um ineditorial publicado ontem nesta folha, em
que, segundo o primeiro, o articulista lhe faz im-
putações caluniosas.”*

BATALHA DE ITARARÉ

Semelhante à de Itararé, a batalha Telmo Padilha-Oswaldo Bernardes não teve maior significado(*). O que dela restou de melhor foi um epigrama publicado no dia 26 de abril de 1960, ainda não esfriado o calor da peleja, onde Zé... *ferino* insinuava que aquela briga ridícula já durara além do necessário:

*Dessa onda o vendaval
Pode a nuvem tornar preta!...
Se vem desde o Carnaval,
Vai pra Mi (ou Pi) careta?*

E mais este, que mostra um perfil muito fiel do diretor da Rádio Jornal:

*Quem o ouve a pulmão pleno,
Jactanciar-se em alardes*

*Sente que o mundo é pequeno
Para a empáfia do Bernardes.*

A Previdência Social é objeto de queixas e denúncias de “rombo” aparentemente desde que foi criada, com a unificação dos muitos institutos de aposentadoria. Em 18 de janeiro de 1960, Alberto Hoisel comenta a idéia do governo de criar o Banco da Previdência (para ele o “banco” deveria ser outro):

*A notícia clama aos céus,
Pois se houvesse consciência
A gente da Previdência
Iria ao banco... dos réus!*



Telmo Padilha,
jornalista e escritor,
ao tempo de sua
polêmica com o
diretor da Rádio
Jornal de Ilhéus,
Oswaldo Bernardes

No início de 1969, falava-se em profundas alterações no quadro administrativo de Ilhéus, após o afastamento do prefeito Nerival Barros. Era plena ditadura, com seu jargão e suas siglas, sendo IPM (Inquérito Policial Militar) uma das mais ouvidas. Os boatos exageravam a dimensão dos problemas, especulavam sobre investigações, espalhavam o terror.

Zé... ferino, em 9 de janeiro daquele ano, parecia ter a premonição da queda do prefeito Nerival Rosa Barros:

*Ao que dizem por aí
Há muita gente que teme
Que a nossa PMI
Acabe num IPM...*

Deu no *Diário da Tarde* que certo indivíduo matou um cachorro conhecido como “Getúlio Vargas”, para acabar com a ofensa que isto significava à honra do grande brasileiro. Além de sacrificar o pobre cão, o ferrabrás telegrafou ao presidente, dando-lhe ciência desse grande ato de bravura e patriotismo.

Ao saber da história, Alberto Hoisel traçou no Bar de Barral um rascante perfil do exagerado admirador do “Velho”:

*Pra defini-lo num traço,
Nem à memória recorro:
Quem bem serve ao seu palhaço
Tem que ser “mata-cachorro”.*

Conta-se que, ao ser recitado este epigrama, um gerente do Banco do Brasil, getulista fanático, que também se encontrava na roda, disse que iria cortar o crédito de Alberto Hoisel naquele estabelecimento.

(*)O juiz de Direito Osvaldo Nunes Sento Sé absolveu o jornalista Telmo Padilha no processo que lhe moveu o Sr. Oswaldo Bernardes. Em seu despacho, o titular da Vara Crime de Ilhéus declarou improcedente a ação, alegando que o réu apenas reagira em termos de igualdade às ofensas morais contra si assacadas pelo diretor da Rádio Jornal em artigo publicado no *Diário da Tarde*.

Pura pândega, mas que mereceu uma “retratação” imediata, improvisada na hora, em cima da perna, em clima festivo, saudada por gargalhadas gerais e verdadeiros urros de Dalmiro Freitas (*):

*O caso foi mal contado,
O puxa-saco enganou-se...
Afinal, ficou provado
Que o cachorro suicidou-se!...*

Em 1969, um loteamento denominado “Férias de Olivença”, anunciado como a poucos metros das famosas águas do Tororomba, terminou em escândalo, quando os adquirentes descobriram que a expressão “poucos metros” significava, na prática, “poucos quilômetros”.

Em 15 de janeiro daquele ano, *Zé... ferino*, alegando que “um leitor pede explicação sobre o empreendimento imobiliário”, publica a seguinte crítica:

*Se entregue a gente séria,
Não há razão pra descrença...
Mas das “Férias de Olivença”
Está saindo muita... féria!*

Os especuladores continuavam a fabricar loteamentos, sem constituição legal e sem registro, verdadeiras arapucas onde aprisionar os incautos.

Nesta quadrinha, intitulada “Recado ao prefeito”, ele volta a denunciar a irregularidade e define as “condições” para resolver a situação:

*Para enfrentar os problemas
Dos loteamentos novos
Precisas de quatro ovos
(Mas ovos de duas gemas!)... (*)*

(*) Dalmiro Freitas, autor de uma música denominada “Hino da P.” (palavrão também usado em sua forma apocopada e eufemística: *pô*), talvez seja o precursor do rap. A peça começava num pianíssimo, ia lentamente para o piano, continuava num crescendo, até explodir, aí pela décima P., quando o berro, ou melhor, o final apoteótico fazia balançar as garrafas, os copos e as paredes. O Hino da P. foi raras vezes executado *au complet*, porque ao chegar o solista à quarta P. recebia um olhar de censura de “seu” Barral e perdia todo o entusiasmo. Mas mesmo esses primeiros quatro “compassos” muito animaram as sessões de piadas e epigramas de Alberto Hoisel.

Na mesma época, Alberto Hoisel deplorou certo “ progresso” que chegava a Olivença, um local de sua eterna predileção:

*Com sua linda piscina
Mas com “telhado de vidro”
Houve tempo em que essa hidro
Não foi mineral, foi mina...*

Todo colaborador de jornal já passou pelo inferno de, um dia pelo menos, não ter o que escrever. Rubem Braga, por exemplo, chegou a produzir texto de alta qualidade sobre... a falta de assunto. Alberto Hoisel foi vítima do mesmo mal, quando aproveitou para exercitar seu talento de versejador.

No dia 10 de abril de 1969, ele escreveu, tão somente:

*Cuidado, caro leitor
Com o que ora lhe pergunto:
Me responda, por favor:
Falta de assunto é assunto?*

Naquele distante 1955, o repórter Samuel Wainer, lenda do jornalismo brasileiro, fundador da Rede *Última Hora*, foi preso por ter falsificado documentos, ao fazer prova de nacionalidade brasileira.

Eis como *Bolinete*, em 29 de outubro, via *Diário da Tarde*, viu o assunto:

*O nosso ilustre confrade,
Teimando em ser brasileiro,
Ainda que não lhe agrade,
À grade foi ter primeiro...*

No fim dos anos sessenta, conforme fizera

(*) Ilhéus está em crise, neste momento. O prefeito Nerival Barros foi deposto, preso e levado para Salvador, em janeiro de 1969, sendo o governo assumido pelo advogado Afro de Barros Leal, de fevereiro a abril. Em abril daquele ano, tomou posse João Alfredo Amorim de Almeida, presidente da Câmara de Vereadores, que ficou no cargo até 1971.

durante toda a história da República, o governo anuncia mais uma vez que vai “intensificar a luta contra a inflação e a corrupção.”

Zé... ferino apoia a idéia, que saúda com ver-
sos profundamente críticos, vendo a inflação e
a corrupção como males que beneficiam alguns
grupos sociais, em detrimento da maioria:

*Bem haja o freio à cobiça
Ou sejamos todos loucos,
Pra permitir que tão poucos
A milhões neguem Justiça.*

VIDA DE VIRA-LATAS

*Foi um dos últimos e autênticos “cervejeiros”,
desses que bebem sem pressa, bebem muito, conver-
sam bem, são bebedores, não são beberrões, bebem
a bebida, não o juízo. Raríssimas vezes, no Bar
de Barral, bebeu outra coisa além de cerveja, mas
em viagem à Europa, com D.Ivany, fez todas as
honras ao vinho francês nos organizados cafés de
Paris. Em qualquer lugar, em qualquer situação,
parecia usar a divisa de antigos boêmios do século
passado: “Beber é uma necessidade; saber beber é
uma ciência; embriagar-se é uma infâmia.” Jamais
foi visto bêbado, a trocar as pernas, andar “escre-
vendo”, dizer inconveniências para se arrepender
no dia seguinte. E sempre atento às pessoas e ao
ambiente em que estava, não perdia oportunidade
para exercitar o espírito.*

*Logo após a Ceplac (sentido Ilhéus-Itabuna),
antes do que é hoje um Posto Fiscal, havia uma
espécie de mercearia que vendia muitas coisas,
inclusive cerveja, a que o dono, um iletrado amigo
de Alberto Hoisel, batizou de Ponto Serto (sic)...*

Alberto ia a Itabuna para fechar um negócio e parou no bar desse amigo, para um cumprimento...Bebeu à vontade, discursou, recitou, formou uma roda de amigos incidentais, gastou por lá todo o dia entre cervejas e piadas, jamais chegou a Itabuna...

Ao sair, à noitinha, voltando para casa em seu "jipão", não se conteve mais e deixou este recado com o amigo:

- O ponto está certo, está no lugar certo, você é



Prova de um dos “arroubos de maturidade” de Alberto Hoisel: o certificado de um curso de irrigação no Egito

*

Em Nova Iorque, ele se divertia bebendo cerveja em lata, enquanto conversava com Popoff sobre a vida em geral. A um comentário do amigo a respeito das diferenças culturais entre brasileiros e americanos, saiu-se com esta, entre um gole e outro:

- Aqui na América, nós não passamos de uns vira-latas...

PANORAMA VISTO DA PONTE (E DO PORTO)

Em outubro de 1955, o *Diário da Tarde*, num editorial (“O problema do porto, questão de sobrevivência”), reclamava da má administração do porto, entregue a pessoas “desvinculadas dos reais interesses do Município.”

A 26 daquele mês, comentando o assunto, *Bolinete* (seção *Bolas e... Balas*) escrevia:

*Foi lançado o desafio
E nos cumpre, sem demora
Pôr para dentro o navio,
Pondo essa gente pra fora...*

Na tentativa de construir o Porto do Cacau, havia lutadores de fato, mas sobravam aproveitadores de ocasião, gente que tentava “pegar carona” nessa luta da comunidade regional.

O súbito interesse desses oportunistas está mencionado no *Diário da Tarde* do dia 27 de janeiro de 1960, sob a crítica de que “aparecem (e continuarão aparecendo) novos pais do Porto de Ilhéus, que ainda não nasceu”:

*Contando um pai por segundo,
O nosso porto marítimo*

*Será o filho ilegítimo
Que mais pais terá no mundo!...*

A Ponte Ilhéus-Pontal, que o *Diário da Tarde* chamava de “um dos mais cruciantes problemas regionais”, rendeu uma série de epigramas de

“No próximo domingo, 25, uma apresentação, aliás, pela segunda vez em Ilhéus, da grande pianista Lily Kraus. A famosa artista internacional executará um programa de músicas selecionadas, no auditório do Ed. Bancrelar, após algumas palavras de introdução ao conselho, que pronunciará o Dr. Halil Medauar, um dos grandes animadores das atividades musicais em nossa terra” (*DT*, 21.10.60).



Alberto Hoisel, nos meses de março e abril de 1960, todos sob o mote “Só essa ponte não sai”.

Conseguimos recuperar três deles:

*De moda sai o colete
Em tempo que longe vai
Sai Getúlio do Catete
Só essa ponte não sai!*

*Saem Herval da Prefeitura
(Seu prestígio não decai!),
Catalão, da “Agricultura”...
Só essa ponte não sai!*

*De Abel um livro de aicaí...
E “Ilhéus, Terra do Cacau”...
Sai livro bom, livro mau,
Só essa ponte não sai!*

A ponte e o porto, dois assuntos muito caros a Ilhéus, foram temas recorrentes em Alberto Hoisel. Nestes versos (publicados a 4 de novembro de 1955), ele exalta o papel fundamental do *Diário da Tarde*, que foi ao longo dos anos o registro histórico das reivindicações do sul-baiano.

Dias antes, o jornal reivindicara a urgente dragagem da área de entrada do porto, para melhorar o calado (aumento da profundidade, suficiente para o navio flutuar):

*Da luta que se há travado
Nos fica a compensação:
Se o porto não tem calado...
Este jornal também não!*

Em 28 de março de 1960, seu *Trovas & Sovas* noticiava: “Os empreiteiros da Ponte Ilhéus-

-Pontal se limitaram a fazer uma cerca de arame farpado na área das esperadas e sonhadas obras, impedindo até o trânsito dos banhistas”:

*Jamais houve farsa igual
E que a um povo tanto afronte:
O que pretende? - Uma ponte...
E o que arranjou? - Um curral!..*

O brasileiro tem uma relação de sofrimento com os impostos que paga: a alta taxação e o destino ilícito do dinheiro arrecadado. Em geral, a parcela politizada da população considera válido pagar os impostos, desde que a arrecadação fosse usada para melhorar a vida das pessoas.

Zé...ferino, em 17 de janeiro de 1969 comenta que “a autoridade fazendária tem dúvidas sobre quem paga o imposto, se o produtor, o consumidor ou o intermediário?”:

*Na verdade o que se indaga
A entrevista não explica...
Ninguém quer saber quem paga
Mas onde e como se aplica.*

Quatro dias depois, ele toca numa das eternas feridas brasileiras, a injustiça fiscal, principalmente quanto ao Imposto de Renda, que é cobrado “religiosamente” dos assalariados, enquanto a sonegação anda à solta entre os grandes contribuintes potenciais:

*Pra definir a questão,
Há uma lei que não falha:
Em boa interpretação,
Paga imposto... quem trabalha!*

AMIGOS,

AMIGOS...

Figura popular nos bares de Ilhéus, freqüentava todos, mas era fiel ao Bar de Barral, na Marquês de Paranaguá, onde comparecia, no mínimo, uma vez por semana, com sua “turma dos sábados”: os fazendeiros Raimundo Cruz, Lino Cardoso, Alciato de Carvalho, Dalmiro Freitas, mais Marcolino Cunha (chefe da Condor, depois Cruzeiro), Libério Menezes (despachante aduaneiro), Joaquim Neves (do Loyde), Amílton Almeida (gerente da Brahma), o caçador Manoel Neves e, já em outra geração, o professor Tandick Rezende, os jornalistas João Hygino Filho e Manoel Carlos Amorim de Almeida, além de uns poucos mais. Estes foram os privilegiados que aplaudiram em primeira audição o melhor da sátira já produzida em Ilhéus em todos os tempos. Eram seu auditório e seu laboratório. Foi ali, com as risadas de aprovação desses amigos, que ele fustigou pessoas e instituições, defendeu a agricultura, lutou pelo porto e pela ponte, sempre usando uma arma altamente destruidora, que ele manjava com a competência reservada a poucos: o humor.

Alguns desses amigos de Alberto foram submetidos a verdadeira tortura e, pasmem, jamais permitiram que a amizade fosse, sequer, arranhada, como foi o caso do baixinho (menos de 1,50m de altura) ex-seminarista, advogado, juiz de Direito, sonetista, professor de Português e de Latim Tandick Rezende. Alberto Weyll Hoisel, seu parceiro de bar durante muitos anos, tinha uma explicação para a freqüência com que Tandick bebia:

- Ele está tentando ficar alto...

Tandick combinava beber com dirigir carro, daí seus acidentes serem comuns. Certa noite, segundo relato de Ariston Cardoso, bebia num bar do Alto da Conquista, quando resolveu ir pra casa, já estando



Em foto de 1974, Tandick Rezende, grande amigo e grande vítima de Alberto Hoisel, ao lado da esposa Angelina e da mãe, D. Ernestina. Os filhos, da esquerda para a direita, são Fabrício, Tandick Jr. e José Rezende Neto

“com a quota do dia coberta”, sendo aconselhado pelo policial Milton Levita a não dirigir. Levita chegou a se oferecer para levar o carro, mas Tandick quando bebia se transformava no mais valente dos homens, ficava absolutamente afoito, intemorato, não tinha medo de cara feia, enfrentava o perigo de peito aberto, nunca precisava de ajuda...

Resultado: desceu da Conquista, mas só conseguiu chegar inteiro até a Princesa Isabel, onde bateu o carro contra um poste. Sabe-se lá por quê, espalharam-se imediatamente notícias que exageravam a gravidade da situação. Foi atendido na Maternidade Santa Isabel, onde recebeu, ainda zonzinho (pelo acidente e pelo nível de álcool circulante no sangue), a visita do amigo Ariston Cardoso, que acorrera ao hospital, informado de que algo de realmente grave acontecera. Foi apenas mais um susto para Tandick (e outro maior para Ariston!).

METROS DE... “AMIZADE”

*Zé...ferino tratou do acontecido com o amigo Tandick no *Diário da Tarde* de 19 de março de 1969, dizendo que “vítima de acidente, certo cidadão desencarnou-se por algumas horas.” Este epigrama, dos mais conhecidos, foi muito recitado por contemporâneos do algoz e da vítima. Para sua leitura é fundamental o entendimento de que o acidentado “foi e voltou”:*

*Depois de bater em vão
Às portas do Padre Eterno,
Satanás disse-lhe: “Não!
Você me estraga o inferno!...”*

De outra feita, Tandick vendeu-lhe um lote de piaçava, embolsou o dinheiro da venda e não fez a entrega prometida. Ao insistir na cobran-

ça, o exportador descobriu que comprara um produto que não pertencia ao advogado, mas à mãe dele, dona Ernestina, e que o “baixinho” não tinha sequer autorização para fazer a venda.

Indignado, Alberto aprontou esta “vingança”, um dos epigramas que o autor deste livro mais ouviu durante a pesquisa:

*Expulso do seminário,
Tandick, o malabarista,
Não podendo ser vigário,
Resolveu ser vigarista. (*)*

O caso foi parar na justiça, tendo Alberto Hoisel, no final das contas, perdido a questão, manifestando sua raiva em dois epigramas, um contra seu advogado (que perdeu o prazo de recorrer e, em consequência, a causa) e outro contra a Justiça que o condenou a pagar custas processuais e honorários advocatícios.

O primeiro, altamente virulento, está na lista dos “impublicáveis”.

O segundo é este:



Diz-se que os partidos coligados estão encontrando dificuldades para a escolha de seu candidato ao governo do Estado, o qual deverá sair de uma lista de muitos nomes...

Agora sei o porquê
Desta pergunta imprevista:
Integra a lista, você?
Respondi: “só se há lista” ...

*A Justiça em seus julgados
Anda sempre em dois sentidos:
Ora de olhos vendados,
Ora de olhos vendidos.*

Juizes e justiça foram freqüentemente fustigados pelo verso mordaz de Alberto Hoisel.

Como nesta quadrinha, contra um magistrado da época:

*“Juiz” só para os incautos,
Cuidando que prolatava,
Foi achar dentro de uns autos
O pasto que procurava.*

Amigo de fé, com assento garantido na “turma dos sábados”, o representante comercial Amílton Almeida cultivava uma das maiores instituições nacionais: o papo descontraído e cheio de verve sobre as coisas e as pessoas:

Foi imortalizado neste epigrama:

*Fala do mundo e de tudo...
Belzebu nunca fez tanto!
Se Deus o fizesse mudo,
Talvez ele fosse um santo...*

Em dia não anotado de 1969, na seção *Três Por Vez...* (“nada mais presente do que o nosso passado”) o poeta Abel Pereira seria vítima de *Zé... ferino*. O autor de *Colheita* que “abrilhanta as colunas do *Diário da Tarde* com suas biografias em versos” (ele publicara esses sonetos nos anos cinquenta e fim dos sessenta) recebeu este epigrama, com boa dose de injustiça:

*Se esses versos não têm fim
E nessa pena há tanto horror,
Valei-nos, Nosso Senhor,*

(*) Os dois epigramas foram anotados pelo próprio Tandick, numa capa de livro, e fornecidos a esta pesquisa, dentre outras fontes, por um dos seus filhos, o advogado José Rezende Neto.

Mandai outra vez... Caim!()*

No começo dos anos sessenta, Demosthenes Berbert de Castro, o Demostinho (ou Dedé, para os mais íntimos), se dizia um tanto angustiado em sua luta, em favor das coisas de Ilhéus. Em entrevista ao jornal *A Tarde*, queixou-se da ingratidão de certas pessoas, que não davam a seu trabalho o apoio necessário.

O epigramista procurou, com estes versos, “jogar o feitiço contra o feiticeiro”:

*No cemitério de ingratos,
Que ele tão bem descreveu,
Dedé, depois desses fatos,
Fez seu próprio mausoléu...*

(Requiescat in pace!)

Ao deixar o grupo político a que estava ligado em 1955, o amigo Antônio Vianna Dias da Silva ganhou estes versinhos cheios da simpatia de *Bolinete*, em 7 de novembro daquele ano:

*Retirada a todo pano
De mais um desiludido...
Lutou como um espartano...
Não venceu nem foi vencido.*

O memorialista Raymundo Pacheco Sá Barretto, dono de cartório, personagem de Jorge Amado (a quem o autor de *Terras do Sem Fim* chamou de “o último coronel do cacau”), tratado carinhosamente como “senador”, também foi alvo da crítica de *Zé... ferino*.

Sá Barretto e sua mulher, D. Itassucê, receberam esportivamente este epigrama, que

relembrou, em parte, para o autor deste livro, numa manhã de sol de outubro de 1999:

*Com seu jeitão de “raposa”,
Fez do Fórum seu espólio...
Dos cartórios monopólio,
De que é sócia a própria esposa!... (*)*

O advogado Nilo Cardoso Pinto era um homem de letras: advogado, jornalista e poeta do nível dos melhores da Bahia, aprovado por Adonias Filho e, mais recentemente, Cyro de Mattos. Fora do ambiente literário, o ilheense comum o descrevia como um tipo bonito, olhos azuis, bem-sucedido, sofisticado, vaidoso, vaidoso a não mais poder.

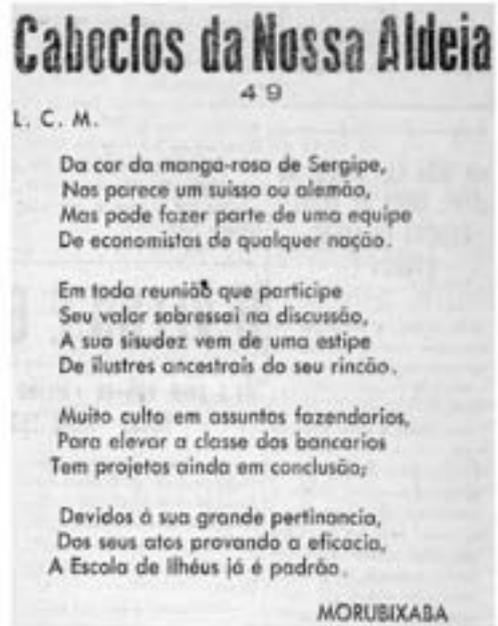
Alberto Hoisel parece ter achado que ele exagerava e “re-escreveu” o advogado num epigrama fulminante, que o reduz de famoso rio Nilo a desimportante rio das Tripas, um que fica nas imediações de Salvador:

*Quanta vaidade dissipas,
No teu mundo de ilusão!...
Não és Nilo... és Rio das Tripas,
Pinto metido a pavão!*

O poeta e contista Jorge Medauar (*Água Preta, A Procissão e os Porcos* etc.) ganhou estes versos:

*Sua obra é imponente,
O seu talento, invulgar...
Lendo-o, logo a gente sente*

(*) Nas iniciais L.C.M., e no próprio perfil, identifica-se o professor Leopoldo Campos Monteiro.



Um mundo de “me dá o ar” .

Numa época de explícita divisão entre esquerda e direita, Ariston Cardoso, advogado e gerente do Banco Econômico, que mais tarde seria prefeito de Ilhéus pela Arena (1975-1978), era tido como “homem de esquerda”. Para Alberto Hoisel, Ariston, igual a muitos de sua geração, não era comunista, mas “um pacato integrante da esquerda festiva”, mostrando um descompasso entre o que seu amigo era e o que aparentava ser.

Em 10 de novembro de 1999, ele mesmo recitou, com esforço, este epigrama:

*Contra-senso esquisito e extraordinário,
Num amigo meu que observo e critico:
Nascido burguês, se diz operário,
Tem ares, tom e tudo mais de um rico.*

Por esta época, seu amigo e prefeito foi agraciado também com este outro epigrama:

*Sua personalidade
Acompanha-lhe a estatura:
Tem mil metros de vaidade
Por milímetro de altura... (*)*

(*) Bem-humorado, Sá Barreto explicou que, por essa época, eram tabeliães D. Itassucê e ele, enquanto seu primo João Diogo era escrivão. Isto teria provocado outro comentário de Alberto Hoisel: “Em Ilhéus, cartório é uma porção de carteiras cercadas de Sá Barreto por todos os lados”.

Anos depois, o mesmo Ariston Cardoso, já prefeito de Ilhéus, pôs em execução um polêmico plano urbanístico que incluía o corte das amendoeiras em frente ao Bar Maron.

A falta das árvores na paisagem ilheense foi sentida por grande parte da população, incluindo Alberto Hoisel, que bateu forte no prefeito e, por tabela, nos que o antecederam:

*Dizimando nossa flora,
Por capricho ou por vaidade,
Fez o que gente deplora:*

Deflorou nossa cidade...

*Mas ouvida em confissão
Revela a cidade em prantos:
“Não foi o primeiro, não!
Antes dele foram tantos!...”*

Outros prefeitos de Ilhéus, além dos até agora citados Pedro Vilas-Boas Catalão (págs. 79 e 80), Herval Soledade (pág. 102), Nerival Barros (pág. 115) e Ariston Cardoso (acima), foram retratados por Alberto Hoisel. Exemplos:

Seu primo Henrique Weyll Cardoso e Silva (1959-1963), apelidado *Buck Jones*, por ser do tipo que, como delegado, prefeito ou cidadão, não levava desaforo para casa, ganhou esta quadrinha:

*Quantos méritos reúna
Quando fale ou quando xingue
Num instante, da tribuna
Passa fácil para o ringue...*

João Lyrio (1989-1992) é usado para uma alfinetada em Jabes Ribeiro, seu padrinho político e que o antecederia na Prefeitura:

*Sem querer, ao companheiro,
Causa um tremendo revés:
Mostra onde aplica o dinheiro,
Coisa que o outro não fez.*

Em Jabes Ribeiro (1984-1989 e 1997-2000), o crítico bateu forte, lembrando a mesma dureza dos tempos em que batia em Pedro Catalão:

*Desprezando-lhe o conceito
A sorte foi-lhe oportuna:*

(*) Como quem sopra depois de morder, trocou, no terceiro verso, “ vaidade ” por “ amizade ”, “ para não criar problemas com o amigo Ariston ”... Este epigrama e o mencionado na nota anterior foram recitados pelo próprio Alberto Hoisel em novembro de 1999 na cadeira de rodas, aos 87 anos, com um sorriso de menino e dois olhinhos brilhantes.

*Primeiro fê-lo prefeito,
Depois lhe fez a fortuna.*

Antônio Olímpio (1980-1984 e 1993-1996) inspirou, ao fim do primeiro mandato, num momento em que o sistema de limpeza do município entrou em colapso, estes versos de alta qualidade, com a invenção de uma palavra, formando um trocadilho maldoso:

*Neste olímpico reinado
Ilhéus tem menção honrosa
Por ser a mais luxuosa
Cidade do nosso Estado.*

O PRIMEIRO “FOCA”

Rubens Correia, funcionário público, negro, elegante, iletrado, simples, ingênuo, simplório até, era homem de pouquíssimos recursos intelectuais (consta que não concluiu o curso primário), mas de grande coraçaõ e irresistível vontade de escrever em jornal. Foi o primeiro “foca” regional de que se ouviu falar. Saía por aí a “descobrir” matérias, que assinava no Diário da Tarde e no Diário de Itabuna, depois de devidamente copidescadas por Otávio Moura. Era tão esforçado que também portava sua máquina, fazendo fotografias para reportagens, deixando assim de depender da boa-vontade do fotógrafo. Providenciava ele mesmo o clichê, recurso complicadíssimo para se publicar uma foto naquela época, e entregava à Redação seu material “redondinho”, que em geral saía identificado com o dístico “Reportagem e fotos de Rubens Correia”.

Mas é claro que as reportagens nem sempre agradavam a todos, pois ao bom Rubens, a quem

faltava o gramaticismo que marcava o estilo daqueles tempos, sobrava sentimento público. Ele imaginava que os jornalistas tinham, mais do que a capacidade de sentir as dores do mundo, o dom de curar essas dores. Mas o delegado Antônio Lins parecia não gostar do estilo de Rubens Correia. Tanto foi assim que, em certa tarde de sábado, quando o repórter, destituído de bloco, caneta e Kodak, portando apenas um facão, pois se dirigia ao seu sítio na Barreira, foi preso no Pontal, justamente sob a alegação de que estava armado. Por estas bandas, jamais se considerou o facão de quem está a caminho da roça algum tipo de arma, mas o Capitão Lins, cuja fama de violento o antecedia em qualquer lugar aonde fosse, não quis saber desse direito consuetudinário e encanou o bravo jornalista.

Em fevereiro de 1960, Rubens Correia teve novos problemas com as “forças armadas”, desta feita com o substituto de Lins, o delegado Rubem Pimentel, devido a uma dessas matérias

ACI envia pêsames à viúva João Mangabeira (30.4.64)

Em virtude do passamento do Sr. João Mangabeira, a Associação Comercial de Ilhéus transmitiu o seguinte telegrama de condolências à veneranda viúva do eminente brasileiro: “Diretoria Associação Comercial de Ilhéus cumpre doloroso dever apresentar pêsames falecimento digno ilustre esposo João Mangabeira que prestou relevantes serviços este município e soube engrandecer cultura jurídica país. Nossas condolências extensivas filhos. Álvaro Mello Vieira, presidente”



assinadas. (*)

CASO DE POLÍCIA

O desentendimento entre Rubens Correia e Rubem Pimentel foi explorado por Alberto Hoisel, que não poupou nenhum dos dois. Acompanhando os acontecimentos à distância, ele publicou no dia 25 de fevereiro este *Trovas & Sovas*, onde salientava ser “muito pitoresco o *affair dos Rubens* (o delegado e o repórter)”:

*Um duelo a curto prazo
Que tem sido uma delícia...
Se um na polícia é um caso
O outro é caso de polícia...*

Edmílson Alves de Souza, um ex-motorista cearense, entrou para a Polícia na função de auxiliar (alcaçüete, no jargão do meio), exerceu outras funções (sendo até encarregado de recolher a “contribuição” dos banqueiros do Bicho) notabilizando-se por gostar muito de dinheiro.

Nos anos oitenta, quando assumiu interinamente a Delegacia de Polícia de Ilhéus foi mimoseado por *Zé... ferino* com os estes versos:

*Já vi gente desonesta
Mas não como este ordinário:
Sacode o rabo e faz festa
Quando vê o numerário...*

Registra o folclore que certo Jorge Maron, o Maronzinho (irmão de Emílio Maron, que inspirou Jorge Amado na montagem do turco Nacib,

Na página anterior, em sentido horário, a partir de baixo, à esquerda, Afonso Pinto, Cícero Pinto, Antônio Vianna; Raimundo Cruz e Marcolino Cunha (de óculos); Joaquim Neves; Libério Menezes (com o cigarro), Marcolino Cunha e Hugo Kaufman

(*) Alberto Hoisel produziu notável epigrama sobre uma falada coleção de insetos de Rubens Correia (com belíssima aliteração do “t”). Beto, seu filho, recolheu os dois últimos versos, estando perdidos os outros dois, talvez para sempre. Algo que lembra a *Sinfonia Inacabada*, de Schubert:

Na troça destes traços trouxe a traça/ Que faltava na sua coleção.

de *Gabriela, Cravo e Canela*) costumava exercer a advocacia como rábula, precedido de má fama no meio jurídico. Até que um dia surgiu nas ruas de Ilhéus a notícia de que ele conseguira, sabe Deus como, um diploma de bacharel em Direito (o que, aliás, não era verdade).

Alberto Hoisel saudou assim o novel suposto integrante da OAB:

Maronzinho, advogado?!...

Rubens Correia, o esforçado repórter do *Diário da Tarde* (D), com o Barão de Popof



*Para a Ordem é mau sintoma...
Sendo o que é, sem diploma,
O que será, diplomado?*

Em certa época, Alberto Hoisel se mostra chocado com o excesso de liberdade, licenciosidade, degeneração de fórmulas consagradas de comportamento, mudanças radicais nos costumes. Talvez seja o mundo em marcha batida, mudando tudo e atropelando nossas pequenas preferências já sedimentadas pelo tempo. A questão foi objeto de várias observações chistosas, poucas delas publicadas (até porque algumas eram mesmo impublicáveis!).

Aqui, um exemplo, nesta quadrinha sobre mães solteiras, gravidez indesejada e pais sem responsabilidade:

*É uma triste verdade
Que constrange o coração:
Tristes mães em quantidade
“Há pais?”, parece que não.*

Ou estes versos sobre uma moda que, ao pé da letra, chamava a atenção dos homens naquela Ilhéus dos anos sessenta, quando a mulher começava a mostrar o corpo, mesmo sem a exposição agressiva de hoje. O poeta trata o assunto com leveza, de forma delicada, sem concessões ao mau gosto:

*Todo coração se agita
E às vezes fica imprudente
Vendo uma mulher bonita
Num vestido transparente.*

O crítico se mostrava um tanto constrangido com a forma como certas pessoas agiam em público, principalmente após a entrada em cena do “liberou geral” dos anos sessenta.

Daí, esta quadrinha, anotada num guardanapo no Bar Vesúvio, com inspiração em um casal vizinho de mesa:

*Causando certa surpresa
Que se perdoa a quem ama,
Estão fazendo na mesa
O que a gente faz na cama!...*

Em sua edição de 24 de dezembro de 1968, o *Diário da Tarde* publicava na seção *Das terças às... cestas* (assinada por *Zé... ferino*) os versos abaixo, precedidos de curta explicação: “A minissaia tomou conta da cidade e... dos cidadãos”:

*Hoje, na rua ou na praia,
Ante as moças, o varão
Baixa a vista com razão:
Vergonha? Não... minissaia!*

As bobagens que começaram a nascer naqueles anos, mexendo com tradições populares, também não escaparam ao crítico. É o caso de uma, talvez a primeira, das mudanças que o Carnaval sofreria, o chamado “Carnacacau”, em Itabuna. Alberto Hoisel ressuscita a velha expressão “papa-jaca”, com que os itabunenses eram chamados na Ilhéus de outros tempos:

*Isso de “Carnacacau”
Soa mal que nem matraca...
Seja bom ou seja mau,
Melhor fora “Carnajaca!”*

Ainda de olho nesses modismos, ele perpetrou esta quadra, profundamente crítica:

*Nossa Ilhéus num retrocesso
Sem opção foi entregue*

*Da corrida do progresso
Para a corrida de jegue!...*

O lugar da moda em Uruçuca, o Paiquerê Social Clube, com seus “animados saraus dançantes”, ganhou esta avaliação, em 2 de maio de 1950:

*O caso parece troça
Mas ali é o que se vê:
Pra se dançar com u'a moça,
Depende do Pai... querê!*

No crepúsculo dos anos sessenta, Ilhéus tinha quatro cinemas, mas apenas o Santa Clara, na avenida Soares Lopes, possuía ar condicionado. Mesmo assim, em janeiro de 1969, a empresa concessionária dos cinemas houve por bem retirar esse conforto, nivelando por baixo as salas de exibição.

A pena vingadora de Zé... *ferino* logo se manifestou (*Diário da Tarde* de 22 de janeiro):

*Feliz iniciativa
Que resolveu dois problemas:
Cada sala dos cinemas
É uma sauna... coletiva!*

Talvez esteja próximo o dia em que os homens vão se entender por sinais de fumaça, gestos, tambores ou coisa parecida, como resultado do que parece ser uma tentativa de remeter a língua portuguesa à Idade da Pedra. Hoje, a tevê é tida como a grande “fábrica” de bobagens passadas ao grande público, mas, é forçoso reconhecer, a “maquininha” não tinha tal importância deformadora há quatro décadas, e o problema já existia.

Alberto Hoisel via a responsabilidade num sistema que engloba o governo em geral e a

escola em particular (o que, ainda hoje, é uma tese perfeitamente defensável):

*Pra melhor apreciá-las
É preciso ter presente
Que a gente deve essas falas
Às falhas de muita gente...*

OS ANOS DE CHUMBO

Em 1964, o major Paulo de Marco, comandante da CSM de Ilhéus, teve problemas com os integristas, que viam agentes de Moscou em todas as esquinas. O grupo, que incluía Pedro Ribeiro Filho, Alberto Storino e Salomão Rehem, teve em Benedito Oliveira o autor de denúncias que, na ótica do Comando Militar, só serviam para congestionar os serviços de investigação. Chamado à CSM para comprovar suas informações, Benedito Oliveira, um dos líderes da reação, abordou o major com maus modos, puxando-o pela túnica; o militar disse que não lhe tocasse na farda, Benedito respondeu arrogantemente que este era o seu modo de agir, insistiu e levou um soco. Mas problema maior ainda foi com o coronel Salomão Rehem, que dirigira a PM local, já não estava no comando (o comandante era o major Horton Pereira de Olinda), mas desfrutava de grande prestígio na instituição. O policial apregoava abertamente que “o Exército não tomava em Ilhéus a verdadeira atitude revolucionária”. Para confirmar suas denúncias, foi convidado à CSM, onde não compareceu, alegando que, por ser coronel, não tinha porque atender ao chamado de um major. O comandante Paulo de Marco confiou ao capitão Creso Coimbra (o segundo em comando) a missão de convidar pessoalmente o policial para interrogatório...

“Por pouco Creso não fez a prisão em minha casa, pois Salomão Rehem estava comigo quando iniciaram a busca”, conta Mário Reis. Ao chegar à residência do fazendeiro, o oficial já não encontrou a presa. O coronel Salomão Rehem foi localizado em sua própria casa, entrando em contato com o estilista durão de Creso: identificou-se, disse a quem veio, ouviu pela metade a explicação “sou coronel da PM...” e, para economizar tempo, pegou Salomão Rehem pelos fundilhos e literalmente o jogou no fundo do jeep, sob os protestos vãos da mulher do policial, D. Idalzina, entregando-o minutos depois ao comando da CSM, como se fosse uma mercadoria qualquer. Missão cumprida.

Mais tarde, um grupo de oficiais da PM, tendo à frente o major Américo Ventura (delegado regional em Itabuna) foi à CSM ponderar sobre a prisão



É PROIBIDO REUNIR

(3.4.64)

O major Horton de Olinda, comandante do 2o. BPM sediado em Ilhéus baixou ontem aviso-circular, fazendo ciente que, conforme ordem recebida, estão terminantemente proibidas quaisquer aglomerações, reuniões políticas e sindicais, comícios ou quaisquer outros atos que possam trazer perturbações da ordem.

DE DEDO EM

(2.5.64)

O Sr. Waldemar Garcia, PRP, endereçou telegrama ao governador Lomanto Jr. e ao comando federal em Salvador, acusando o presidente do Instituto de Cacau, Sr. Antônio Vianna Dias da Silva, de ter apoiado elementos ligados ao Partido Comunista(...).

MURILO ASSUME

(9.05.64)

ontem a Ilhéus, procedente do Rio de Janeiro, o major de Engenharia do quadro do Maior do Exército Murilo Borges de Azevedo, que recebeu a chefia da 18a. Companhia de Engenharia. O major José Carlos dos Santos Jr. e o capitão João Carlos dos Santos Jr. assumiram o comando da guarnição militar e o planejamento de forças de Ilhéus e Itabuna.



Alberto Hoisel
(terceiro, da direita
para a esquerda)
no seu melhor
ambiente: o bar,
com os amigos.
Abaixo, o poeta em
plena forma, aos 66
anos.

e, naturalmente, pedir para que fosse libertado o coronel Rehem. Esta reunião foi a portas fechadas, gerando a especulação de que os oficiais foram pressionar o major Paulo, declarando-se presos com o coronel.

“Os oficiais foram com muita prudência, sem arroubos, entraram desarmados, eu os recebi à porta e, por ordem do comandante Paulo de Marco, passei-lhes o recado de que era necessário deixar as armas”, revela, trinta e cinco anos depois, o professor Edmundo Dourado, à época sargento, prestando serviços na CSM de Ilhéus. Perguntado sobre a “pressão”, Dourado tem resposta na ponta da língua:

–“Seria absurdo! Esses oficiais não existiriam mais como oficiais, se isso tivesse acontecido, porque autoridade exacerbada deixa de ser autoridade. O coronel foi solto por ordem do Estado-Maior (e não por pressão local de quem quer que seja), dirigiu-se em seguida à sua casa, depois de ter sido tratado com todo o respeito. Quando foi solto, não havia nenhum oficial da PM lá na CSM.”

Os tempos exigiam decisões rápidas, e essa rapidez, que o povo diz ser inimiga da perfeição, poderia levar o indivíduo ao lado politicamente incorreto da história. Foi o caso do então governador Lomanto Júnior. Na visão do ex-comandante Paulo de Marco, o governador entendeu que o golpe de 64 era mais uma quartelada à brasileira, “daquelas que o governo abafa em 24 horas, tipo Jacareacanga.” Assim pensando, pegou pelas orelhas a oportunidade de faturar prestígio político junto ao presidente João Goulart, e publicou um manifesto de apoio às forças da legalidade, quer dizer, ao dirigente em processo de deposição. Algumas horas depois, percebeu que a coisa era “pra valer”, ficou mal com os militares, tentou em vão recolher o manifesto e deixar o dito pelo não

dito, mas já era tarde... Manteve-se no governo à custa da fama de que tremia à simples menção do nome do general Justino Alves, comandante da 6ª. Região Militar.

Ilhéus testemunhou pelo menos um efeito danoso dessa atitude dúbia do governador baiano: ao chegar à cidade em pleno momento “revolucionário”, os adeptos da nova ordem, talvez por medo, se recusaram a recebê-lo no aeroporto, onde só estavam o próprio Paulo de Marco e o vereador José Lourenço, representando o prefeito Herval Soledade (a história oficial explica esse constrangimento dizendo que o governador chegara “de surpresa”...).

“Os tempos eram difíceis para a sobrevivência política e muitos líderes tiveram esse mesmo comportamento, que consistia em mudar rapidamente de lado, esquecendo convicções até então defendidas com ardor”, analisa Paulo de Marco. Ele fala também de outras pessoas que não acreditavam no movimento e depois passaram a apoiá-lo ferozmente, além dos que tinham posições “esquerdizantes” e assumiram militância de direita.

ILHÉUS NO CORAÇÃO

Como todo poeta de estilo clássico, Alberto Hoisel considerava o “pé quebrado” uma verdadeira ofensa pessoal, recomendando ao autor deste livro, quanto aos epigramas ditados, que fossem anotados cuidadosamente. Num jornal como o *Diário da Tarde*, composto a tipos móveis, dá para imaginar o tamanho dos atritos que ele tinha.

Mas o pior de todos foi em 15 de março de 1960 quando ele trocou momentaneamente de pseudônimo e caprichou numa quadrinha

dedicada "a uma aniversariante de hoje", que não era outra senão D. Ivany (*Oh, companheira querida/Guia e luz dos meus caminhos/De flores me enche a vida/E eu a tua enchi de espinhos!...*).

Desatento, o tipógrafo (com a colaboração do revisor) tascou lá na quarta página:

*Oh, companheira querida
Guia a luz dos meus caminhos
De flores me enche a vida
E eu a tua só enchi de espinhos! (Zé... Feliz).*

Alberto Hoisel controlou sua indignação pelo erro que quase lhe estraga a festa familiar, e dois dias depois registrou a resposta, dirigida "ao revisor que deixou mutilar dois versos da trova que, por nímia gentileza de Zé... *ferino*, Zé... *feliz* publicou anteontem nesta seção":

*Num trabalho de aprendiz
Sem saber o que fazia
Só você naquele dia
Fez Zé... feliz infeliz!...*

Em 6 de fevereiro de 1964, a Cooperativa Banco Popular de Ilhéus inaugura nova sede na D. Pedro II, tendo para isso adquirido um prédio pertencente à família Pinto. Aproveitando a ampla área da sobreloja, os novos donos do lugar criaram um espaço destinado a manifestações artísticas e culturais, como exposições, saraus, recitativos e assemelhados.

Em 1969, na seção *Três Por Vez...* ("nada mais presente do que o nosso passado"), Zé... *ferino* pegou a deixa e fez uma espécie de balanço da instituição de crédito:



O governador Lomanto Jr. conversa com o comandante militar major Murilo Borges de Medeiros (E), durante solenidade em Ilhéus; Mário Reis, ladeado por Lomanto Jr. e José Lourenço da Fonseca e Silva. Embaixo, à esquerda, Salomão Rehem, deputado federal, ex-comandante do BPM de Ilhéus.

*Tendo a sede inaugurada
Decidiu por maioria:
Com tanta letra "encostada",
Fundar uma Academia!...*

Ao inaugurar a agência ilheense do Banco Econômico, uma promessa de oito anos, Miguel Calmon Sobrinho "foi homenageado pelas classes conservadoras com um almoço no Clube Social", segundo *Bolinete*, autor deste registro, em 10 de maio de 1950:

*Está aí um cara franco
E que cumpre o que promete:
A nós ele deu um banco,
E nós a ele um banquete...*

O talento de Alberto Hoisel foi colocado em louvação a Ilhéus nestas quadrinhas, inéditas e sem data:

*Deste seu solo fecundo
Por nobre destinação
Os braços abre ao sertão
E as portas para o mundo.*

*Deus em soberbo festim
Da sua mais rica alfaia
Fez Ilhéus - lindo jardim
Plantado à beira da praia. (*)*

*Gerando frutos de ouro
Que transporta ao mundo inteiro
Tem muito maior tesouro:
O seu povo hospitaleiro.*

Por fim, esta “contaminação” anarquista:

*Ilhéus, por quem foste feito?
Por que nada tens de novo?
É que entre tu e o povo
Sempre existiu um prefeito...*

(*) Anotado por
Tandick Rezende.



NASCE A UNIVERSIDADE (16.3.59)

fundada na noite de sábado passado em reunião realizada no Palácio Episcopal, a Sociedade Sul-Baiana de Cultura é uma associação civil de fins não econômicos destinando-se a instituir, manter e desenvolver a futura Universidade Católica do Sul da Bahia bem como outras entidades de caráter cultural e social que se venham filiar (...).

CHEGA DOM CAETANO (18.8.58)

Desde a noite de quinta-feira, a Diocese de Ilhéus tem novo pastor espiritual, com a posse de Dom Frei Caetano Antônio Lima dos Santos, que se verificou com grande solenidade e em meio ao júbilo e entusiasmo pela população ilheense. O Dr. Antônio Carlos Souto, interpretando o sentimento da sociedade ilheense, e das associações religiosas, iniciou dizendo: "Quem recebeu a mim, a mim é que

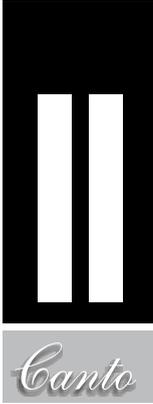
NOVOS BACHARÉIS 11.12.65

Hoje às 20 horas colarão grau os bacharelandos da Faculdade de Direito de Ilhéus, estando anunciado para as 19h30min. missa e bênção dos anéis, na Igreja de Nossa Senhora da Piedade, seguindo-se a colação de grau, quando falarão o orador oficial da turma e o paraninfo, professor Soane Nazaré de Andrade, diretor da Faculdade.



O casal Alberto Hoisel. Abaixo, projeta-se a grande família: ao lado de D.Ivany, no sentido horário, Maria Lúcia (de tranças), Dinah, Tânia, Alberto Jr., Solange, Gustavo e Gracinha (ainda não haviam chegado Fernando e Conceição)





*"E acaso pode um
coração que adora/
Calar o sentimento
que o devora/
E afogar a paixão?"*

Alberto Hoisel

A seguir, uma seleção de quinze trabalhos de Alberto Hoisel, mostrando uma face pouco conhecida do poeta ilheense, a de sonetista parnasiano:

Confissão (*)

*Sou católico, apostólico, romano,
Na fé cristã embebo a minha vida,
Dela meu coração faço guarida,
Repilo o incrêtu, repudio o profano.*

*Dos turbilhões ao ímpeto vesano,
Nunca temo a traição ou a investida,
Na afirmação mais forte e mais sentida
Da força desse frágil ser humano.*

*Mas da torre inclinada dessa crença,
Vou descobrir com amargura imensa
Que me abalam sacrílegos anseios*

*Que me perdoe a Santa Madre Igreja,
Porém, como negar?, eu tenho inveja
Desse Cristo que está entre os teus seios*

(*) Publicado em 08.10.73, este soneto deixou em polvorosa o Clero em Ilhéus. O padre Jorge Saraiva Castro teria reagido com um sermão, tendo o bispo D. Caetano Antônio Lima dos Santos corrido para evitar a réplica de Alberto. O ex-pároco de Ilhéus disse ao autor deste livro não reconhecer o soneto (mesmo quando o ouviu por telefone). Quanto a D. Caetano, não foi localizado. Os dois deixaram a batina e hoje levam vida "civil".

Mugiquiçaba (*)

*Entre os montes e o mar, pudica e bela
Oculto os seus encantos de sereia
Batido pelos ventos se rebela
O extenso coqueiral que lhe rodeia*

*Que soberba paisagem de aquarela
Rendas de espuma num lençol de areia
De dia o sol sempre a doirar-lhe a tela
De noite a lua que o chão prateia*

*Altar de policrômica beleza
Onde o amor esposa a natureza
Mugiquiçaba é sonho e poesia...*

*Ali no seu labor abnegado
Avulta um ser, um subdelegado
Que faz um casamento todo dia!*

(*) É surpreendente a conclusão no último terceto, quando o lírico se deixa trair pelo satírico.

Teus olhos

*Esses teus olhos de gentil criança
Deixam de ser de humana criatura;
Mais que uma estrela o teu olhar fulgura
Se em meu tristonho olhar ele descansa*

*Obstinadamente, se não cansa
Minh'alma de buscar-te, e assim procura,
No teu alheamento uma ventura,
Na tua indiferença, uma esperança!...*

*Esses olhos divinos me torturam...
Sofro com vê-los; mas sofrendo tanto,
Não sei porque meus olhos te procuram...*

*Talvez seja porque, minha querida,
Eu sinto que esse olhar é o meu encanto,
Eu vejo que esse olhar é a minha vida!...*

A uma noiva

*No horizonte da vida descortinas
Os primórdios de fúlgida alvorada...
Uma visão de luz que te ilumina,
A sublime e romântica jornada...*

*Risonha, como a água cristalina,
Que em manso arroio flui em disparada,
A vida há de correr-te descuidada,
Como a vida das flores nas campinas...*

*E assim verás então realizadas
As doces ilusões que tanto afagas:
Ser noiva, ser esposa e ser amada...*

*Trêmulo o coração, onde crepita
A chama de um amor que não se apaga,
E onde a ventura torna-se infinita...*

Romance (*)

*“Não te esqueças de mim... querido meu!...”
Disse-me a soluçar quando eu partia.
Tal emoção senti que mal podia
Conter o pranto pra dizer-lhe adeus!...*

*Instante que minh'alma não viveu,
Aquele em que parti; mas me seguia
Seu vulto que implorando repetia:
“Não te esqueças de mim... querido meu!...”*

*Voltei... Um frio olhar... Um cumprimento...
E nada, nada mais... Nesse momento,
Todo o meu sonho agonizou... morreu...*

*Nem crer podia, que assim ser pudesse
Tanto temeu que um dia a esquecesse...
E foi ela afinal que me esqueceu! ...*

(*) Impressionante exercício intelectual, a partir de um “soneto” de Olavo Bilac com apenas dois versos: o primeiro (“Não te esqueças de mim, querido meu!...”) e o último (“E foi ela, afinal, que me esqueceu!...”). Alberto Hoisel tomou os dois versos como mote e construiu uma pungente história de amor.

Post-mortem

*Quando meus lábios tristes, descorados
Versos tristes de amor não mais cantarem
Quando os meus olhos tristes se fecharem
Sem mais poder fitar teu vulto amado;*

*Quando meus braços hirtos e cansados
Por toda a eternidade se cruzarem;
Quando os ouvidos meus não escutarem
Da tua voz o timbre idolatrado*

*Quando, afinal, meu corpo for sepulto
Minh'alma há de incansada procurar-te
Para, serena, te render meu culto*

*Momento que eu aspiro e que bendigo
Porque te seguirei por toda a parte
E em toda a parte estarei contigo*

Soneto

*No cimo da colina a vi sentada,
Banhada pela brisa vespertina
Embaixo, o mar rolando nas quebradas
Entoa uma canção quase divina*

*Aproximei-me, voz descompassada,
Falo de amor; de leve ela se inclina
Deixando ver a boca pequenina
E a nívea face já ruborizada...*

*Nisto desperto... Oh, como foi medonho
E triste o despertar daquele sonho.
Fere-me o coração o duro açoite*

*Do mar que, além, rolando nas quebradas,
Soltando estrepitosas gargalhadas,
Escarnece de mim, dentro da noite.*

Reconciliação

*Não! ... Não era possível que ficasse
Sem reprimenda a nova falta; era
Preciso que de vez eu acabasse
Com tudo aquilo sem maior espera...*

*E logo, no outro dia, eu lhe escrevera
Tudo acabado, e nunca mais voltasse,
Porque se o seu amor já fenecera,
O meu só existiria à sua face*

*Esperei-a... voltou... e eis que aparece
Pálida e bela... os olhos rasos d'água
Como a fazerem-se infinita prece...*

*Tremo!... não posso mais!... abraço-a, afago-a...
E sobre o peso de tão funda mágoa
Eu choraria... se chorar pudesse.*

Nostalgia (*)

*Como lacera e punge esta saudade
Quando o passado fico recordando
Tu de felicidade soluçando
Eu soluçando de felicidade*

*Tua boca de risos transbordando
No delírio da tua mocidade
Lia versos de amor e me escutando
Ficavas muda, rubra de ansiedade*

*Tudo passou... e como passou breve!...
Daqueles beijos que nós dois trocamos
Apenas resta uma saudade leve*

*E ao palmilhar tristonho o meu caminho
Os versos que sorrindo nós cantamos
Entre soluços, repeti, sozinho...*

Lamento (*)

*Este soneto que a tremer componho
Na languidez de intérmio desejo
Traz no seu estro sôfrego e tristonho
De amor tão grande, fulgidos lampejos*

*Na singeleza dos seus versos, ponho
A dor, que n´alma refletida vejo;
Lembra-me um beijo que beijei num sonho
Fala de um sonho que sonhei num beijo*

*Canta toda a ventura do passado;
Geme toda a angústia do presente;
No mesmo desvario que me invade...*

*Triste lamento de um desventurado
Personifica a mágoa impenitente,
Da mais triste e romântica saudade!*

(*) No original, sem título.

Recompensa

*Eu vejo: cada dia que se passa
Faz aumentar a tua indiferença.
Talvez pra meu castigo ou por desgraça,
Sinto crescer essa paixão intensa.*

*E do desprezo, na horrenda taça,
Eu solvo o fel amargo da descrença;
Destemeroso sempre, ante a ameaça,
De perder-te, afinal, por recompensa.*

*E, assim, foges de mim quando te vejo:
Em troca a todo o bem que te desejo;
Em troca deste amor que é tão sincero.*

*E é contra essa ingratidão que eu clamo,
Amando-te, querida, como eu amo,
Querendo, meu amor, como te quero.*

Predestinação

*Trago, ainda viva, no meu pensamento
A tua imagem deslumbrante e rara;
E ainda recordo em estremecimento
Os lindos sonhos que com ti sonhara*

*E em vão maldigo, cheio de tormentos,
O destino fatal que nos separa...
Como se o coração, de sofrimentos
E de saudades, se despedaçara!...*

*E minh'alma vagueia assim sem norte
Em uma infinita dor que não se acalma
Em um sofrimento que é a eternidade*

*Hoje nem posso desejar a morte
Que matara meu corpo e a própria alma
Mais nunca há de matar estas saudades...*

Meus versos

*Versos, meus companheiros muito amados,
Feitos à sombra do meu sofrimento
Sois lenitivo para o meu tormento
Consolo pra meu peito atribulado*

*Desprovidos de arte, mutilados,
Vejo com os olhos do meu pensamento
Perfeitamente em vós simbolizados
Meu coração a palpitar sangrento*

*Vois sois minha ventura e meu encanto
Sois minha mágoa, meu amor, meu pranto...
Só de vós para vós minh'alma vive*

*Sois o espelho em que vejo refletida
A mulher que é-me o sol, o céu, a vida...
Que, amando-a tanto, dela amor não tive*

Fatalidade

Sim, amava-te outrora, é uma triste verdade;
No vácuo do passado nem a saudade ecoa...
Meu coração é o colibri que voa
Sem rumo pelo azul da minha mocidade.

Choras? Por que chorar se a lágrima não há
de
Te trazer senão o espinho que aguilhoa?
Busca tudo esquecer e tudo me perdoa,
Na renúncia infeliz de uma fatalidade.

Todo meu grande amor resumia um desejo:
Que ansiando encontrar a ventura sonhada
Vieste passo a passo em busca do meu beijo

E passaste afinal, como tudo na vida,
Do tedioso caos das coisas conquistadas
Para a vala comum das coisas esquecidas.

Meu poema de amor (*)

*Tarde soberba de um verão calmoso
O céu parece um manto mui formoso,
Aberto e todo azul...
Nuvens passavam na veloz corrida,
Desesperadas, doidas, perseguidas,
Pelas brisas do sul...*

*O mar enorme, em gargalhar constante
Com sua indumentária verdejante
Entoa uma canção!
De longe em longe a superfície bela,
E surge a ponta aguda de uma vela,
De alguma embarcação.*

*E nessa tarde de verão calmoso
Percorri um jardim maravilhoso
Cheio de flores mil...
Orquídeas de pétalas nevadas
Vi violetas de cores perfumadas,
Hortênsias cor de anil...*

*Crisântemos... angélicas formosas
Verbenas, cravos, vicejantes rosas,
Belas e multicores...
Saudades, bogaris e sempre-vivas,
Lírios, jasmims, a margarida esquiva
De suaves odores...*

*Vi belas roseiras de cheiro agreste,
Trepadeiras gentis que se revestem
De máximo fulgor...
Vi uns soberbos girassóis pendentes
Tulipas rubras, com um sol poente,
Vermelhas como o amor.
Súbito estaco, mudo de surpresa,*

(*) Embora bom sonetista parnasiano, admirador de Bilac - ao contrário de outros grandes epigramistas (notadamente Emílio de Menezes) - raramente usou o soneto como meio de alfinetar. A pesquisa localizou cerca de trinta sonetos líricos, mas apenas dois em tom de sátira. O poema aqui apresentado foi feito para D. Ivany e recitado pelo autor em 16 de março de 1935, quando ela comemorava o aniversário de 15 anos.

*Ante a pura e simbólica beleza
De uma rosa em botão
E pude ver, tomado de alegria,
Que mais uma pétala dessa flor se abria
Com toda perfeição.*

*Pus-me a contar-lhe as pétalas mimosas,
Semi-abertas, mas néveas e formosas:
Quinze, ao fim, eu contei.
Transbordou-se minh'alma de alegria,
Por um momento só... porque fugia
A ilusão que eu criei...*

*Hoje vivo nas trevas da incerteza...
Este botão de mística beleza,
Poderia eu recolher?
Vacilante reflito ansiosamente:
Seria dado a mim, pobre vivente,
Tal graça merecer?*

*Então, o que farei? Irei contá-la,
Este doirado sonho que me embala,
Esta doce ilusão?
Que será deste sonho de ventura?
Eu poderei viver se, por ventura,
Ela disser que não?*

*E acaso pode um coração que adora
Calar o sentimento que o devora
E afogar a paixão?
Não, é impossível... Agora vou dizer-te
Talvez seja culpado por querer-te
Mas dá-me o teu perdão.*

*Amei-te criança
Os lindos cabelos
Dourados, tão belos,
De raro esplendor...*

*Amei os teus olhos
Tão meigos, tão claros
Uns olhos bem raros,
De excelso fulgor...*

*Amei tua boca
Pequena e mimosa,
Teus lábios de rosa,
Em cor e perfume;
Amei-te as mãozinhas,
Macias e leves,
Que ao toque mais breve
Inspiram ciúmes.*

*Amei-te o sorriso
Suave de santa,
Que enleva,
Que encanta,
Qual novo arrebol;
Se cantas, teu canto,
Num mágico anseio,
Parece o gorjeio
De algum rouxinol.*

*Amei o teu porte,
Soberbo e garboso
Teu passo vaidoso
Qual de uma rainha...
Porém sobretudo
Amei-te a bondade
E a sinceridade
Querida loirinha*

*E já que sabes todo o meu segredo
Por Deus, responde o que farei agora
Não me condenes ao fatal degredo
Poupe o penar de um coração que chora
Já que conheces todo o meu segredo*

*Por Deus, responde: o que farei agora?
Não me condenes ao fatal degredo
Escuta a voz de um coração que implora.*

*Não me digas que não, por piedade,
Não mates a ilusão da minha vida...
Oh, não me roubes a felicidade,
Que tantas vezes eu sonhei querida*

*Se vieres um dia a ser minha,
Hei de rosas juncar todo o chão
E farei, minha linha rainha,
O teu trono no meu coração.*

*Serás minha santa
E minha ventura
Um sol que fulgura
Com todo esplendor
Serás meu enlevo,
A minha alegria
A minha poesia...
Serás meu amor!*

*E eu teu escravo
(é todo o meu sonho)
Da vida, hei de um dia,
Com flores macias,
Cobrir-te os caminhos...
Teu lindo futuro
É todo o meu sonho
Torná-lo risonho
Com ternos carinhos*

*E agora
Que na vida
Quinze anos
Tu completas,
Estes versos*

*Meus recebe
Como sonho
De um poeta*

*Te desejo
Ardentemente
Feliz seja
A vida inteira
Que alvoradas
De venturas
Sejam tuas
Companheiras.*



Alberto e Ivany,
na hora do
“sim”, em 23 de
março de 1939,
no Pontal



Em Nova York, sobre um hidrante



Recebendo o certificado do Curso Básico de Irrigação, em Israel



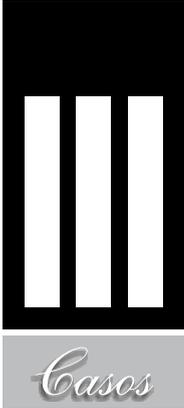
De gôndola, em Veneza, com D. Ivany e (ao fundo) Gracinha



No Egito, num camelo, em frente à grande pirâmide



Passeando com D. Ivany no calçadão de Copacabana



O corajoso boi comunista que deu uma carreira num ministro do governo Castelo Branco, ajudando a fechar a Estrada de Ferro de Ilhéus, que já estava caindo aos pedaços, e outras onze histórias edificantes.

HISTÓRIA DE CAÇA EM QUE ENTRA PESCA

Lino Cardoso, fazendeiro e caçador, era bem-humorado, sempre de bem com a vida, tendo produzido algumas brincadeiras que deixaram amigos com a cara mexendo. Mas se havia uma coisa que o tirava do sério era a história da cachorra Baleia...

Durante uma caçada, sua melhor cadela começou a latir, em sinal de acuar caça grande. Lino e seus amigos caçadores se prepararam e, pé ante pé, se aproximaram o mais possível, para vislumbrar o "bicho" e ficar em posição de tiro.

Qual não foi a surpresa geral quando perceberam que Baleia latia para um enorme robalo morto que se encontrava sobre um tronco, numa espécie de ilha. O riacho, após uma cheia, voltara ao seu leito normal e o pobre peixe, com tamanha falta de sorte, encalhara sobre o tronco, ali morrendo. Como os caçadores (Manuel Neves, Alciato e outros) adoravam esses episódios, nunca mais deixaram de tirar o coro do amigo.

Alguns anos depois, o então menino e hoje escrevem Antônio Lavigne de Lemos, o Ton, imitando os adultos, interpelou seu "tio" Lino:

- É verdade que o senhor tem uma cadela que é capaz de acuar até robalo?

O grandalhão Lino Cardoso franziu o cenho, olhou bem nos olhos do menino, certamente pensou numa atitude mais radical, mas resolveu conter-se:

- Olhe, Ton, eu não lhe dou uns cascudos porque gosto de você como se fosse meu filho e porque desconfio que alguém mandou você me perguntar essa besteira... Mas não toque nesse assunto comigo mais nunca!

TATU NO ANZOL

(*) Olímpio (Rhem da Silva), Antônio
O Peixe do Mar no Prato,
Edimig/1987

Dourado na brasa à Lino Cardoso (*)

Ingredientes:

2 kg de dourado fresco (cortado em meia banda, sem descamar e sem espinhas), sal, limão, pimenta-do-reino e azeite de oliva.

Modo de preparar:

Corte o dourado na parte do lombo, de um só lado (o de cima), sem escamar, e coloque “de molho” em água e limão balão com as cascas. Após meia hora, enxugue com um pano de prato e tempere com pimenta-do-reino a gosto, sal (cerca de 40 g) e azeite de oliva. Coloque numa grelha especial e leve ao fogo da churrasqueira, quando só existirem brasas.

Em separado, prepare um caldo com suco de laranja, suco de limão, azeite de oliva, coentro e cebolinha verde, tudo passado no liquidificador. À medida em que o dourado for pegando cor e secando, regue com este molho até assar, o que dura cerca de 20 minutos, bem longe da brasa (cerca de 80 cm de distância).

Modo de servir:

Sirva com molho vinagrete ou molho de pimentões ou, ainda, marinada de vegetais.

À ALCIATO DE CARVALHO

Alciato de Carvalho e Lino Cardoso eram semelhantes no físico avantajado, na preferência por caça, pesca e copo, e na capacidade de fazer quadrinhas (mais Alciato do que Lino) e de “aprontar” com os amigos (mais Lino do que Alciato).

Certa vez o destino reuniu os dois numa

mesma aventura mato a dentro (que rimava com bebedeira e comilança), ocasião em que Alciato resolveu pescar, enquanto Lino preferiu “dar uma volta” pelos matos, com sua cadela Baleia. Assim acertado, assim feito, Lino foi e Alciato ficou, cada um com sua garrafa de cachaça.

Passou o tempo, a caça estava difícil, Baleia acuou apenas um tatu, imediatamente passado nas armas. Do lado do pescador, a isca não era beliscada pelos peixes, mas o pescador beliscava a garrafa com a competência de sempre, o que o fez, ajudado pela monotonia e pela brisa suave, pegar no sono à sombra de uma árvore, deixando a vara de pescar fixada no chão, à espera da boa vontade dos peixes.

Lino regressou mais tarde e, ao ver aquele quadro, teve uma de suas idéias brilhantes: colocou cuidadosamente o tatu no anzol, como se fosse um peixe fígado, só então chamando Alciato. Este, ao acordar e ir verificar a linha, feliz feito um pescador, deduziu que ali havia peso de peixe grande, puxando o tatu, para grande “surpresa” de Lino:

- Compadre, não diga a ninguém em Ilhéus que você pescou um tatu, senão vão chamá-lo de mentiroso. Você está cansado de saber do crédito que têm as histórias de pescador e caçador...

Resposta de Alciato, com surpresa zero diante do acontecido:

- Mas isso não é novidade não, compadre, pois esse riachinho é mesmo danado pra dar tatu. Só eu já pesquei treze, contando com o de hoje...

O PREÇO DO PARTO

Sobre Dr. Antônio Soares Lopes, que se tornou lenda pela elegância (sempre de terno branco ou azul) e pela bondade com que exercia a profissão, conta Mário Reis que uma das fraquezas do famoso médico negro era jogar cartas. Em certa noite chuvosa, estava ele num joguinho amigo na Pensão Vasco, quando foi interrompido por um canoeiro que ali subira, com ar desesperado.

- Eu queria que o senhor fosse lá em casa, pois minha senhora está sofrendo há três dias, sem conseguir que a criança nasça - disse o homem, indo diretamente ao assunto.

Na canoa do pescador, o médico, como sempre de terno e gravata, deslocou-se para o Pontal, debaixo de relâmpagos e trovões, fez um parto trabalhoso, mas que chegou a bom termo, voltando a Ilhéus com o canoeiro e sua canoa, já madrugada, molhado feito um pinto. Ao descer no porto das lanchas, não esperou o homem perguntar quanto era o trabalho, apenas lhe desejou boa-noite e deu-lhe as costas, quando ouviu uma voz:

- Doutor, o senhor esqueceu de pagar a passagem...

Impecavelmente molhado no seu terno branco, mas sem perder a elegância, Antônio Soares Lopes meteu a mão no bolso e encontrou uma nota enxuta, que entregou ao canoeiro, sem nenhum comentário.

O HOMEM DO MURO

Alberto Hoisel tinha um estilo muito pessoal de dirigir. Comprou um "jipão", pegou o manual do proprietário e "descobriu" como passar mar-

cha, onde acender as luzes, qual a serventia de cada pedal, o freio, o acelerador, a embreagem. O resto foi a prática, uma prática que o levaria, se justiça fosse feita, a ser campeão de batidas, só rivalizando com seu amigo Tandick Rezende.

Quem conseguiu, de uma só vez, bater contra cinco carros na calma Soares Lopes do fim dos anos cinqüenta? Ou entrar, sistematicamente na garagem de um vizinho, sempre que tentava manobrar para atingir sua própria casa? Quem desabou com carro e tudo por cima do muro do Cemitério da Vitória, ficou com os quatro pneus para cima, levantou, sacudiu a poeira e foi pra casa normalmente, depois de fazer um verdadeiro comício contra as condições das ruas, “onde não se pode nem dirigir em paz”?

Certa vez, tomava placidamente o café da manhã, depois de uma noite “daquelas”, fleugmático como sempre, sem sinais de cansaço, ressaca nem pensar, quando lhe anunciam a entrada de um senhor que queria “receber a conta do muro”...

Mandou entrar o reclamante e soube que o muro da casa do homem tinha sido derrubado na noite anterior, pelo jeep da família, necessitando de reparos urgentes. O visitante falava timidamente, mas insistia em seu direito de ser indenizado pelas despesas que teria com o conserto. E era pra já, pois a casa não podia ficar sem o muro.

Ouviu serenamente a história, chamou Gustavo e Fernando e passou-lhes uma descompostura de pai, recriminando-os por saírem por aí dirigindo feito loucos, pondo em risco suas vidas, a vida das pessoas e o patrimônio alheio. Os rapazes lhe explicaram, respeitosamente, que não tinham usado o carro naquela noite, mas ele, sim.

Já em dúvida sobre quem seria o autor da proeza, Alberto levantou-se, foi verificar o jipe, encontrando-o com a frente praticamente destruída e, sobre o que restava da tampa do capô,

ainda os restos do muro que ele derrubara, sem sequer notar.

Pagou a despesa e deu o assunto por encerrado.

PIAÇAVA IRRIGADA

Ele, que pouco saía de Ilhéus, foi convencido pelo amigo Popoff a um tour pelos EUA, isto em 1984. Aprovou a idéia e, já no ano seguinte, embarcaria para a Europa. Comportou-se nesses dois passeios como era de se esperar (e como está contado em outra parte deste livro).

Gostou tanto da novidade que, em 1988, com 76 anos, “inventou” de ir ao Oriente Médio, fazer um curso de irrigação no Egito. D. Ivany, Maria Lúcia e Dinah, embora não atinem até hoje com o objetivo de tal treinamento (algum surpreendente projeto de piaçava irrigada? - quando se trata de Alberto Hoisel, nunca se sabe...), se deixaram levar pela fantasia, se divertiram muito com a viagem, fizeram o roteiro habitual dos turistas, mas não deixaram de cumprir o “programa de estudos” exigido por ele, motivo de suas presenças em tão distantes rincões do mundo.

Agora estão aí, todas três diplomadas, formando com ele um raríssimo grupo de quatro especialistas em irrigação, na mesma família.

PRODUTO DA DITADURA

Creso Coimbra era um oficial inteligente, articulado, que se comunicava muito bem, falando ou escrevendo. Foi professor de Antropologia na extinta Faculdade de Sociologia de Ilhéus e escreveu um livro (Raio-X de Uma Cidade) que deixou a maior parte da chamada “alta sociedade” ilheense coberta de vergonha.

Mas tinha seu lado “típico-produto-que-as-

–ditaduras–impõem–à–sociedade”, notabilizando–se pela truculência, o falar alto, a pistola 45 sempre à mostra, o uso excessivo da força da farda. Era uma figura que inspirava medo, medo que as pessoas tentavam anular com bajulação.

Ao pavor que gerava, o capitão somou o ódio dos ilheenses, ao publicar seu livro, em 1966. O trabalho foi apreendido pela Polícia Federal, após ação movida por Ananias Dorea, patrocinada pelo advogado Rui Cajueiro, que defendia também sua própria causa: é um dos nomes mais enxovalhados de todo o livro. Os poucos volumes sobreviventes desse completo depósito do lixo social de Ilhéus são raridades guardados a sete chaves, constituindo o que uma sociedade possa ter de pior. Em sua prosa, o Cap. Creso não faz diferença entre verdade, mentira, calúnia, difamação ou injúria.

*

Certa noite no Clube Social, o Cap. Creso teve um aborrecimento com a mulher, aplicou-lhe uma cotovelada tão bem aplicada que a pobre senhora desmaiou. Ele a pôs nas costas, levou-a até em casa, que era próxima ao clube, e voltou para a festa, com a cara mais inocente do ano (e a 45 ao alcance da mão). As pessoas assistiam a isso atônitas, abismadas e caladas, com sorrisos amarelados que sintetizavam a adulação devotada àquele forasteiro, transformado num dos homens mais importantes daquela Ilhéus envolta na atmosfera cinzenta da ditadura.

Embora o considerem um escritor de razoáveis



Raio X de Uma Cidade, de Creso Coimbra: tão clandestino que não se sabe nem o nome da editora

méritos, e um conversador inteligente e espirituoso, muitos contemporâneos do oficial o definem hoje com frases que incluem também as palavras canalha, mentiroso, cafajeste, tarado e semelhantes. Sobre seu comportamento libidinoso e inconveniente, um psiquiatra da moda disse na época que “Creso Coimbra é mais do que um pervertido: é todo um tratado de patologia sexual.”

Claro que nada disso era novidade nos anos sessenta, mas só era dito à boca pequena, em voz baixa, no vão das portas, que os tempos eram de terror explícito.

Ilhéus era, pela parte que cabia ao Cap. Creso, um território ocupado, uma presa de guerra.

DOAR É MELHOR DO QUE VENDER

Com o golpe de 64, qualquer indivíduo que usasse farda passava a ser preposto do novo governo, portando-se como autoridade federal, caçador de comunistas e corruptos. Se a farda fosse de oficial do Exército, então...

Sá Barretto conta que estava no cartório em certa tarde, quando ali entrou seu amigo Faskomy. Mas era “outro”, não seu velho amigo. Vinha vestido de Cap. Edson Badaró Faskomy, “apetrechado como se tivesse se preparado para a guerra”, conforme a descrição do memorialista. Dirigiu-se ao “senador” já não mais o tratando de “você”, mas de “o senhor”, tão formal que só faltou bater os calcanhares e levar a mão espalmada à testa. Tratava-se, portanto, de coisa séria, quem sabe algum assunto de segurança nacional...

Um terreno onde estava sendo construído o Batalhão não era propriamente de Sá Barretto (na verdade, era da Marinha), mas este pagava o

aforamento e tinha a posse do lote desde os tempos do seu avô. Era para resolver esta pendência que o militar fora ao cartório.

*- De que forma o senhor quer resolver este assunto? Quer vender o terreno? - perguntou formalmente o Cap. Faskomy, após sucinta introdução, ar com-
penetrado como se daquela resposta dependessem os destinos da "Revolução" e do próprio País.*

O tabelião mediu o militar de cima a baixo, avaliou o momento político que se vivia no Brasil, lembrou-se de que o terreno, afinal de contas (apesar da posse já tão antiga) era da União...

- Não quero vender. Quero doar - respondeu, provocando tamanha surpresa que a "autoridade" quase cai de costas.

Passou a escritura em nome do Exército e, alguns meses depois, recebeu pelo ato homenagem pública do major Murilo Borges de Medeiros, comandante da 18a. CSM.

DINHEIRO "EMPRESTADO"

Amílton Amorim de Almeida, gerente da distribuidora José Guilherme M. Santos, recebeu três executivos da Brahma (que a empresa representava), tratou de negócios, fez as gentilezas de praxe, inclusive levando os três para almoçar com ele no melhor restaurante da cidade. Tudo ia bem, os homens satisfeitos com o que viram, vendas dentro das metas fixadas, claro potencial de aumento a curto e médio prazos, felicidade geral com a fidalguia do representante ilheense.

Estão a confraternizar, aos licores e cafezinhos após almoço regado a cerveja Brahma, naturalmente, quando entra no restaurante Lino Cardoso, corpanzil forçando o cinturão sobre a calça de zuarte, camisona estampada por fora da calça, bem à vontade, conforme o seu estilo. Sem cum-

primentar ninguém, foi direto ao balcão beber um refrigerante.

Amílton, um tanto intrigado com esse comportamento, foi até lá, cumprimentou o amigo, explicou em voz baixa, como é natural, o que estava fazendo ali, quem eram aquelas pessoas, o que desejavam e qual a importância delas para os negócios da Brahma em Ilhéus.

Lino Cardoso ouviu tudo, a tudo assentiu, recomendou a Amílton que voltasse à mesa e fosse dar assistência a tão importantes visitas, conselho que foi imediatamente seguido.

Poucos instantes depois, pagou seu refrigerante e saiu do bar, não sem antes passar pela mesa de Amílton, meter a mão no bolso, pegar um bolo de notas e dele separar 50 cruzeiros que mostrou ao amigo:

- Aqui está o dinheiro que você me pediu emprestado há pouco... Espero que seja o suficiente para pagar a conta!

Amílton Almeida passou uma semana sem falar com o amigo Lino Cardoso.

O BOI COMUNISTA

À beira dos trilhos, um boi ruminava seu almoço e provavelmente filosofava, uma prática bovina secular, mas disso não há prova concreta. Aparentemente, um desses bois vadios, esquecidos, solitários e desgarrados, daqueles cuja importância não ultrapassa o valor de uma olhada desdenhosa. "É um boi inofensivo", teria concluído o general Juarez Távora, num grave erro de avaliação.

Como ministro da Viação do governo Castelo Branco, ele viera a Rio do Braço (terra do Barão de Popoff e do jornalista Luiz Amaral) para inspecionar um trecho da Estrada de Ferro Ilhéus-

-Conquista (que nunca chegou a Conquista!) e, ao saltar do “trole” e subvalorizar o perigo potencial que o espreitava com um olho comprido, levou uma humilhante carreira, como jamais sonhara.

O brioso militar, herói da Revolução de 30, foi forçado a esquecer os manuais de guerra e improvisar uma retirada estratégica, utilizando a tática pouco honrosa do “pernas pra que te quero”. Mas, para felicidade geral da Nação, conseguiu por-se a fresco, longe dos chifres mal intencionados do boi de Rio do Braço, lá no topo de um barranco. O ilustre comandante escalou de quatro pés uma superfície tão íngreme que mesmo quem o viu praticar semelhante proeza ficou boquiaberto, de queixo caído, tal a dificuldade de acreditar no que viu (e que não era para ser visto). Lá de cima, com a pele salva e a valentia recuperada, o grande general tomou uma decisão histórica: fechar a ferrovia.

Cercada pela emoção das lideranças regionais, a velha estrada de ferro tropeçava em sua própria velhice, caía aos pedaços no percurso entre Ilhéus e o Iguape, espalhava brasas, barulho e fumaça pela Rua da Linha. Mas faltava ao governo um motivo que o encorajasse a sepultar de vez o que ele, por falta de investimentos, já matara há tempos. Quando surgiu o motivo, Juarez Távora o segurou - com perdão do mau trocadilho - pelos chifres.

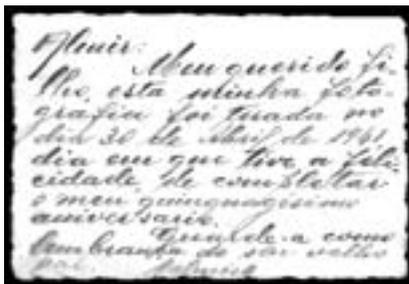
É claro que os integralistas (que detinham a direção da EFI, com Pedro Ribeiro Filho na Superintendência) espalharam o boato de que o boi era comunista...

O HOMEM QUE NÃO BEBIA ÁGUA

Uma característica comum à turma dos sábados no Bar de Barral era o bom humor. Cidadãos

acima de qualquer suspeita, bem-sucedidos, se encontravam naquele dia para a descontração, passar as instituições a limpo, comentar as últimas notícias, participar das primeiras audições de Alberto Hoisel.

Um dos destaques era o fazendeiro Dalmiro Freitas, o primeiro a dar a mais estrondosa gargalhada de aprovação ao último chiste do poeta, quando não o saudava com o "Hino da P."



Dalmiro Freitas aos cinquenta anos (1941) e aos oitenta (1971). Chama atenção a letra bem cuidada, na dedicatória ao filho Almir

Grande bebedor de vinho e uísque, Dalmiro gostava de promover festas em sua casa na Cidade Nova, fazendo compra de bebidas por atacado: nada de garrafas, mas engradados de cerveja, não litros de uísque, mas caixas. Quando, certa vez, lhe perguntaram sobre a encomenda de vinho, líquido que ele considerava superior à água de beber, respondeu que mandassem “branco, tinto, amarelo, vermelho, preto, marrom e demais cores existentes”, conforme relato do garçom Wilson, que serviu durante vinte e cinco anos essa fauna do Bar de Barral.

Corria a fama de que Dalmiro não se lembrara de ter bebido água nenhuma vez nos últimos vinte anos, substituindo-a por vinho, uísque e, mais raramente, cerveja. Sá Barretto resolveu tirar a história a limpo e interpelou o amigo a respeito deste momentoso problema, ouvindo a confirmação de que água “não era o seu forte.”

Diante da incredulidade do tabelião sobre tanto vinho e uísque, confessou, envergonhado:

- Na fazenda, em momentos de muita sede misturada com fraqueza, me permiti beber um ou outro copo de leite...

Considerando que Dalmiro de Lima Freitas morreu aos 92 anos, em 1983 (nascera em 1891), uma análise apressada pode nos levar à conclusão de que ele tinha a chamada “saúde de ferro”. E qualquer um sabe que ferro não se dá bem com água...

GOTAS DE FANATISMO

Ilhéus tem forte tradição na luta entre esquerda e direita. Em 1935, uma aventura de Luiz Carlos Prestes e a Aliança Libertadora Nacional (ALN)

isolou os comunistas e atraiu sobre eles o ódio implacável da reação em todo o Brasil. Aqui, o professor Nelson Schaun foi preso e arrastado por policiais na Marquês de Paranaguá. Na cadeia, foi colocado numa geladeira, além de ser submetido a outras torturas. Antes da prisão, esteve escondido num casebre (conhecido como O Chatô), especialmente construído, nos fundos da fazenda "Feliz Vivenda", de seu cunhado Geraldo Miguel (pai de D. Ivany, mulher de Alberto Hoisel), onde lhe levavam comida, a ele e sua mulher, D. Vanja, no silêncio da noite, até o dia em que ele não mais agüentou a vida clandestina e terminou preso e exposto à execração pública.

Sá Barretto registra que, do Bar de Barral, viu Nelson ser arrastado pelas ruas, sob os aplausos de Waldemar Garcia (um dos mais atuantes integralistas de Ilhéus).

- Está gritando feito um guaxinim! - festejou Waldemar - ouvindo de Sá Barretto que respeitasse, se não o professor e político, ao menos o ser humano que estava sendo enxovalhado.

Eram tempos de perseguição tenaz aos comunistas, na clandestinidade após a tentativa de novembro de 35: Felinto Müller, no Rio, caçava Luiz Carlos Prestes; em Ilhéus, o major Arsênio arrastava Nelson Schaun amarrado feito um bicho perigoso, mesmo modelo de violência repetida usado no Recife em 1964 pelo coronel Villoc contra Gregório Bezerra.

Poucos anos mais tarde, Ilhéus volta a registrar quatro episódios provavelmente de nula significação política, mas notáveis como marcos da fidelidade das lideranças: ao nascer Luiz Carlos Malaguti, filho de Perseu Malaguti, este telegrafou a Luiz Carlos Prestes dizendo que "nasceu Luiz Carlos...prestes a ser um grande homem!"; alguns

anos depois, nascia o filho único de Afonso Pinto e D. Nelsoíta, que recebeu o nome de Luiz Carlos, também uma homenagem ao líder comunista; antes desses dois, nasceu outro Luiz Carlos, filho do vereador comunista Horácio Faria; e no fim da década, 1949, Plínio Salgado batiza Maria das Graças (Gracinha), filha de Alberto Hoisel.

DE COMO NÃO VIRAR BRUXA

Todo mundo sabe que quando nascem consecutivamente sete filhas de um mesmo casal, uma delas vira bruxa perigosa, com vassoura, risada cavernosa em boca murcha e tudo. É regra sabida também que existe uma forma de evitar esse mal, que é a irmã mais velha batizar a mais nova.

Seu Geraldo Miguel e D. Úrsula não acreditavam muito nessas conversas, mas, por via das dúvidas, providenciaram urgente batizado de Nícia, a mais nova, por Ione, a mais velha.

Inicialmente, Arthur Lavigne era o padrinho escolhido, mas – segundo palavras de D. Nícia, por entre risadas, em 20 de janeiro de 2000 – “ele vivia muito preocupado com as coisas da política, não tinha tempo para fazer batizados”().*

A menina já estava com seis anos, sobre a fazenda pairava o perigo iminente de alguém virar bruxa, sair voando e dando longas risadas noite a dentro, sem que Arthur Lavigne se decidisse. Não mais querendo correr esse risco desnecessário, a família convidou Afonso Pinto (irmão de D. Úrsula), daí por diante tio e padrinho de Nícia, tio e compadre de Ione. O batizado se fez no Chalé dos Pinto, no Pontal, com toda a pompa e circunstância de que a época era pródiga.

Como nenhuma das “meninas bonitas” se transformou em bruxa (antes, pelo contrário), é possível

(*). Arthur Lavigne tinha bons motivos para esquecer compromissos sociais naqueles anos vinte. Ganhara a eleição para o período 1920-1923, pelo “adamismo”, mas o governador J. J. Seabra resolveu que o município seria dirigido pelo representante do “pessoísmo”, Eustáquio Bastos, o segundo mais votado. E assim foi feito: o que Arthur Lavigne ganhou nas urnas perdeu na força da anti-democracia em vigor.

concluir-se que a receita do batizado funciona...



A propósito do fracasso de certa iniciativa de caráter social, até agora não explicado...

A Ornitologia ensina
Mas cometeu-se essa falta:
Querer criar um pernalta
Entre aves de rapina...

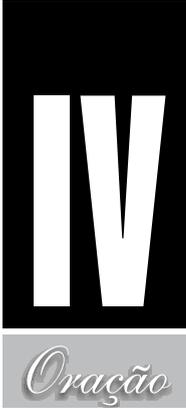
Uma das nossas instituições passou a ser administrada por um doutor em Farmácia...

Sabe-se que o mal que a arruína
É um caso de cirurgia...
Mas em vez de Medicina,
Foi à Farmacologia!...

Contudo, o caso se explica
E a escolha foi bem feita
Porque, ao que tudo indica,
O que interessa é a receita...

O "esquadrão de aço", em exibição magistral, conseguiu abater por alta contagem o bravo quadro itabunense do Arlindo Montanha...

É fato que não comento,
Caro leitor, pois bem vede:
Sendo o Bahia um portento
Só fez pôr tento na rede!...



*“Sepultado em terra espessa/
Ponham em mim um grão de
milho.../ Verão que, com novo
brilho,/ Minha vida recomeça.”*

*(Anotado num guardanapo
do bar Lindy´s
em Nova York)*

EPÍLOGO

Nunca mais o bogue no Bar de Barral, os gritos entusiasmados de Dalmiro Freitas, as piadas de Lino Cardoso, a conversa animada de Amílton Almeida, a convivência plácida e carrancuda (até o segundo copo) de Libério Menezes. Não mais a alegria esfusiante de Marcolino Cunha, os “causos” de Joaquim Neves, o riso ingênuo de Raimundo Cruz, a elegância discreta de Manuel Neves... Alberto Hoisel é o único sobrevivente de uma grande estirpe de boêmios, marca de um tempo menos áspero, uma Ilhéus de saudades. E como costuma ocorrer com os líderes, está só, último marinheiro a abandonar o barco.

Lino Cardoso morreu tranqüilamente aos 85 anos, em 1994, depois de muito caçar, muito beber e muito divertir-se; Alciato de Carvalho, bom de mero, barracuda, surubim, aracanguira, garoupa, badejo, paca, tatu, cerveja gelada e conversa quente, deixou a turma em 1989. Acostumado a lutar com peixes na ponta do anzol em alto mar, perdeu a luta contra uma trombose mal-intencionada, aos 73 anos; Tandick Rezende, companheiro mais novo, após o *enésimo* acidente de carro, em 1990, nunca mais foi visto a recitar sonetos e procurar brigas (que nunca encontrava) no Bar de Barral; Dalmiro cansou-se do vinho e do uísque, entediou-se de tanto viver e, em 1983, do alto dos seus 92 anos bem bebidos, reuniu a família, avisou que era chegada a hora, engoliu um copo d'água mineral (talvez o único de sua vida adulta), fez uma careta de desaprovação e subiu aos céus; Manuel Neves, o Nego Neves, caçador e bebedor cheio de gingas e negaças, o jornalista e poeta Gerino Passos, Raimundo Cruz, o risonho ho-

teleiro Jocelyn Macedo, Marcolino Cunha (um que saiu em 1974 e jamais voltou para animar a festa com sua clarineta e sua alegria)... o próprio Manuel Arthur (sucessor do velho Manuel Barral), pouco antes de completar 75 anos em 1987, transferiu-se, com a mesma descrição e seriedade, para o cemitério da Vitória. Como a completar esse quadro desolador de novos e indesejados tempos, o Bar Atlântico, sítio sagrado da boêmia da época, estava ameaçado de transformar-se (como de fato se transformou) numa loja de... calçados! Era demais.

Alberto resolveu fazer uma mudança radical de vida: só de birra, “arrumou” uma isquemia que o deixou semi-paralisado, deitou-se na cama com fama e tudo, parou de sair de casa, a não ser na cadeira de rodas, assistido pela enfermeira, a mulher e os filhos, não mais bebeu cerveja, virou o anti-Dalmiro Freitas: nada além de água, uma indignidade a manchar sua honrada (e bem molhada) biografia. Em horas mortas da noite, volta e meia acordava rindo a mais não poder, com as graças de Lino, o “hino” de Dalmiro, o papo de Amílton, as quadrinhas de Alciato, não raro com seus próprios chistes. Mas também de cansou desta última brincadeira.

Em 24 de fevereiro, uma quinta-feira cinzenta, percebeu que cumprira três objetivos traçados no ano passado: viu a chegada do ano 2000, completou 87 anos (até ouviu foguetes, no dia 8 de fevereiro) e participou, no mesmo mês, do aniversário da caçula Ceíça.

Missão cumprida, chutou cadeira de rodas, enfermeiro e doença, entrou resolutamente no seu antigo reduto sagrado, expulsou balconistas e clientes atônitos, depois de chamar a todos de “vendilhões do templo”, ai meu Deus!, reuniu uns amigos novos, bebeu dois ou

três engradados de cerveja, jogou bogue com um desconhecido (de quem ganhou) e atirou sobre nossa São Jorge dos Ilhéus um monte de epigramas e trocadilhos de que ela andava bem precisada. Dizem que chegou, em momento de entusiasmo, a cantar o “Hino da P.”, mas disso não há prova provada.

Mais tarde, já refletido o sol no mar da Avenida, sem tropeços na língua ou nas pernas, andou pela Marquês de Paranaguá ainda imersa em matinal madorna, pousou os olhos serenos e críticos sobre o vetusto prédio do *Diário da Tarde* (interrogou-se sobre por onde andaria Otávio Moura), lamentando ausências, desertos e abandonos. Ao sentir os primeiros raios do sol ilheense pensou “este dia vai dar praia...”, descobriu um verso de sete sílabas, rimando com caia, baia, Maia, vaia, Sérgio Naya, “paia”, raia, e riu: praia rima com saia, não rima com biquini, maiô de duas peças ou nudismo. A natureza não é perfeita...

Com passos firmes, tomou o caminho de casa, na mão direita uma caixa de bombons pras “crianças”, na esquerda um poema recém-feito, último pedido de desculpas a D. Ivany por mais um atraso “involuntário”...

Chegado em casa são e salvo, cantou, contou piadas, sorriu, deitou, morreu e subiu aos céus, onde foi recebido por um São Pedro bonachão, tendo na boca risonha um verso de Manuel Bandeira:

- Entra, Alberto. Você não precisa pedir licença...

Agradecimentos

Para este livro, realizamos cerca de sessenta entrevistas (entre agosto de 1999 e maio de 2000), umas rápidas, outras exaustivas, por telefone ou pessoalmente, muitas repetidas. Horas de gravação e muita paciência dos entrevistados foram gastas. Além da ajuda inestimável da família Hoisel (especialmente D. Ivany, Gracinha e Beto), queremos agradecer às pessoas abaixo, pela ajuda oferecida:

Abel Pereira, Aloísio Afonso de Carvalho (Biba), Álvaro Simões (Alvinho), Ana Virgínia Santiago, Antônio Francisco Lavigne de Lemos (Ton), Antônio Pinto Madureira, Antônio Olímpio Rhem da Silva, Ariston Cardoso da Silva, Ariston Cardoso da Silva Neto (*Diário da Tarde*), Carlos Oliveira Filho, Carlos Pereira Neto, Carlos Roberto Arléo Barbosa, Carlos Roberto Correia Costa, Cenildo Pinto, Cristiano Maia (*Editus/Uesc*), Dorival de Freitas, Edgar Souza, Edmundo Dourado da Silveira, Fátima Rezende, Fernando Costa Lino, Gildete Silva Cunha, Henrique Cardoso e Silva (Henriquinho), Itassucê Sá Barretto, Jacira Silveira Goulart, Janete Macedo (*Cedoc/Uesc*), João Batista dos Reis Souza (Santinho), João Hygino Filho, Jorge Saraiva Castro, José Alves Pacheco, José Fialho Costa, José Lourenço da Fonseca e Silva, José Rezende Neto, Leopoldo Campos Monteiro, Lino do Valle Coelho, Luizaldo Barreto (*Diário da Tarde*), Manoel Carlos Amorim de Almeida, Maria Angélica Vieira de Carvalho Filha, Maria Luíza Nora (*Editus/Uesc*), Maria Thais de Carvalho Alvim, Mário de Oliveira Reis, Napoleão Marques, Nícia Torres Miguel, Paulo de Marco, Paulo Kruschewsky, Pedro Matos, Raimunda Santos da Silva, Raimundo Kruschewsky, Raymundo Pacheco Sá Barretto, Ricardino Batista, Ronaldo Aragão, Ruy José Ramos, Sílvia Carmem da Silva Barral, Sílvia Correia Costa, Soane Nazaré de Andrade, Suzana da Silva Barral, Suzete Santos Freitas, Urânia Alves da Silva Barral e Wilson Leal da Silva.

Obras consultadas

O principal apoio bibliográfico de *Solo de Trombone* foi fornecido pelo Diário da Tarde. Ainda assim, os seguintes livros foram de grande utilidade:

ALMEIDA, Manoel Carlos Amorim de. *Porto de Ilhéus*. São Paulo: Edições GRD, 1996

ARLÉO BARBOSA, Carlos Roberto. *Notícia Histórica de Ilhéus*, 2a. edição. Ilhéus: Prefeitura Municipal, 1981

BEZERRA, Gregório. *Memórias* (Volume II). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980

CAMPOS, Silva. *Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus*, 2a. edição. Rio de Janeiro: MEC, 1981.

LINS, Wilson. *Musa Vingadora (Crônicas do Epigrama na Bahia)*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999

MAHONY, Mary Ann. *Revisiting the Violent Land* (em preparo). *Indiana/EUA*: University of Notre Dame/Uesc

MATTOS, Cyro de. *Ilhéus de Poetas e Prosadores*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1998

MENEZES, Raimundo de. *Emílio de Menezes, o Último Boêmio*, 2a. edição. São Paulo: Coleção Saraiva, 1949.

OLÍMPIO (Rhem da Silva), Antônio. *O Peixe do Mar no Prato*. Belo Horizonte: Editora Minas Gerais, 1987

SÁ BARRETTO, Raymundo Pacheco. *Notas de Um Tabelião de Ilhéus*, 2a. edição. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1988.

SCHAUN, Maria. *O Elo Perdido*. Ilhéus: Editus (Editora da Uesc), 1999

Créditos das fotografias

Foi impossível, tanto anos depois, identificar os autores da quase totalidade das fotos utilizadas neste livro. Diante dessa dificuldade, resolvemos creditá-las às pessoas que as forneceram. Elas estão identificadas pelo número da página e, sendo mais de um proprietário na mesma página, com o acréscimo de letras (a,b,c,d...). Neste caso, a identificação é feita a partir da primeira da esquerda, em cima, no sentido horário:

Álvaro Simões: 84b, 84c, 88b, 134c

Ana Virgínia Santiago: 28b, 69, 88a, 92, 104, 107, 134a, 146

Angelina Rezende: 124

Conceição Portela: 201

Gildete Cunha: 134b, 134d

Ivany Miguel Hoisel: 6, 8, 22, 36, 44, 56, 57, 58, 97, 142b, 148, 171, 172

Nely Monteiro de Almeida: 142a

Nícia Torres Miguel: 28a, 98a, 134e, 134f

Paulo de Marco: 78

Raymundo Kruschewsky: 75, 98b, 136

Sílvia Correia Costa: 84a, 120

Suzete Freitas: 186

Índice Onomástico

- Adonias Filho 130
 Afif Domingues, Guilherme 94 (2)
 Alcântara, José de Almeida 104
 Almeida, Amílton Amorim de 125, 128, 183, 184 (4)
 Almeida, Manoel Carlos Amorim de 125
 Almeida, Plínio de 64
 Alves (Bastos), Justino 145
 Amado, Jorge 85, 137
 Amaral, Luiz 185
 Andrade, Auro Soares de Moura 109
 Aquiles, o herói de Tróia 82
 Arsênio, o major 188
 Athayde, Telêmaco 48
 Balbino, Antônio 31
 Baleeiro, Aliomar 51
 Bandeira, Manuel 195
 Baracho, Clarêncio 25
 Barbosa, Ruy 26, 82 (2)
 Barnard, Christian 52 (2)
 Barrabás 60
 Barral, Manuel 194
 Barral, Manuel Arthur 194
 Barreto, Clíneu 48
 Barros, Fernando 71
 Barros, Nerival Rosa 95, 114, 115, 132
 Berbert de Castro, Demosthenes 88, 129
 Bernardes (de Souza), Oswaldo 112 (3), 113, 114 (2)
 Bezerra, Gregório 188
 Braga, Rubem 117
 Brandão, Carlos 51
 Brejnev, Leonid 102
 Brizola, Leonel de Moura 93
 Buck Jones 132
 Cacareco, o hipopótamo 90
 Caiado, Ronaldo 94
 Caim 129
 Cajueiro, Ruy 181
 Calmon Sobrinho, Miguel 148
 Cardoso (de Oliveira) Ariston 70, 77 (2), 126 (2), 131 (3)
 Cardoso e Silva (filho) Henrique Weyll 23, 37, 48 (2)
 Cardoso e Silva (pai), Henrique Weyll 56
 Cardoso Pinto, Nilo 25, 130 (2)
 Cardoso, Durval 48
 Cardoso, Lino 30, 108, 125, 175 (4), 176 (4), 177 (4)
 Carvalho, Alciato de 125, 175, 176 (3), 177 (4), 193
 Castelo Branco, Humberto de Alencar 185
 Castro Alves, Antônio de 26, 102
 Castro, Ronaldo Guilherme de 27
 Catalão, Eduardo 122
 Catalão, Pedro Vilas-Boas 79 (5), 80 (6), 132, 133
 Cerqueira Lima, Pedro 29
 Chagas, Sinésio 106
 Chaouí, família 55
 Chateaubriand, Francisco de Assis 72
 Cirne Lima, Luiz Fernando 61
 Coelho, Nilo 97
 Coimbra, Creso 143 (3), 180, 181 (2), 182 (2)
 Collor (de Mello), Fernando 94
 Conceição, Horizontina 67
 Correia, Rubens 135 (4), 136, 137
 Costa e Silva, Arthur da 95
 Costa, Nelson 83
 Covas, Mário 93
 Cruz, Raimundo 125, 193, 194
 Cunha, Marcolino 125, 193, 194
 Cúri, Aida 27
 De Marco, Paulo 76, 77, 105, 143 (2), 144 (2), 145 (3)
 Diabo Louro 99, 100, 101
 Diógenes, o filósofo 64
 Domingues, Heron 112
 Dorea, Ananias 32, 60, 64 (4), 106, 108 (2), 181
 Dorea, Francisco 64 (2)
 Dorea, Ulisses 64
 Dourado (da Silva), Edmundo 144 (2)
 Esteve, Barcino 66 (2), 67
 Faria, Horácio 79, 189
 Faria, Luiz Carlos 189
 Faskomy, Edson Badaró 182 (2), 183
 Freire, Roberto 93 (2)
 Freitas, Dalmiro (de Lima) 115, 125, 187 (4), 193 (2), 194 (2)
 Garcia, Waldemar (de Oliveira) 188 (2)
 Geisel, Ernesto 73
 Goular (Jango), João 43, 145
 Guimarães, Ulysses 94 (2), 97
 Hage, Carlos 15
 Hage, Jorge 15
 Hage, Roberto 15
 Higyno Filho, João 45, 105, 125, 188 (2)
 Hoisel, Beto 49
 Hoisel, Conceição Miguel 49, 194
 Hoisel, Dinah Miguel 49, 56 (2), 180
 Hoisel, Fernando Miguel 49
 Hoisel, Gustavo Miguel 49, 179
 Hoisel, Ida (Weyll) 30 (2), 48
 Hoisel, Ivany Miguel 39, 42, 45, 49, 55 (2), 62, 63, 70, 76, 119, 195
 Hoisel, Ludwig 30
 Hoisel, Maria das Graças 38, 49, 56, 189
 Hoisel, Maria Lúcia 49, 55, 180
 Hoisel, Solange Miguel 49, 56
 Hoisel, Tânia Miguel 49, 56
 Hoisel Jr., Alberto 49
 Kubitschek (de Oliveira), Juscelino 43, 81
 Lacerda, Carlos 87 (2)
 Lago, Francisco 66 (2), 67
 Lavigne de Lemos (Ton), Antônio Francisco 175 (2)
 Lavigne, Arthur 189 (2)
 Leite Mendes, Fernando 34 (2), 179
 Levita, Milton 126 (2)
 Lima, Pedro (Ferreira) 69
 Lins, Antônio 135 (2), 136
 Lins, Wilson 35
 Lira, Germano 59 (3), 60
 Lomanto Jr., Antônio 144
 Lott, Henrique Batista Duffes Teixeira 80

- Lourenço (da Fonseca e Silva), José 76, 145
Lula da Silva, Luiz Inácio 93
Lyrio, João 132
Macedo, Jocelyn 194
Magalhães (ACM), Antônio Carlos 31, 61, 96 (2)
Magalhães, Juracy 51, 82 (3)
Malaguti, Luiz Carlos 189 (2)
Malaguti, Perseu 189
Mangabeira, João 85 (3)
Maron, Emílio 86 (3), 137
Maron, Jorge 137, 138
Marques, Helvécio 85 (3), 86, 87
Marques, Napoleão 91(2)
Mattos, Cyro de 130
Mattos, Gregório de 105
Mazzili, Ranier 43 (3)
Medauar, Jorge 131
Medici, Emílio Garrastazu 61
Menezes, Emílio de 105
Menezes, Libério 125, 193
Miguel (Sobrinho), Geraldo 49, 189
Miguel Nícia Torres 49, 189, 190
Miguel, Ione Torres 49
Miguel, Ione Torres 49
Miguel, Iracy Torres 49
Miguel, Ivone Torres 49
Miguel, Jacy Torres 49
Miguel, Maria Luísa Torres 49
Miguel, Maria Úrsula Torres 49, 189 (2)
Moura, Otávio 65 (2), 79, 135
Müller, Felinto 188
Nacib, o turco 137
Nambu, Chico 106
Nasser, David 80
Naya, Sérgio 195
Nelson, o almirante 24
Neto, Francolino (Gonçalves de Queiroz) 25
Netto, Antônio Delfim 61
Neves, Joaquim 125, 193
Neves, Manuel 125, 175, 193 (2)
Nixon, Richard 102
Nobre, Nemésio 48
Nunes, Elísio 31, 50
Olinda, Horton Pereira de 143
Oliveira, Benedito 143 (3)
Pacheco, José Alves 78
Pacheco, Luís 67
Padilha, Telmo (Fontes) 112 (3), 113, 114
Passos, Gerino 194
Passos, Nestor 135
Pauling, Linus 65
Paulo Filho, M. 82 (3)
Pereira, Abel 25, 26, 122, 128
Pereira, Albino Alvarez 19
Peri Lima, Juvêncio 83 (2)
Periquitinho, o engraxate 19
Pimental, Rubem 136, 137
Pinto, Afonso 76, 189
Pinto, Astor 76
Pinto, Cícero 76 (2)
Pinto, família 49, 148
Pinto, Luiz Carlos 189
Pinto, Nelsoíta 189
Pires (de Almeida) Elias 106 (2), 108 (2), 193
Ponto, Juca 76
Popoff, Barão de 37 (2), 38, 62 (3), 63 (2), 77, 119, 180, 185
Pratini de Moraes, Marcos Vinicius 61
Prestes, Luiz Carlos 188 (2)
Quadros, Jânio 43 (2), 80 (2), 81, 89 (4)
Ramos, Augusto 66 (2)
Ramos, Oswaldo 68
Rehem, Idalzina 144
Rehem, Salomão (da Silveira) 143 (4), 144 (2)
Reis, Mário (de Oliveira) 48, 65, 143, 178
Rezende, Ernestina 127
Rezende, Tandick 125 (3), 126 (3), 127 (3), 179, 193
Rhem da Silva, Antônio Olímpio 37, 70, 83, 105, 133
Rhem, Ruy 46 (2), 83
Ribeiro Filho, Pedro 76, 143, 185
Ribeiro, Jabes 132, 133
Rodrigues, Lupicínio 71
Roma, a moça 74
Rosa (da Silva), Wilson 24
Sá (Bittencourt Câmara), Tácito 100 (3), 101 (4)
Sá Barretto, Itassucê 130
Sá Barretto, Raymundo Pacheco 70 (2), 73, 130 (2), 182, 183, 187
Sá Pereira, Antônio 56
Salgado, Plínio 56, 189
Sande, Luiz 96 (2)
Santarrita, Marcos 69
Santos, Milton 68
Santos, Roberto 96
Sapa Veiga, Leonídio 19
Sarney, José 110
Schaun, Nelson 25, 57, 76, 188 (3)
Schaun, Vanja Miguel 188
Setenta, Washington 33
Silva, Wilson Leal da 187
Soares Lopes, Antônio 178 (2)
Soledade, Herval 76, 101, 102, 122, 132, 145
Souza, Edmilson Alves de 137
Spínola, Lafaiete 105
Stalin, Iosif 103
Storino, Alberto 143
Tatu, Ruy 83
Távora, Juarez 185 (2)
Tosta Filho, Inácio 51, 60 (3)
Valente, Silvío 105
Vandré, Geraldo 25
Vargas, Getúlio 87, 115 (2), 122
Vargas, Luthero 87
Velooso, Milton 35
Ventim, Daniel 19
Ventura, Américo 144
Viana Filho, Luís 88
Vianna (Dias da Silva), Antônio 76, 129
Villoc, o coronel 188
Victorino Jr., Manuel 48
Wainer, Samuel 117
Weyll, Aristarco 48, 56
Weyll, Inês 30
Weyll, Piet 29
Weyll, Trajano 48

Sobre o autor

Antônio Lopes é jornalista de batente. Começou pelos jornais estudantis em Buerarema e Ilhéus e, no distante 1960, escreveu seu primeiro artigo, publicado no *Diário da Tarde*.

Em São Paulo, participou do lendário *Última Hora* de Samuel Wainer, encontrando ali o incentivo do jornalista ilheense Manoel Victal.

Após o golpe de 64 (quando a *UH* foi fechada) voltou a Itabuna, integrando-se ao projeto da *Tribuna do Cacaú* (de Adélcio Benício e Antônio Vianna Dias da Silva), onde trabalhou com Telmo Padilha, Milton Rosário e Arthur Brandão. Mais tarde, foi redator da *Rádio Baiana de Ilhéus* (com Myrthes Petitinga e Tony Netto) e, posteriormente, diretor da *Rádio Difusora Sul da Bahia* (então do deputado Paulo Nunes), editou os dois semanários de Itabuna (*Agora* e *A Região*), prestou assessoria ao *Ceplus* (Instituto Ceplac de Seguridade Social) e chefiou a Redação da *TV Santa Cruz*.



Lopes é dono de texto econômico, meditado, não raro irônico, traduzindo um profundo cansaço com o discurso político que o rodeia. Costuma dizer que se ganhasse pelas vezes em que editou a salvação da Pátria (em reportagens e entrevistas), estaria rico, e a Pátria salva. Mas, filosoficamente, reconhece que – apesar do discurso político repetido – ele e o Brasil continuam os mesmos: um pobre, outro na beira do abismo. Ou vice-versa.

Bolas e... Balas

O general Juárez Tavora, cujo candidatura à Presidência da República foi lançada primeiro pelo Partido Democrático Cristão, terminou suas férias em Campos do Jordão, tendo lançado um manifesto de apoio à oficialização política da UDN...

Juárez foi ao Jordão
E ao contrário do Batista
Entrou com o neo-cristão
E saiu com o udenista.

Bólas e... Balas

A respeito dos últimos acontecimentos, o brigadeiro Eduardo Gomes e o general Teixeira Lott estiveram em longa e séria conferência por telefone:

Que ninguém se impressione
Mas sua memória não falha
Do golpe a maior batalha
Travou-se por telefone!

Trovas & Sovas

A "Operação Clotungiba Colo-Colo" com resultado de 0 a 1 para o último, deixou um "saldo" de três tentos para o primeiro!

Lá do norte o campeão
Que achava de bola cheia
Não mentiu à tradição
Voltou com seu... pé de metal!

Trovas & Sovas

Em função de um dos mais cruciantes problemas regionais (a Ponte Ilheus-Pontal) trazemos a lembrança dos leitores um dos interessantes duelos

Flashes & Flechas..

O Instituto de Caetan, dizem, está com seu funcionalismo em atraso por vários meses; certamente isso não acontece quanto aos ocupantes dos seus altos postos administrativos...

De um engano não há riscos
A verdade está à mostra.
Uns têm vocação pra ostra
Outros pra outros mariscos...

Das terças às... destas

Continua sem solução o conflito irabe-israelense.

Ninguém sabe, com certeza,
Qual vencerá a porfia:
Do árabe a sabedoria
Ou do judeu a esportiza?

Das terças às... cestas

A propósito do fracasso do certa iniciativa de caráter social, até agora não explicado:

A Ornitologia ensina
Mas cometeu-se essa falta
Querer criar um pernalha
Entre aves de rapina.

Das terças às... cestas

Uma das nossas instituições passou a ser administrada por um doutor em Farmácia.

Sabe-se que o mal que a arruina
É um caso de cirurgia,
Mas em vez de edema em
Foi a Farmacologia.

Contudo, o caso se explica
E a escolha foi bem feita
Porque, ao que tudo indica,
O que interessa é a receita.